

João Fábio Bertonha R. 1963

**O Antifascismo socialista italiano em
São Paulo nos anos 20 e 30**

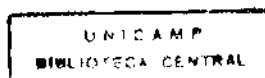
Dissertação de Mestrado
apresentada ao departamento de
História do IFCH da UNICAMP
Orientador: Prof. Dr. Michael
M. Hall
- 1993

Esse exemplar corresponde à redação final da
dissertação defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em 3/3/94

Michael M. Hall

Campinas

1993



Para aquela que
jamais se furtou de
me apoiar em todos
os momentos: minha
mãe, Mirtes.

AGRADECIMENTOS

Uma palavra sincera de agradecimento em relação ao Michael, sempre eficiente na tarefa de contornar minhas periódicas crises e de fazer a dissertação caminhar.

À minha família que, mesmo sem entender muito bem o que é a pós-graduação, nunca deixou de me apoiar no momento certo.

Aos "malas" de Itatiba, amigos fiéis sempre dispostos a aguentar o mau humor inerente, em certos momentos, a quem escreve uma dissertação.

Ao pessoal da república, porto seguro onde sempre pude ancorar nos momentos difíceis.

Aos meus amigos na UNICAMP (e são tantos...), incentivadores constantes do meu trabalho.

Ao Fernando, velho amigo que nunca me deixou na mão nos momentos decisivos.

Ao CNPQ e à FAPESP, pela ajuda financeira

Sumário

Apresentação.....	7
 <i>Parte Primeira - Introdução</i>	
Capítulo 1 - O Contexto.....	14
A imigração italiana para São Paulo.....	14
O Fascismo italiano.....	17
O Antifascismo italiano no mundo.....	20
Ação do fascismo e do antifascismo italiano em São Paulo.....	27
 <i>Parte Segunda - O Ideário dos antifascistas</i>	
Capítulo 2 - A questão do fascismo.....	34
A definição do problema.....	34
A aliança da reação.....	53
O Estado de direito: um instrumento a defender.....	64
Capítulo 3 - O porquê da militância antifascista.....	72

O caso de Antonio Piccarolo..... 72

Os casos de Francesco Frola e M. Mariani.. 85

Capítulo 4 - Um outro inimigo: o comunismo.... 100

O anticomunismo de A. Piccarolo..... 100

F.Frola, o anticomunismo e a questão das frentes
únicas..... 106

M. Mariani, o anticomunismo e a questão das
frentes únicas..... 114

Capítulo 5 - As lutas internas e o contexto externo..... 120

O conflito Frola X Concentrazione.....120

A relação com as sedes centrais do
antifascismo..... 132

Parte 3 - Táticas e Base social

Capítulo 6 - Táticas e Estratégias dos Antifascistas.....141

O apoio brasileiro..... 141

A conquista da colônia..... 170

Capítulo 7 - A Representatividade Social.... 185

O operariado.....	185
A burguesia industrial.....	193
As bases populares.....	202
A Maçonaria.....	208
Ligações com políticos brasileiros.....	211
Conclusão.....	218
Fontes e Bibliografia.....	220

Apresentação

A sociedade brasileira dos anos 20 e 30 vê ocorrer um processo de crescente despertar nacionalista. Tal despertar - que contém dimensões econômicas, culturais e estéticas - implicará, seja para conter supostas invasões, seja para conter a dissociação de uma nacionalidade que tão ambiciosamente se buscava formar, numa maior preocupação com as colônias estrangeiras existentes no país¹. Também a quebra da equação "imigrante = trabalhador produtivo e passivo", motivada pelas greves e movimentos sociais - e em especial a greve de 1917² - estimulará temores sempre crescentes em relação aos "estrangeiros inassimiláveis e perigosos". Esses fatos resultarão em consequente intensificação do esforço de assimilação interna frente aos imigrantes.

1 - Para este processo de despertar nacionalista, vide Trindade, Hégio. Integralismo - O Fascismo brasileiro na década de 30, SP, Difel, 1974, Dagnino, Evelina. State and ideology nationalism in Brazil 1930-1945, tese de doutorado, Stanford University, 1985 e Lenharo, Alcir. Sacralização da Política, Campinas, Papirus/UNICAMP, 1986. Este último livro traz também, em seu cap. 4, informações sobre as relações deste despertar nacionalista com os imigrantes.

2 - Vide Khoury, Iara. As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária, SP, Cortez e Autores Associados, 1981 e Ribeiro, Maria Teresinha. Desejado e Temido - Preconceito contra o imigrante italiano em SP na Primeira República, SP, USP, 1985

Concomitantemente, um governo de tendências novas assume o poder na Itália: o Fascismo. Ele revigora o nacionalismo italiano e procura, de forma intensa e persistente, reforçar os laços da Itália com seus emigrados, visando manter uma influência sobre estes e obter possíveis ganhos políticos, econômicos, etc³. Tal esforço, por sua vez, provocará reações e uma militância de grupos antifascistas, que lutarão por anos para combater a influência fascista entre os italianos locais.

Temos, assim, uma situação ímpar em que a comunidade italiana vive um profundo confronto entre correntes políticas oriundas da Itália ao mesmo tempo em que é induzida a integrar-se rapidamente na vida nacional. A compreensão deste momento todo especial na vida desses imigrantes, via estudo das ações fascistas e antifascistas na comunidade ítalo-brasileira e das reações desta, é a preocupação maior que norteia esse trabalho.

Dentro dessa rubrica mais ampla de "estudo das ações fascistas e antifascistas na colônia italiana", abrigam-se vários debates historiográficos. Diversos historiadores discutem a respeito dos objetivos fascistas frente às colônias, dentro de um debate maior sobre a política externa italiana do período⁴. Outros procuram

3 - Vide algumas informações a este respeito em Fabiano, Domenico. "I fasci italiani all'estero" in Bezza, B (org). Gli italiani fuori d'Italia. Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 221-236. Ver também o capítulo primeiro do presente texto.

4 - Cannistraro, Philip e Rosoli, Gianfausto. "Fascist Emigration Policy in the 1920s: an interpretive framework" in International Migration Review, v. 13, número 4: 673-692, inverno 1979, C

compreender o teor e as táticas da propaganda fascista dirigida ao exterior, com vistas a um maior entendimento da simbologia e da máquina de propaganda do fascismo⁵. Outros ainda estudam a questão da divulgação do fascismo nas comunidades italianas fora da Itália com o objetivo de abordar a questão da "Internacional Fascista", ou seja, o processo pelo qual a ideologia fascista se internacionaliza⁶.

Nossa problemática diverge, contudo, dessas abordagens (apesar de manter, é claro, relações com elas). Nosso trabalho tem, por questão central, a análise de como se deu a propaganda ideológica fascista e antifascista em direção à colônia italiana paulista e como e porque a dita colônia a recebeu e interpretou. Entendemos que essa reconstrução da luta entre fascistas e antifascistas no interior da coletividade italiana de São Paulo ainda está por ser feita, sendo de suma importância dentro do contexto da

arocci, G. la politica estera dell'Italia fascista 1925-1928, Bari, laterza, 1969 e Rumi, ?. Alle origini della politica estera fascista, Bari, 1969

5 - Childs, Harwood. "Propaganda e Ditaduras" in Relações Públicas, Propaganda e Opinião Pública, RJ, FGV/USAID, 1964, 130-147. Para um estudo introdutório sobre a simbologia fascista vide também dois artigos de nossa autoria: "A máquina simbólica do Integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30" in História e Perspectivas, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992 e "Integralismo: um movimento fascista? Uma perspectiva simbólica" in Boletim do Centro de Memória da UNICAMP, no prelo.

6 - Michel, Henri. Os fascismos, Lisboa, Dom Quixote, 1977; Kawa, Carlos. La ideologia fascista, Madrid, Jucas, 1979 e Laqueur, Walter. Fascism: a reader's guide, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1978

historiografia sobre a imigração italiana em São Paulo⁷. Acreditamos, porém, que seria difícil - senão impossível - dar ao tema toda a atenção que ele merece em uma simples dissertação de Mestrado, a qual se pretende atualmente mais uma primeira aproximação que realmente uma longa e exaustiva digressão sobre o assunto.

É nesse sentido - no de circunscrever o tema para um nível realista ao mesmo tempo em que deixam-se abertas as portas para sua posterior ampliação - que escolhemos abordar, em nossa dissertação de Mestrado, a atuação dos mais ativos antifascistas de São Paulo: os socialistas italianos, os quais centram sua militância, em grande parte, na Concentrazione d'Azione Antifascista, organismo antifascista internacional que eles representam em São Paulo e sobre a qual daremos algumas informações no primeiro capítulo dessa dissertação.

Resalte-se desde já, porém, que a nossa circunscrição do tema ao grupo socialista não se deve apenas a questões práticas. Entendemos que esse grupo é dotado de uma singularidade e importância suficientes para merecer um estudo monográfico específico (dado o alcance de seus esforços, sua ligação com um grupo antifascista de caráter internacional e sua permanência por tempo expressivo -

7 - Nos abstermos de fazer uma descrição, nessa introdução, dos debates teóricos e historiográficos a respeito de nosso tema, por considerarmos que eles não seriam compatíveis com a estrutura simplificada que pretendemos dar a ela. Se necessário, tais debates podem ser recuperados em Bertonha, João Fábio. O fascismo e os italianos de São Paulo 1919-1945, texto inédito, UNICAMP, 1992

atravessando diversas situações políticas e sociais - na militância antifascista) e que inúmeras questões ainda estão por ser respondidas a respeito dela.

Muito resta a ser desvendado, de fato, a respeito da ação da Concentrazione e dos socialistas italianos no Brasil. Quais eram suas idéias e perspectivas a respeito da luta contra o fascismo? Quais as causas de seus contínuos atritos com outras correntes do antifascismo italiano no Brasil? Em que medida a sua ação aqui respondia a estímulos originários da Europa e em que medida era engendrada e articulada com a situação política brasileira? São questões a serem respondidas no trabalho.

Entendemos, portanto, que o acompanhamento das idéias, conflitos e perspectivas dos socialistas italianos (concentracionistas ou não), de suas táticas e estratégias de luta e sobrevivência nos fornecem a possibilidade de visualizarmos um interessante microcosmo da ampla rede de relações sociais e políticas que procuramos desvendar através do estudo da presença de fascismo e antifascismo entre os italianos de São Paulo. É nesse sentido que escrevemos o presente texto.

Tal texto foi dividido em sete capítulos. No primeiro deles, procuramos apresentar ao leitor pouco familiarizado com o tema um certo volume de informações sobre fascismo, antifascismo e imigração de forma a facilitar a compreensão das discussões e informações que se seguirão.

Os quatro capítulos seguintes formam uma unidade própria. Através deles, procuramos penetrar fundo no arcabouço de idéias do antifascismo socialista italiano de São Paulo através do estudo do ideário de seus líderes chave: Piccarolo, Frola e Mariani. É nosso objetivo que estes quatro capítulos ajudem o leitor a se localizar e informar sobre a complexa e por vezes contraditória rede de pensamento que formava o antifascismo socialista italiano de São Paulo.

O capítulo seis, por sua vez, procura interrelacionar a propaganda desenvolvida pelos antifascistas com a sua equivalente fascista, de forma a podermos compreender melhor os meandros da disputa fascismo X antifascismo na São Paulo dos anos 20 e 30. O capítulo sete, enfim, vai tentar descrever os resultados dessa luta fascismo X antifascismo, verificando qual a base social que cada grupo conseguiu atingir na sua contínua disputa pela alma e pela mente dos italianos de São Paulo.

Este é, portanto, o texto que apresentamos para nosso exame de Mestrado. Longe de considerá-lo um texto completo, o consideramos como um ponto de partida para futuros estudos que nos abram as portas para o entendimento da complexa luta entre fascistas e antifascistas na colônia italiana de São Paulo nos anos 20 e 30, luta esta que apenas agora começamos a desvendar.

Parte Primeira - Introdução

"O fascismo tem a alta missão de reunir os italianos que se encontram no estrangeiro e o puríssimo encargo de manter acesa a chama do amor patriótico em torno de todos os filhos da Itália... Devemos também tentar fazer com que o produto do labor de nossos irmãos não beneficie apenas o país estrangeiro que os acolhe, mas que direta ou indiretamente ele sirva à Pátria, esta nobre mãe que não deve ser jamais esquecida"

Bartolotti, Domenico. L'oro verde del Brasile, Florença, Società Editrice Toscana, 1928, 111-112

Capítulo 1 - O Contexto

A imigração italiana para São Paulo

Mais de um milhão¹ de imigrantes italianos foram trazidos para São Paulo no final do século XIX e início do século XX. Com exceção de uma minoria, dirigida para a experiência da pequena propriedade no sul do país² e de algumas experiências anteriores com o regime de parceria³, a grande maioria dos imigrantes italianos foi canalizada para o trabalho como "colonos" nas imensas fazendas de café do estado de São Paulo, onde esperavam a realização de seus

1 - A estatística vem de Alvim, Zuleika. Brava Gente - Os italianos em São Paulo 1820-1920. São Paulo, Brasiliense, 1986, pg iii e seguintes.

2 - Sobre a experiência italiana no sul, vide, por exemplo, Azevedo, Thales de. Italianos e Gaúchos, Porto Alegre, a Nação, 1975; Cenni, Franco. Italianos no Brasil, São Paulo, EDUSP, 1978 e Petrone, Maria Teresa Schorer. O Imigrante e a pequena propriedade, São Paulo, Brasiliense, 1984

3 - Informações gerais sobre a parceria podem ser encontradas em, por exemplo, Wagner, Reinhard. "Os parceiros de Ibicaba" in Trabalhadores, 3:30-35, 1989. Sobre as razões da falência do sistema de parceria, vide Hall, Michael e Stolcke, Verena. "A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo" in Revista Brasileira de História, 6: 80-120, 1984

sonhos de "fazer a América" e de reconstruir, em alguns casos, um universo econômico e cultural que estava sendo destruído na Itália⁴

Tais sonhos começaram a ser desfeitos, com as exceções de praxe, logo na chegada. Ao invés do paraíso onde encontrariam trabalho, pão e terra, os italianos se defrontaram com uma classe política e economicamente dominante interessada em usá-los como instrumento para substituir e melhorar - segundo um viés racista - uma população já existente, a escrava⁵ e, principalmente, como mão-de-obra barata e facilmente substituível⁶

Introduzidos de forma tão abrupta num sistema montado com todo o cuidado para manter salários baixos e mão de obra sobre controle⁷ os imigrantes italianos reagiram de inúmeras formas: violências, greves⁸, etc. Outra forma de reação foi a fuga, com os imigrantes retornando à Itália ou indo para outro país de imigração.

4 - É a posição de Alvim, Zuleika. Op. Cit. Ainda sobre a emigração italiana, vide Franzina, Emilio. La grande emigrazione. L'esodo dei rurali del Veneto durante il secolo XIX, Padova, Marsilio, 1976

5 Vide Azevedo, Célia Maria Marinho de. Onda Negra. medo branco. O negro no imaginário das elites, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

6 - Vide Hall, Michael. "Italianos em São Paulo" in Anais do Museu Paulista, 29: 201-215, 1979 e "Trabalhadores Imigrantes" in Trabalhadores, 3: 2-15, 1989

7 - Os mecanismos desse sistema foram trabalhados por Michael Hall. Ver nota 6

8 - O primeiro texto a indicar a existência de tais greves é o de Michael Hall e V. Martinez Alier. "Greves de Colonos na Primeira República" in II Seminário de Relações de Trabalho e Movimentos Sociais, (mimeo), São Paulo, CEDEC, 1979

Nem todos os trabalhadores que fugiram das fazendas deixaram, porém, o país. Um número considerável foi para as cidades, especialmente para São Paulo, onde formaram a primeira geração do operariado paulista, enfrentando as vicissitudes e os problemas advindos de sua condição de imigrante⁹.

O passar dos anos foi presenciando, assim, uma alteração naquilo que denominamos de "colônia italiana". De um grupo bastante heterogêneo em origens locais, ambições, etc mas mais ou menos homogêneo em termos de inserção na sociedade paulista (trabalhadores do café), os italianos foram - no início do século XX - se incorporando econômica e culturalmente¹⁰ à sua nova sociedade e diversificando suas atividades, tendo papel chave na formação não apenas do operariado paulista¹¹, como também das classes médias¹² e mesmo da elite de São Paulo dos anos vindouros¹³.

9 - Para os efeitos da condição de imigrante sobre a organização operária de São Paulo, vide Hall, Michael. "Immigration and the early São Paulo working class" in Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas, (12): 393-407, 1975

10 - Sobre a integração cultural italiana, um livro interessante é o de Carelli, Mário. Carcamano e Comendadores - Os italianos de São Paulo: da realidade à ficção 1919-1930, São Paulo, Ática, 1985. Ainda sobre a integração dos imigrantes, alguns textos úteis são os de Baily, Samuel. "The role of two newspapers in the assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo" in International Migration Review, 12 (3): 321-340, 1978; Castaldi, Carlo. "O ajustamento do imigrante à comunidade paulistana - um estudo de um grupo de imigrantes italianos e seus descendentes" in Hutchinson, B. Mobilidade e Trabalho - Um estudo da cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, CEDRAPE, 1960 e o de Rios, José Artur. Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil, São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1959

11 - Além do citado na nota 9, vide Haram, Sheldon. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 e Martins, José de Souza. "Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914: o caso de São Paulo in Dados 24 (2): 237-264, 1981

é esta, portanto, a "colônia italiana" com a qual nos defrontamos no período que nos interessa, ou seja, o entre guerras. Não mais um simples amontoado de homens recém chegados para o trabalho no campo, mas sim uma coletividade já madura e incorporada à vida econômica, social e cultural de São Paulo¹⁴. Será esta a coletividade que se defrontará com uma nova realidade em sua Pátria mãe a partir de 1922: o fascismo.

O Fascismo italiano

Enquanto no Brasil dos anos 20, os imigrantes italianos lutavam para sobreviver, a Itália vivia as vicissitudes de sua condição de país pobre e recém saído de uma guerra¹⁵.

12 - vide Klein, Herbert. "A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos" in Novos Estudos CEBRAP, 25: 95-118, outubro 1989

13 - Vide Martins, José de Souza. Conde Matarazzo. O empresário e a empresa, São Paulo, Nacitec, 1973 e Pereira, Luís Carlos Bresser. "Origens étnicas do empresariado paulista" in Revista de Administração de Empresas, (4): 83-106, 1964

14 - Além do já citado nesse texto, gostaríamos de mencionar dois outros livros extremamente úteis para quem quer se aproximar do tema "colônia italiana". Trata-se de Historiografia da Imigração para São Paulo, de Boris Fausto (São Paulo, Ed. Sumaré, 1991), onde se faz um apanhado dos principais debates historiográficos sobre a imigração e principalmente o livro de Ângelo Trento (Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil, São Paulo, Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989), o qual se constitui, sem dúvida, no maior e melhor apanhado sobre a imigração italiana disponível no momento.

15 - As informações a seguir foram extraídas de Trento, Ângelo. O fascismo italiano, São Paulo, Ática, 1986, 5-21 e Blinkhorn, Martin. Mussolini e a Itália fascista, Lisboa, Gradiva, 1984, 27-33.

Havia uma severa crise econômica motivada pela necessidade de reconversão industrial, déficit estatal, inflação, etc. Ao mesmo tempo, a experiência da guerra produziu uma mudança nos valores e nas mentalidades e uma exacerbação da situação política. O resultado foi um caos geral, no qual a Itália estava mergulhada já em 1919.

Este foi um momento de profunda alteração e modificação da situação política italiana. É o momento em que Gabriele D'Annunzio anexa a cidade de Fiume à Itália e faz dela uma curiosa experiência política; em que os partidos de esquerda (especialmente o Partito Socialista Italiano) avançam nas urnas e em que a incapacidade dos liberais em formar um novo governo apto a eliminar a crise é manifesta. As eleições de 1919 apenas confirmaram essa situação.

Se as eleições evidenciaram a crise do Estado Liberal, esta foi reafirmada pelas agitações sociais de 1919-20. Nesses anos, a Itália foi varrida por greves e movimentos sociais diversos, que culminaram com um fato que muito impressionou os seus contemporâneos: a ocupação das fábricas. Nesse momento, operários se apossam de fábricas em toda a Itália, o que para muitos pareceu o prenúncio de uma nova revolução bolchevista. O movimento acabou por falhar, mas deixou, como veremos depois, fundas marcas naqueles que o presenciaram.

Nesse meio tempo, surgia um movimento que se propunha a resolver a crise e iniciar uma nova era para a Itália: o

fascismo. Liderado por um ex-socialista, Benito Mussolini, e incorporando tradições, obviamente remontadas e reelaboradas, dos nacionalistas, dos sindicalistas revolucionários, dos futuristas e de outros grupos¹⁶, o fascismo se utilizava da violência para conter seus adversários, ao mesmo tempo em que ia recebendo apoios de setores sociais encantados com a sua plataforma política nacionalista e anti-liberal e assustados com a "onda vermelha" anterior. Em 1922, finalmente, após a "Marcha sobre Roma", Mussolini é nomeado Primeiro Ministro da Itália.

O período de 1922 a 1925 é aquele em que Mussolini tenta criar um "regime fascista não totalitário"¹⁷, mas no qual já se inicia a marcha para a ditadura. Essa marcha foi abalada, porém, por um crime que chocou a Itália: o assassinato, pelos fascistas, do secretário geral do Partito Socialista Unitário, Giacomo Matteotti.

Tal crime afetou profundamente o governo fascista. A oposição antifascista não soube, porém, aproveitar a situação e se limitou a abandonar, em sinal de protesto, a Câmara e reunir-se separadamente. Foi o chamado "Aventino", o qual terá, como veremos, grande importância na história do

16 - Para as origens intelectuais do fascismo, vide Paris, Robert. As origens do Fascismo, Coleção Khrons 7, São Paulo, Perspectiva, 1976, 1ª Parte, itens 2 a 4, 26-51 e Roberts, David. The Syndicalist Tradition and Italian fascism, University of North Carolina Press, 1979

17 - Vide Trento, Angelo. Op.Cit., pg 24 e seguintes.

antifascismo. Com isso, Mussolini pôde superar a crise e dar a largada, de uma vez, ao processo de formação da ditadura.

Entre 1925 e 1928, o regime totalitário se afirmou, com a elaboração de leis que sufocaram o Estado de direito ainda existente¹⁸ e abriram caminho para a ditadura. Em 1929, o regime já está consolidado, mas ainda consegue outro grande êxito com a assinatura do Tratado de Latrão com o Vaticano, no qual Mussolini resolveu as divergências com a Igreja que vinham desde da unificação da Itália em 1870 e conseguiu o precioso apoio católico para o regime¹⁹. Os anos 30 verão a consolidação de tal regime, que usará de todos os instrumentos para obter o "consenso" e que só desabará em 1945 com a derrota do Eixo na II Guerra Mundial²⁰.

O antifascismo italiano no mundo

18 - Vide Trento, Ângelo. Op. Cit., 30-31; Gentile, Emilio e Felice, Renzo de. A Itália de Mussolini e a origem do fascismo, São Paulo, Ícone, 1988, 35-38 e Michel, Henri. "Fascismo italiano" in Os fascismos, Lisboa, D. Quixote, 1977, 35-55

19 - Já saíram inúmeros trabalhos sobre as relações Estado italiano e Igreja Católica durante o fascismo. Um ensaio muito interessante para nosso tema e que trabalha essa questão dando ênfase às relações da Igreja com a propaganda fascista no exterior é o de Rosoli, Gianfausto. "Santa Sede e propaganda fascista all'estero tra i figli degli emigrati italiani" in Storia Contemporanea, XVII, 2:293-315, abril 1986

20 - Uma bibliografia complementar e outras reflexões sobre a questão do fascismo podem ser encontradas em Laqueur, Walter. Fascism: a reader's guide, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1978 e em dois artigos nossos: "Integralismo - um movimento fascista? Uma perspectiva simbólica" in Boletim do Centro de Memória da UNICAMP, no prelo e "A máquina simbólica do Integralismo. Propaganda e Controle Político no Brasil dos anos 30" in História e Perspectivas, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992

A oposição ao fascismo foi sistemática desde a sua ascensão ao poder. Politicamente, a oposição ao fascismo se dividiu em dois grandes setores: aqueles que continuaram legais, não se organizaram como movimento de massa e permaneceram limitados a uma atividade meramente cultural, sem ameaçar o regime (católicos, liberais, etc) e os que se empenharam decisivamente na luta política, como os comunistas, socialistas e republicanos²¹.

Como apresentamos antes, o principal bloco de oposição ao fascismo de caráter não comunista era o Aventino, formado desde o assassinato de Matteotti por membros dos partidos socialista, republicano, popular e democratas radicais. Esse grupo considerava que, abstraindo-se da violência e explorando a questão moral, eles conseguiriam indignação pública suficiente para persuadir o rei a demitir Mussolini e restaurar a democracia. O rei preferiu, porém, confiar em Mussolini e esse erro de avaliação custou caro ao Aventino, que não se preparou adequadamente para as novas investidas do fascismo e foi, assim, derrotado.

Com a implantação da ditadura a partir de 1926, os partidos antifascistas tiveram que se transferir para o exterior. Diversos deles reorganizaram suas direções fora da Itália e, em abril de 1927, surge em Paris a "Concentrazione

21 - Essa distinção aparece na coletânea Fascismo e antifascismo (1918-1936). Lezioni e testimonianze, Milano, Feltrinelli, 1976

d'Azione Antifascista", que reunia o Partito Socialista Unitário/Partito Socialista dei Lavoratori Italiani, Partito Socialista Italiano, Partito Repubblicano Italiano, Confederazione Generale del Lavoro e a Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo, se propunha ser um cartel de partidos democráticos e que se constituiu numa quase repetição da experiência do Aventino²², com a manutenção das teses de moderação e vigilância sobre o fascismo. A "Concentrazione" atuará por anos, mas, motivada por suas contradições internas, se dissolverá em maio de 1934.

No outono de 1929, Carlo Rosselli e Fausto Nitti fundam um movimento antifascista rival à Concentrazione: o "Giustizia e Libertà". Este movimento considerava que os partidos tradicionais haviam falhado na sua luta contra o fascismo e que era necessário haver um movimento autônomo na direção da luta antifascista. Também propunha a ação direta contra o fascismo (em oposição ao imobilismo da "Concentrazione") e enfatizava a ação revolucionária e o firme combate ao Vaticano e à Monarquia.

As relações de "Giustizia e Libertà" com os partidos que formavam a "Concentrazione" foram complexas e variáveis, indo desde choques diretos²³ até o estabelecimento de

22 - Sobre a "Concentrazione", vide Delzell, Charles. "Italian antifascist strategies in the decade after Matteotti's assassination" in Italian Quarterly, XXIII, 88:47-59, primavera, 1962; Droz, Jacques. "L'antifascisme italien" in Histoire de l'antifascisme en Europe 1923-1939, Paris, Editions La Decouverte, 1985, 25-72 e Fedele, Santi. "Appunti per uno studio sul PRI negli anni della Concentrazione Antifascista (1927-1934)" in Storia Contemporanea, 6 (1): 59-84, 1975

23 - Vide Fedele, Santi. Op. Cit. para as relações do PRI com "Giustizia e Libertà".

acordos de cooperação²⁴. Com a "Concentrazione" em si, foi assinado um acordo de cooperação em novembro de 1931, pelo qual a "Concentrazione" aceitava, a exemplo do que o PSI havia feito, que "Giustizia e Libertà" fosse seu instrumento na Itália. Logo em 1932, porém, esse pacto é rompido e daí em diante as relações entre as duas organizações se deterioram, apesar das tentativas de conciliação. Essa situação só piorou com as mortes dos líderes socialistas e da "Concentrazione" Filippo Turati em 1932 e Claudio Treves em 1933.

Com a dissolução da "Concentrazione" em 1934, "Giustizia e Libertà" entra em uma nova fase, lutando na guerra civil espanhola. O movimento, no entanto, começa, por diversos fatores, a declinar. Com o assassinato de Carlo Rosselli em junho de 1937, o movimento perde mais força ainda e se desagrega²⁵.

Os comunistas também tiveram sólida atividade antifascista no entre guerras²⁶, assumindo a liderança do antifascismo quando do ocaso da "Concentrazione" e de "Giustizia e Libertà". Isolado de outras forças

24 - Em 31/7/1931, de fato, o PSI assina um acordo de cooperação com "Giustizia e Libertà" que é logo, porém, rompido. Vide Delzell, Charles. Op.Cit.

25 - As informações sobre "Giustizia e Libertà" foram extraídas das obras já citadas de Charles Delzell, Jacques Droz e Santi Fedele e de Caroci, Giampiero. "L'antifascismo" in Storia d'Italia dall'Unità ad oggi, 7ª edição, Milano, Feltrinelli, 1986, 301-311

26 - As informações sobre as atividades comunistas foram extraídas de Charles Delzell. Op.Cit., itens finais e de Spriano, Paolo. Storia del Partito Comunista Italiano, Torino, Giulio Einaudi, 1975, volume 2.

antifascistas nos anos 20 devido às decisões do Comintern mas com sólida atividade dentro da Itália, o movimento comunista readquire vigor com a mudança de rota da III Internacional, que autoriza alianças com outros partidos. O Partito Comunista d'Italia se alia, então, ao PSI e isso aumenta sua capacidade de ação.

Na guerra espanhola, o PCI lidera os antifascistas italianos. Essa predominância continuou até a assinatura do Pacto nazi-soviético em 1939, quando os comunistas consideraram a guerra como inter-imperialista e reverteram à sua política de isolamento. Só com a invasão da URSS em 1941 é que eles voltaram à estratégia das Frentes Populares, na forma de Comitês de Libertação Nacional.²⁷

Ainda nesse tópico²⁸ e ainda pensando no objetivo a que este capítulo se propõe (ou seja, orientar e preparar o leitor pouco familiarizado com o tema para as informações e discussões que se seguirão), acreditamos ser interessante apresentar uma breve história do socialismo italiano, a qual se reveste de importância pelo simples fato do grosso dos

27 - Como se percebe, o antifascismo italiano muda significativamente de orientação a partir de 1934, saindo do padrão aventinista/concentraccionista e indo para um período de predominância comunista. Não é pretensão de nossa dissertação avançar nesse período de domínio comunista no antifascismo italiano. É a razão das informações sobre as atividades comunistas serem tão escassas.

28 - Ainda sobre o antifascismo pós Concentrazione, gostaríamos de citar, a nível de orientação para o leitor, duas obras interessantes. Trata-se de Delzell, Charles. "The Italian antifascist resistance in retrospect: Three decades of historiography" in Journal of Modern History, 47:66-96, março 1975, o qual aborda a historiografia concernente ao movimento de resistência "partigiani" na Itália dos anos 40 e Argentieri, M. e outros. Fascismo e antifascismo negli anni della repubblica, nº 7 da revista "Problemi del Socialismo", Milano, Franco Angeli, 1986, que trata do paradigma do antifascismo depois da queda do fascismo.

antifascistas que estudamos serem ligados, de uma forma ou outra, ao PSI.

O "Partito Socialista Italiano"²⁹ nasce no Congresso de Gênova em 1892. Ele tem base operária, tendência marxista e nasce sob a inspiração de Filippo Turati. O PSI recebe influência da social democracia alemã e inaugura na Itália o "partido" como nós o conhecemos, com sua rede de sindicatos e associações orbitando em torno de si. A obra de organização do partido se completará com o Congresso de Parma em 1895 e a fundação do "Avanti" em 1896.

Desde seus inícios, o PSI se caracterizou por seus ideais reformistas, com os socialistas acreditando nas vantagens que o operário adquiriria atuando nas engrenagens do Estado democrático e numa transição longínqua e pacífica, porém segura, para o socialismo. As críticas aos reformistas, por parte dos assim chamados sindicalistas revolucionários, vão crescendo sem parar nos anos de vida do PSI. Em 1904, finalmente, os sindicalistas revolucionários assumem a direção do partido. Em 1908, porém, os reformistas retomarão tal controle. Esse conflito reformistas X sindicalistas revolucionários marca a história do Partido Socialista Italiano nesses anos.

O partido, fiel à sua tradição pacifista, pregará a não entrada da Itália na I Guerra Mundial. Quando isso se dá, o

29 - As informações a seguir vem de Arté, Gaetano. Storia del socialismo italiano, Torino, Einaudi, 1965

partido permanece numa posição neutra e, quando termina a guerra, o PSI vê surgir novas divisões em seu seio: reformistas X maximalistas³⁰.

O partido sai da guerra, assim, com novas divisões em seu interior. Ele está dividido, agora, em três alas: os tradicionais reformistas, os assim chamados maximalistas (que controlam o partido nesse momento, acreditavam que o pós guerra era o momento ideal para se dar o golpe de morte no capitalismo e apoiavam a Revolução Russa.) e a ala centrada ao redor de Gramsci e da revista "Ordem Nova". As contradições e discordâncias entre os três grupos em vários assuntos (movimento operário; revolução russa; combate ao fascismo) é tão intensa que o PSI sofre cisões no início dos anos 20: os reformistas criarão o Partido Socialista Unitário (PSU) e a ala de Gramsci vai criar o Partido Comunista d'Italia.

O novo Partido Socialista Italiano, livre de suas alas reformistas e comunistas, procurará se conservar marxista, mas independente dos comunistas e participará, junto com o PSU, da "Concentrazione". Em 1930, os reformistas retornam ao PSI, que se encaminha, sob a liderança de Pietro Nenni, rapidamente para a esquerda e para uma política de alianças

30 - . Sobre a oposição reformista e maximalistas utilizamos, além de Arfé, a obra de Guichonet, Paul. "O socialismo italiano" in Broz, Jacques. História Geral do Socialismo, Lisboa, Livros Horizonte, 1977, 202-230

para combater o fascismo ³¹. Será o início de um processo de radicalização do PSI que culminará com a falência da "Concentrazione" em 1934 e com os acordos PSI/PCI do mesmo ano, os quais guiarão o partido até o Pacto Germano-soviético de 1939.³²

Ação do fascismo e do antifascismo italianos em São Paulo

Desde o início de suas atividades, o Partido Fascista (e depois o governo fascista) procurou transferir seus ideais para seus concidadãos residentes no exterior. Nesse sentido, foi feito todo um esforço no sentido de manter viva a italianidade entre os imigrantes e seus descendentes e de inculcar a ideologia fascista entre eles, de forma a manter os laços entre as comunidades italianas espalhadas pelo mundo e a Itália fascista ³³.

31 - Um excelente artigo sobre o PSI pós 1930 é o de Leonardo Rapone: "Il PSI tra Pietro Nenni e Angelo Tasca" in Collotti, Enzo. L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre, Milano, nº especial da revista Annali, Fondazione Giacomo Feltrinelli, 1983/84, 663-710

32 - Ainda sobre o Partido Socialista Italiano, vide Colarizi, Simona. "Il Partito Socialista Italiano in esilio (1926-1933)" in Storia Contemporanea, I: 47-91, março/1974

33 - Note-se que essa política da Itália fascista de manutenção de contatos com as comunidades emigrantes não é exclusiva do Brasil: todos os países de imigração italiana foram afetados. É nossa pretensão futura fazer um estudo comparativo entre a situação do fascismo e do antifascismo italianos

São Paulo não fugiu à regra³⁴. Desde 1923, começam os esforços fascistas para cativar os italianos e seus filhos residentes no Estado³⁵. É principalmente a partir de 1928, porém, com a chegada dos cônsules "fascistas" ao Brasil³⁶, que os esforços fascistas serão redobrados, com todos os meios sendo empregados na tarefa de cativar os imigrantes.

E que meios seriam estes³⁷? Na realidade, o fascismo se serviu de duas vias principais para a busca do consenso no seio da comunidade italiana. De um lado, procurou-se fazer uma penetração direta nesta comunidade através da expansão

nos diversos países de imigração italiana. Tal trabalho seria impossível, porém, numa simples dissertação de Mestrado, razão pela qual não o fazemos.

Sobre esse esforço do governo fascista em promover e divulgar o fascismo entre os italianos no além mar, vide, por exemplo, Bray, Paul. "Francesco Fantin: internment and anti-fascism in Australia" in *Studi Emigrazione*, XXVI, 94:221-246, junho/1989 e Cannistraro, Philip e Rosoli, Gianfausto. "Fascist Emigration Policy in the 1920s: an interpretive framework" in *International Migration Review*, 13:673-692, 1979

34 - Cumpre ressaltar que São Paulo não foi o único estado brasileiro afetado pela propaganda fascista. Também os estados do Sul viveram essa situação. Vide a respeito Corsetti, Nerenice. "A Reação do Estado Novo aos movimentos políticos da zona de colonização italiana do Rio Grande do Sul" in *História: ensino e pesquisa*, 2 (86): 33-54, 1986 e Giron, Lorraine Slomp. "O fascismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul" in *História: ensino e pesquisa*, 2 (86): 55-64, 1986. A mesma autora publicou recentemente uma tese a respeito do fascismo na região colonial italiana gaúcha: Nas sombras do Littorio - O fascismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul, tese de doutorado, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1989

35 - Destaque-se que essa população de origem italiana era muito importante no conjunto da população paulista do período. Ricardo Seitenfus (O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942. O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1985, parte 2, cap. 3), por exemplo, calcula em dois milhões o número de italianos e descendentes presentes no Estado nos anos 20.

36 - Ver Cervo, Amado Luiz. As relações históricas entre Brasil e Itália - O papel da diplomacia, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992, cap. 5

37 - Um verdadeiro manancial de informações sobre a ação fascista no Brasil pode ser localizado em Trento, Angelo. Op.Cit., cap. 6, 267-404

da rede consular e da implantação, em São Paulo, de órgãos fascistas propriamente ditos: os "Fasci all'estero"³⁸, os "Dopolavoro"³⁹, etc

Ao mesmo tempo em que implantava seus instrumentos de propaganda e doutrinação no Brasil, o fascismo italiano ia agindo por outras vias no esforço supremo de conquistar as mentes e as almas dos italianos residentes em São Paulo. Nesse sentido, o consulado italiano foi agindo, no decorrer de todos os anos 20 mas mais especialmente após a chegada em São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini (dedicado propagandista do regime) em 1928, com a intenção de controlar todos os órgãos que davam vida à assim chamada "colônia italiana". Escolas, jornais, associações (...), todos esses órgãos foram caindo um após o outro sobre o controle do fascismo, que os transformava em novos instrumentos para a difusão dos valores do regime. Após essas conquistas pareceria, a um observador incauto, que não havia mais oposição ao controle fascista no seio da coletividade italiana.

Essa impressão não é, porém, verdadeira. Desde os inícios da penetração do fascismo em São Paulo, este

38 - Sobre a estrutura dos fasci all'estero, vide Fabiano, Domenico. "I fasci italiani all'estero" in Bezza, B (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 221-236 e Santarelli, Enzo. "Intorno ai fasci all'estero" in fascismo e neofascismo, Roma, Riuniti, 1974, 113-133

39 - Sobre o Dopolavoro, vide Grazia, Victoria de. "La Taylorisation des loisirs ouvriers: les institutions sociales de l'industrie dans L'Italie fasciste" in Recherches - Le soldat du travail, n.º 32-33: 209-248, setembro/1978

enfrentou a contínua oposição de homens que não concordavam com os atos do regime de Mussolini e que traziam essa luta para a terra paulista, conforme veremos a seguir.

A primeira manifestação sistemática de antifascismo italiano em São Paulo⁴⁰ foi a fundação do jornal "La Difesa" em 1923, por iniciativa de Antonio Piccarolo, um socialista italiano radicado no Brasil desde 1908 e muito ativo na vida da coletividade⁴¹ e apoio das lojas maçônicas Andrea Costa e Guglielmo Oberdan (socialista e republicana, respectivamente).

Em 1925, os antifascistas aglutinados em torno de "La Difesa" conseguem criar a primeira instituição antifascista real: a "Unione Democratica", sendo "La Difesa" seu órgão oficial. Tal associação obrigava-se a apoiar os italianos discriminados pelos agentes do governo italiano e oferecer proteção contra os "ultrajes" do fascio local, o que levou a vários atritos judiciais com este.

No início de 1926, uma assembléia da "Unione Democratica" a filia à LIDU (Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo) e, ainda nesse ano, Piccarolo abandona - pelo que consta, por razões pessoais - a direção do "La Difesa"

40 - É importante notar que o antifascismo cujas atividades serão descritas a seguir é aquele relacionado ao socialismo italiano de São Paulo. Existiram, porém, outros antifascismos em São Paulo no período, como os de Nino Daniele e Alessandro Cerchiai, os quais não serão, contudo, mencionados nesse capítulo introdutório devido ao fato de nossa dissertação se concentrar no primeiro grupo.

41 - Sobre Piccarolo, vide Andreucci, Franco e Detti, Tommaso Il movimento operaio italiano - Dizionario biografico 1853-1943, Roma, Riuniti, 1975, vol 4, 121-123 e especialmente Hecker, Alexandre. Um socialismo possível - A atuação de Antônio Piccarolo em São Paulo, São Paulo, I.A. Queiroz, 1989

(apesar de continuar trabalhando no jornal) e a transfere para o conde Francesco Frola⁴², recém chegado da Europa⁴³.

Frola introduz mudanças no jornal e consegue se assenhorar da "Unione Democratica", mudando seu nome para "Lega Antifascista". Lentamente, Piccarolo, que mantém o controle da seção paulista da "Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo" (LIDU) e o apoio dos republicanos italianos (antes congregados nos "Circoli Mazzini" e desde novembro de 1927 numa verdadeira seção do Partito Repubblicano Italiano), entra em atrito com Frola.

Em abril de 1927, forma-se em Paris a Concentrazione Antifascista, à qual Frola solicitou a adesão de sua "Lega". Quem, no entanto, obteve a permissão para criar uma seção paulista (com a LIDU e o PRI) foi Piccarolo, que criou o jornal "Il Risorgimento" justamente para servir de porta voz à sua corrente. O atrito Frola X Piccarolo continuou, então, até a saída de Frola do "La Difesa" e da "Lega Antifascista" em 1930. O "La Difesa" e os órgãos antifascistas de São Paulo passarão, então, ao controle de dois novos personagens recém chegados à São Paulo: Mario Mariani e Nicola Cilla⁴⁴,

42 - Há poucas informações sobre o conde Francesco Frola. Vide Andreucci, Franco. Op.Cit., vol 2, pg 397 e dados exparsos em Trento, Ângelo. "O antifascismo" in Op.Cit., 346-387

43 - A chegada de Frola ao Brasil foi atribulada, com o governo brasileiro sendo induzido pelo italiano a bloquear seu desembarque, o que levou a uma campanha pró Frola entre os antifascistas. Para maiores dados a esse respeito, vide Frola, Francesco. Da Parigi a São Paulo (Storia Documentata d'un fiasco fascista), São Paulo, La Libertà, 1927

44 - Vide Andreucci, Franco. Op.Cit. vol. 2, 43-45 para a biografia de Cilla, além de dados exparsos sobre Cilla e Mariani na obra, já citada, de Ângelo Trento.

os quais liderarão - junto com Piccarolo - os antifascistas concentracionistas de São Paulo praticamente até o fim da "Concentrazione" (e do "La Difesa") em 1934.

No tocante a Frola e Piccarolo, suas histórias de vida divergem nos anos 30. Frola, após sair do "La Difesa", irá para a França e depois para a Argentina, retornando ao Brasil em 1931 e reiniciando sua vida de agitador antifascista e de criador de polémicas com outras correntes do antifascismo. Ele se naturalizará em 1933, se transferirá para o Rio de Janeiro em 1934 e para o México em 1938, onde terá sólida participação na campanha pela nacionalização do petróleo mexicano. Retornou ao Brasil em 1954, onde ficou até morrer. Já Piccarolo continuará sendo um intelectual antifascista, mas se absterá de maior envolvimento no antifascismo pelo menos até a entrada do Brasil na II Guerra Mundial em 1942 ⁴⁵

Este é o quadro geral do antifascismo ítalo-brasileiro nesses anos 20, início dos anos 30. É um período marcado pelo predomínio do socialismo italiano na luta contra o fascismo em São Paulo e por agudas divergências internas sobre o como e o porquê dessa luta. Avançar no entendimento dessa luta e dessas divergências é o nosso objetivo a partir de agora.

45 - Para o renascer do antifascismo nesse período, vide Trento, Ângelo. Op.Cit., pg 398 e seguintes.

Parte 2 - O ideário dos antifascistas

"A história do antifascismo em São Paulo terá que ser escrita mais cedo ou mais tarde. O nome de Antonio Piccarolo encherá então as suas páginas. Piccarolo, Froia e Mariani; eis aí os três mosqueteiros do liberalismo italiano no estrangeiro"

Jornal Correio Paulistano 17/8/1946

Capítulo 2 - A questão do fascismo

A definição do problema¹

O Primeiro ponto a respeito do qual devemos fazer observações é sobre a visão de fascismo que aparece nas publicações dirigidas pelos antifascistas concentracionistas. Claro que esta não é uma visão absolutamente uniforme, apresentando diferentes nuances conforme o articulista e o momento. Alguns pontos básicos, contudo, puderam ser evidenciados. Aproximemo-nos, em primeiro lugar, das primeiras impressões de Piccarolo² em relação ao fascismo, impressões estas manifestas nas páginas da "Rivista Coloniale".

1 - Um risco que corremos ao tentar elencar e comparar as definições de fascismo dos diferentes líderes antifascistas nos anos 20 e 30 é o de fazer aquilo que Castoriadis chama de racionalização retrospectiva, ou seja, dar coerência e sentido a algo que talvez não fosse tão coerente assim para os agentes do período. Tal risco é real no nosso caso - dado o choque que foi a ascensão ao poder do fascismo e a dificuldade da esquerda em compreendê-lo - mas entendemos que devemos enfrentá-lo.

Sobre isto, ver Castoriadis, Cornélio. A Instituição Imaginária da Sociedade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982

2 - Por todo esse capítulo, utilizaremos o termo "concentracionista" para nos referirmos aos antifascistas ligados à Piccarolo entre 1928 e 1929, quando ele e seu jornal se assumem como tais. Para outros períodos, a utilização desse termo seria incorreta e utilizaremos, no lugar, os termos "grupo de Piccarolo" e equivalentes.

O final da I Guerra Mundial encontra um Piccarolo entusiasmado com a vitória aliada e com a derrota da tirânia germânica³, as quais abririam uma nova e radiante fase para a humanidade. Quando a década de 20 se inicia, ele parece estar mais preocupado com a ameaça bolchevique que a ocupação das fábricas na Itália representaria⁴ que com o movimento fascista, sobre o qual não se fazem referências explícitas nesse momento.

A primeira menção direta ao fascismo só vai surgir em 1921⁵. É a partir desse período que a indiferença de Piccarolo e seu jornal começa a dar lugar a um certo interesse em relação ao Partido Nacional Fascista. As primeiras impressões de Piccarolo (de 1922/23) não são, de fato, muito positivas (o partido fascista era "contra tudo e todos", sem doutrina e programa definidos, etc⁶) e ele tenta demover aqueles que vêm no fascismo uma revolução⁷. Ele ainda consegue, contudo, ver pontos positivos na

3 - Vide Piccarolo, A. "Le prime conseguenze della guerra" in Rivista Coloniale (RC) IX/11: 246/248, 30/11/1918.

4 - Vide Doctor Alpha. "Scrutando il domani" (RC, XI/9, 30/9/1920) e "Alma Mater Gentium" (RC, XI/11: 245/246, 30/11/1920) onde se menciona o perigo do bolchevismo e uma suposta consciência liberal dos italianos, a qual os imunizaria de quaisquer devaneios autoritários, seja por parte do bolchevismo seja por parte da "reação".

5 - Vide RC XII/4: 27, 28/2/1921 e XII/6: 44/46, 22/3/1921

6 - Vide "Nuovi Orizzonti Migratori" (RC, XIII/17 a 20: 113-114, 11/12/1922) e uma retrospectiva do próprio Piccarolo em "Dietro il carro del Vincitore" (RC, XIV/1 a 4: 8 e 9, 1923)

7 - Vide Pilo, Rocca. "Crisi Costituzionale" in RC XIII/17 a 20: 119-120, 11 e 12/1922 e Pan. "Dietro il carro del vincitore" (citado)

escalada do fascismo ao poder⁸ e tem mesmo esperanças de que ele possa fazer algo de bom pela Itália⁹.

A medida, porém, que a "consciência liberal"¹⁰ italiana não impedia o movimento de Mussolini de se cristalizar no poder, ele vai assumindo uma posição cada vez mais militante na luta contra o fascismo¹¹. Suas ações contra ele passam de artigos esparsos na "Rivista Coloniale" e no "Piccolo" para a formação, junto com outros antifascistas, de órgãos específicos de luta contra o fascismo: surge o jornal "La Difesa" em 1923 e a "Unione Democratica" em 1925.

Já nesse momento, as reflexões de Piccarolo passam a tentar dar conta de explicar a aparentemente incompreensível (dada a "liberalidade italiana" de que já falamos) permanência de Mussolini no poder. Começam a se delinear -

8 - Trata-se da vitória sobre o bolchevismo representado pela "ocupação das fábricas" de 1919. Será um crédito que Piccarolo dará ao fascismo nas suas primeiras análises (Vide o artigo "Cercando la verità" in Il Piccolo 28/8/1922) mas que retificará com vigor logo em seguida.

9 - Vide "Dietro il carro del vincitore", citado. Em "Crisi Costituzionale" (RL, citado), ele também manifesta uma opinião otimista de que, se o fascismo se revelasse, como tudo indicava, um instrumento anti-liberdade, não haveria grandes problemas, pois ele seria vencido pela "consciência liberal" que os séculos haviam dado ao povo italiano.

10 - Vide notas 3 e 8.

11 - Ainda assim, não se manifesta, nesse período, a intensa luta contra os órgãos representativos italianos de São Paulo que caracterizará a ação dos concentracionistas em anos posteriores. Por exemplo, ainda em 1924 (em pleno governo fascista), há uma longa notícia na Rivista Coloniale (XV/1 e 2, 1/1924) comunicando à colônia a chegada da belonave "Itália" e convidando a todos para a recepção dos marinheiros.

ainda que de forma cautelosa e prudente¹² - concepções que identificarão o pensamento de Piccarolo e de sua corrente dentro do universo antifascista italo-brasileiro dos anos 20 e 30. Identificar essas matrizes do pensamento de Piccarolo é a tarefa a que nos propomos cumprir agora.

A primeira chave do pensamento de Piccarolo com relação ao fascismo é sua visão deste como um acidente histórico. Segundo Renzo de Felice¹³, foram três as mais importantes interpretações do fascismo no momento em que ele se desenvolvia: doença moral da Europa, consequência lógica do desenvolvimento histórico de certos países e manifestação antiproletária e imperialista do capitalismo.

O antifascismo ligado a Piccarolo em São Paulo, durante a década de 20, parece ter privilegiado a explicação moral para a avalanche fascista. Dentro dessa concepção, o fascismo teria sido um acidente (dado que não foi pensado nem desejado por ninguém) causado pela I Guerra Mundial; um pesadelo sem importância no desenvolvimento histórico e, portanto, desprezível.

Os indícios nesse sentido são abundantes nas páginas dos jornais que o grupo ligado a Piccarolo publica. Nesta passagem, por exemplo, ressalta-se o caráter accidental do fascismo, sem que nada indicasse que ele deveria ocorrer:

12 - Vide Piccarolo, Antonio. "Finanza ed economia nel discorso del Ministro di Stefani" in La Difesa (11), I/2, 21/4/1923 e "Le conseguenze psicologiche della guerra" in LD, I/11, 25/8/1923

13 - De Felice, Renzo. Explicar o Fascismo, Lisboa, Ed. 70, 1976

"(na Itália) depois das inevitáveis desordens do pós guerra, as coisas andavam se acalmando por lei natural, como ocorre com a água depois da tempestade, e o país logo retornaria à serenidade... O déficit financeiro... em 1922 descia para menos de cinco bilhões; a agricultura, a indústria, o comércio retomavam o seu curso normal. Tudo fazia prever uma próxima e completa reorganização, quando intervieram os homens da desordem... do lado oposto, do lado da reação. Estes, com uma revolução bufa, com uma marcha ainda mais bufa sobre Roma, apropriaram-se do poder, erigiram a violência à sistema de governo"¹⁴

Um outro exemplo dessa visão (que minimiza a importância do fascismo e o esvazia de significado) que o antifascismo do grupo de Piccarolo apresenta pode ser localizado nessa transcrição, que o "Il Risorgimento" extrai da revista portuguesa "Seara Nova":

14 - Piccarolo, Antonio. "La lezione delle elezioni francesi" in Il Risorgimento (IR), 10, 1/5/1928.
 Nota: as citações em italiano foram convertidas para o português.

Tal como o vemos o fascismo não é outra coisa senão uma das graves doenças morais e espirituais ocasionadas pela guerra. Não se trata de uma evolução normal da sociedade; trata-se, sim, de um desvio mórbido, que encontrou germens anteriores e uma atmosfera maravilhosamente preparada pela decadência das personalidades políticas bem intencionadas e pela lentidão da democracia em organizar-se segundo as necessidades novas do mundo.

A guerra não produziu apenas males físicos: não fez só mutilados, estropiados, gaseados, invalidos. O sangue derramado em semelhante hecatombe impregnou a atmosfera que respiramos de um perfume acre de violencia, de cupidez, de animalidade e" (...) [daí] "a megalomania, a exasperação mórbida, como ali, da personalidade, o culto à violência, o predomínio das forças instintivas sobre a Razão, o sadismo moral, o amor da Guerra e do Domínio (...) " 15

15 - Proença, Raul. "O fascismo" in IR, 9, 1/5/1928

É na transcrição de um artigo de Filippo Turati de 1929¹⁶ porém, que essa visão de fascismo como acidente está mais transparente. Nesse artigo, Turati discute se o socialismo morreu na Itália, demonstrando que nem toda a fúria bárbara do fascismo conseguiu abalá-lo e que o uso incessante da violência mantém apenas um domínio imediato do fascismo: nada poderia alterar as leis da evolução social. Uma hora, quando as coisas retornassem ao seu estado natural (uma visão de progresso linear da sociedade), o capitalismo voltaria a ser capitalismo (e não feitor de escravos) e o socialismo, a sombra que o acompanha, retornaria glorioso (já que moraria no "profundo humano como uma força invencível da natureza"). O fascismo seria, então, apenas um sonho mau. Seria a função dos antifascistas se prepararem para este dia glorioso¹⁷.

Ainda dentro desse raciocínio de crença na evolução natural da sociedade, o jornal publica, nessa mesma edição, um outro artigo¹⁸ em que se afirma que o pesadelo fascista

16 - Turati, Filippo. "Primo maggio di rinascita" in IR, II/43, 1/5/1929

17 - Na mesma edição, há um outro exemplo dessa concepção. Sob o título "Concentrazione di Azione Antifascista - 1/5/1929", surge uma argumentação curiosa, falando - se dos belos tempos de outrora, quando a ascensão humana em direção à bondade e ao progresso parecia inevitável e do surgimento do fascismo, praga que se aproveita do atordoamento que a tormenta guerreira causou na Itália para surpreendê-la e conquistá-la.

18 - - ----- IR, II/43, 1/5/1929

pode até ser positivo: Ele um dia terminará naturalmente¹⁹ e, dado que da dor e do sofrimento nascem os germes de uma nova civilização, uma nova e renovada sociedade surgirá na Itália.

Em outros momentos, os concentracionistas não são tão diretos na manifestação de suas opiniões, mas mesmo assim fornecem informações que parecem confirmar a sua visão de fascismo como "acidente, derrapada moral". É o caso de suas contínuas referências ao imediatismo fascista²⁰ e à sua violência²¹, inerente e que teria sido determinação chave para explicar a conquista do poder - um acidente que nunca deveria ter ocorrido pela lei da evolução social - pelo fascismo. Alceste de Ambris chega a escrever que o fascismo é possível sempre que um bando de aventureiros se aproveita da debilidade de um povo para subir ao poder ²².

19 - Chega a ser realmente espantoso como esse grupo de antifascistas interpreta sempre quaisquer sinais de dificuldade do fascismo como prova de sua queda eminente (vide, por exemplo, "La crisi del fascismo" in LJ, III/68 18/4/1926). Se pensarmos com cuidado, porém, essa percepção não deve nos espantar. Qual o mais lógico fim de um regime que ninguém realmente queria e que se apossou do poder por acidente que a sua dissolução do dia para noite, frente às inexoráveis forças da história?

20 - Vide as palavras de Antonio Piccarolo no IR, II/31, 7/2/1929 ("La vecchia questione della nazionalità"), onde se fala do imediatismo fascismo como um esforço diário para deter o seu inevitável final.

21 - As referências à violência fascista são tão abundantes nos jornais ligados à Piccarolo que fica difícil selecionar exemplos. Vide, apenas a título de ilustração, os artigos "La storiella dell'italianità" in LJ, II/29, 28/6/1924; Pistocchi, Mario. "La nascita del fascismo" (IE, II/37, 21/3/1929); e "I delitti del fascismo. Apostoli della violenza del delitto" (LJ, III/53, 3/1/1926)

22 - Vide De Ambris, Alceste. "In difesa del popolo italiano" in IR, II/31, 7/2/1929

É nos livros escritos por Piccarolo no decorrer dos anos 30, porém, que a sua concepção de fascismo vai sendo refinada e melhor explicitada. Nesses textos, ele explica separadamente a criação do movimento fascista e a sua ascensão ao poder. No primeiro caso, ele retoma a identificação do movimento fascista como um subproduto da Primeira Guerra Mundial:

"O fascismo é o que os italianos chamam de resíduo de guerra, isto é, uma consequência do estado anormal de inquietação e desordem que todas as guerras deixam atrás de si, sobretudo da insatisfação e descontentamento dominante e muitos que, depois de acabada a guerra, se viram obrigados a voltar à antiga vida em condições piores do que antes. Diversas foram as formas por que se manifestou esse estado de inquietação e de mal estar: primeiro foi a aspiração a uma palingênese social nebulosa que, através de uma série de violências e desordem chegou até a ocupação das fábricas e à tomada de posse dos instrumentos de produção. Falhada essa esperança, diante do insucesso clamoroso dessa tentativa, tomaram outro caminho, modificaram a sua tática e nasceu o fascismo, que, nas suas origens e nos seus primeiros passos, outra coisa não foi senão a

expressão confusa dessa inquietação e desse descontentamento pré-bélicos.²³

Explicada a criação do fascismo pela guerra, Piccarolo passa a explicar a sua subida ao poder. Nesse sentido, ele considera que a ocupação das fábricas (liderada não pelos comunistas, mas por Mussolini) falhou devido à incapacidade operária de geri-la. O bolchevismo ficou, assim, desacreditado. O insucesso das ocupações deu à classe patronal, contudo, mais poder. Enquanto isso, o fascismo, pelo insucesso na operação, caiu no esquecimento.

Vemos, assim, uma classe dirigente vencedora e desejosa de eliminar para sempre o perigo operário e um grupo de aventureiros desocupados e dispostos a tudo. O acordo foi fácil: o fascismo esqueceu seu antigo ideal revolucionário e aderiu à reação, tomando facilmente o poder.²⁴

Vemos, assim, como a concepção de Piccarolo se refina e se radicaliza um pouco no decorrer dos anos 30, mas mantendo as matrizes básicas de pensamento que vinham desde os anos 20. Cumpre ressaltar também, a respeito dessa visão de fascismo de Piccarolo e de seu grupo de antifascistas, que ela não é, de forma alguma, uma novidade ou especificidade

23 - Piccarolo, Antonio. "História das Doutrinas Políticas" in Revista do Arquivo Municipal, LXXXI, São Paulo, Depto de Cultura, 1942, cap. 22, 150-151. Outra análise de Piccarolo nesse sentido está no prefácio que ele escreveu para a obra de Francesco Nitti Problemas Contemporâneos - Sociologia, Economia e política, São Paulo, Livraria José Olympio Ed., 1933, 5-10

24 - Vide Piccarolo, Antonio. Iniciação à economia Social, São Paulo, Record, 1936 e "A Sociologia na atualidade brasileira", Conferência de 1935, Arquivo Antonio Piccarolo, Instituto Italiano di Cultura/SP

criada no Brasil. A visão de Piccarolo nada mais é que aquela manifestada pelos socialistas reformistas italianos, que consideravam o fascismo como uma aventura de um bando de violentos ou ainda um produto psicológico da guerra ²⁵

A influência de um referencial externo é, portanto, clara e facilmente compreensível, dado o esforço intelectual que se fazia entre os socialistas italianos espalhados pelo mundo nesse momento para se compreender as origens, natureza e destinos do fascismo. Um exemplo de autor muito fecundo nesse aspecto é a que os concentracionistas brasileiros não cessam de se reportar é Gaetano Salvemini²⁶

Piccarolo não é, pois, um pensador desconectado do resto do mundo, mas um homem que acompanhava a produção intelectual que o cercava e a reelaborava segundo seu próprio pensamento e interesses.

O antifascista que sucedeu Antonio Piccarolo na chefia da Concentrazione no Brasil, Mario Mariani, também não foge deste padrão de profunda interrelação com o pensamento produzido nas sedes centrais do antifascismo, na Europa. Não é espantoso, assim, que ele e seu grupo reproduzam a visão de fascismo já tradicional do Partito Socialista Unitário

25 - Vide Colarizi, Simona. "Il Partito Socialista Italiano in esilio (1926-1930)" in Storia Contemporanea, 1: 47-91, março 1974. Vide também Felice, Renzo de. Op.Cit., parte II

26 - Em relação às obras de Salvemini vide La dittatura fascista in Italia, New York, Nuovo Mondo, 1929; Qué hacer con Italia?, México, Fondo de Cultura Económica, 1943 e Le origini del fascismo in Italia - Lezioni di Harvard, Milano, Feltrinelli, 1966. Sobre Salvemini, vide Tranfaglia, Nicola. "Gaetano Salvemini - Storico del fascismo" in Studi Storici, ano 29, nº 4: 903-923, 10/12 1988 e Killinger, Charles. "Gaetano Salvemini e le autorità americane. Documenti inediti del FBI" in Storia Contemporanea, XII, 3:403-439, 1981.

(PSU), a qual identifica o fascismo como um acidente histórico:

"A Marcha sobre Roma não foi revolução, mas assalto, sob os olhos complacentes da dinastia, de um punhado de bandidos, ao tesouro já reduzido da Nação.

É falso que tenha salvado a Itália. Depois do abalo da reorganização econômica, súbita no imediato pós-guerra e comum a todas as nações européias, a Itália estava se dirigindo, repacificada e cheia de concórdia, a livres e luminosos destinos, quando o salto de pantera de um ambicioso precipitou a burguesia na vingança, atirou o povo todo na discórdia, no terror, na dor."²⁷

Também nas suas referências à violência²⁸ e ao imediatismo²⁹ fascista temos indicações da manutenção da

27 - "Italiani di São Paulo! Italiani del Brasile!" in LD, VIII/377, 28/10/1931

28 - Mariani, Mario. "I consoli fascisti - quali rappresentanti d'italianità" in LD, VI/297, 9/2/1930

29 - Vide Mariani, Mario. "Disperatamente" in L'Italia (LI), VIII/446, 8/3/1932 e "Un'altra truffa del fascismo ai danni dei lavoratori" in LI, VIII/440, 1/5/1932. Ver também Mariani, Mário. L'equilibrio degli egoismi, Milano, Casa editrice L'idea, 1924, pg 99, onde se diz que o fascismo não passaria de uma criação de 200 mil desocupados para conseguir lugares no serviço público.

visão socialista reformista mais clássica dentro da definição de fascismo desses homens. Um padrão de pensamento bastante similar ao de Piccarolo pode ser, assim, identificado.

Ainda assim, é interessante notar como os artigos de Mariani fora do "La Difesa" (Ou seja, na sua coluna do jornal "A Platéia") oferecem uma idéia completamente oposta de sua visão de fascismo. Lá se encontram, de fato, palavras como estas:

"O fascismo não é outra coisa senão a defesa suprema, extrema e feroz, dos interesses da burguesia ameaçados por uma ofensiva decidida do proletariado organizado"³⁰

as quais representam um ponto de vista diverso do apresentado antes e que se aproximam, como veremos logo, da visão de fascismo do Partito Socialista Italiano. A explicação para tal discrepância deve ser buscada, a nosso ver, em dois fatores. Em primeiro lugar, deve-se observar que a ascensão do fascismo na Europa representou um choque tão acentuado no pensamento socialista que não é espantoso que encontremos antifascistas (como Mario Mariani) que mesclam percepções diversas do problema na tentativa de explicá-lo.

³⁰ - "Fascismo e Democracia" in A Platéia, 28/11/1931

Em segundo lugar, temos que observar que os artigos de Mariani em "A Platéia" representam um canal onde ele poderia expressar opiniões que talvez não fossem bem vistas no órgão oficial da Concentrazione no Brasil: Ainda que a visão de fascismo como reação antiproletária seja a típica do PSI e ainda que este também pertença à Concentrazione, parece que foram os socialistas reformistas - com sua visão de fascismo como um acidente histórico - que predominaram no seio da seção da Concentrazione no Brasil, o que pode explicar a relutância de Mariani em revelar opiniões mais relacionadas ao PSI. Claro que isto é apenas uma hipótese, mas que pode nos revelar um pouco sobre o caráter da ação da Concentrazione no Brasil.

Num outro ponto, porém, os antifascistas ligados à Mariani divergem frontalmente dos grupos que o antecederam: na visão de fascismo não como algo única e exclusivamente italiano, mas como um fenômeno de caráter mundial, capaz de se reproduzir em outros países.

Tal tomada de posição pelo antifascismo concentracionista de São Paulo³¹ reflete obviamente a nova situação internacional vivida pelos antifascistas, situação esta na qual os fascismos adquiriam força popular em vários países da Europa e do mundo. Não é à toa que eles acompanhem

31 - Vide Cilla, Nicola. "Il mondo e il fascismo" (LI, VI/309, 18/5/1930); "Il plebiscito hitleriano" (LI, XII/480, 6/1/1934); Mariani, Mario. "Viva a Polonia" in A Platéia, 6/1/1931 e outros.

o pensamento socialista mundial³² e passem a considerar o fascismo não mais como um fenômeno exclusivamente italiano, mas como algo que podia acontecer em qualquer país do mundo, inclusive o Brasil. Razão, pois, para alerta e para uma participação mais efetiva no combate ao fascismo no plano doméstico, via formação de frentes únicas, as quais analisaremos ainda nesse texto.

Como visto, a percepção do que é o fascismo difere um pouco entre Piccarolo e Mariani mas ambos continuam, como emissários da Concentrazione no Brasil, a representar o pensamento desta instituição antifascista. Essas divergências só se tornam maiores, porém, quando comparamos essa visão de fascismo com aquela do maior interlocutor do concentracionismo italiano no Brasil, o conde Francesco Frola.

O primeiro ponto a se mencionar é a visão de fascismo de Frola. Num primeiro estágio, tem-se a impressão de que a visão de fascismo dele se aproxima da de Piccarolo: o fascismo seria a negação de toda a gloriosa tradição italiana³³ ou um parêntese a se fechar no meio da indignação

32 - Vide Natoli, Claudio. "L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre" in Storia Contemporanea, XVIII (1): 145-169, fevereiro/1982 e Hajek, Milos. "Il fascismo nell'analisi dell'Internazionale Operaia e Socialista" in Colloiti, Enzo. L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre, número especial da revista Annali, Milano, Fondazione Giacomo Feltrinelli, 1983/84, 389-430

33 - Frola, Francesco. "Il fascismo e l'anti Italia" in UL, III/119, 28/11/1926

do mundo civil³⁴. Libero Battistelli, um dos membros do grupo de Frola, chega a escrever que o fascismo:

" é um regime de violência e desfrutamento, destruidor de todos os valores morais, dilapidador de todos os bens materiais que a Itália , depois do cataclisma da guerra, estava fatigosamente reconstruindo. Um parêntese obscuro, sanguinolento e miserável no caminho ascendente da civilização. Um passo para trás, por nada justificado, por nada compensado (...)" ³⁵

Logo que se aprofunda um pouco o estudo, porém, vê-se que a visão de Frola diverge substancialmente da de Piccarolo. E isto num ponto chave: Este último é profundamente vago em identificar os responsáveis por esta interrupção da história italiana. Já Frola não hesita em nomear os responsáveis: o fascismo teria sido criado por uma coalizão de forças reacionárias para combater o movimento operário que estava se impondo à Itália³⁶, sendo que Mussolini seria controlado por uma coalizão de interesses reacionário-capitalistas, se constituindo em reação em forma

34 - Frola, Francesco. "Bisogna resistere" in LD, IV/175, 24/7/1927

35 - Battistelli, Libero. "L'aventure italienne" in LD, V/228, 28/7/1928

36 - "L'intensa propaganda della Lega Antifascista" in LD, IV/152, 3/4/1927

pura³⁷. Em conferência em abril de 1927³⁸, Frola vai ainda mais longe e identifica os atores que estavam por trás dos fascistas, controlando-os: as classes agrárias e industriais, com apoio dos governos pseudo-liberais. Ou, nas palavras do próprio Frola:

"A ascensão do fascismo ao poder não foi uma revolução de idéias (...) não constituiu uma coisa espontânea, mas apenas um golpe de mão, uma viagem de trem direta do senhor Mussolini à capital da Itália, agora fardado de camisa preta e com a cumplicidade de elementos capitalistas e bancários e de alguns oficiais do exército desgostosos" ³⁹

O grupo de Frola distancia-se do de Piccarolo, assim, ao identificar o fascismo como um movimento de classe e não apenas como algo surgido a partir de um inexplicável desvio da história italiana e isso é extremamente relevante.

Nos anos 30, a visão de fascismo de Frola vai se radicalizar ainda mais. Em "A Economia Espontânea do Povo: a

37 - Frola, Francesco. "Gli attentati al duce" in LD, III/118, 25/11/1926

38 - "Il Comizio antifascista all'Agua Branca" in LD, IV/153, 7/4/1927

39 - "A origem e o desenvolvimento do fascismo" (Conferência de Frola) in LD, V/229, 5/8/1929

Cooperação Livre"⁴⁰, por exemplo, ele identifica o fascismo como "guarda armada do capitalismo reacionário" enquanto que na revista "Socialismo" ele identifica a própria existência do fascismo como prova maior da vitalidade do socialismo e completa:

"Quando a luta entre o proletariado e o capitalismo passa da fase da predicação para a de realização, aí então as forças da reação unem-se e criam as milícias armadas, para defesa de seu privilégio"⁴¹

Note-se, a propósito, que a visão de fascismo de Frola vai se aproximar bastante, apesar da permanência deste no PSU, da manifestada pelo PSI no decorrer dos anos 20 e início dos anos 30. Os membros do PSI não queriam, de fato, repetir as análises dos reformistas do PSU, que explicavam o fascismo como um "câncer", doença originária da crise do pós guerra, etc e procuravam ressaltar o caráter de classe do fascismo, identificando-o como reação da burguesia capitalista ao avanço do operariado no pós guerra. O conflito Frola X Piccarolo tem, assim, uma clara relação com

40 - Rio de Janeiro, Athena Editora, 1937

41 - Frola, Francesco. "Apresentação" in Socialismo, ano I, número 1, março 1933

conflitos que ocorriam no mundo antifascista mais geral e isso deve ser destacado.⁴²

Do mesmo modo e ainda tentando comparar a visão de fascismo de Piccarolo com a de Frola, encontramos referências complementares que nos confirmam como a visão de Frola sobre o fascismo tem algumas especificidades próprias que a caracterizam, definem e fazem divergir da de Piccarolo. É o que acontece, por exemplo, quando eles associam o fenômeno fascista com a violência e o imediatismo.

Em relação ao segundo tópico, as posições de Frola parecem se aproximar das do grupo Piccarolo: o objetivo maior do fascismo é saquear a Itália ⁴³, aproveitando a sua permanência no poder, do qual ele cairia - dado que é apenas um parêntese - pela força da evolução histórica⁴⁴.

Também no tocante à violência as similaridades existem. Ambas as correntes parecem identificar a ascensão e a permanência do fascismo no poder com a questão da violência ⁴⁵ o que é compreensível se tivermos em mente que o fascismo é visto como algo que não deveria ter surgido pela evolução

42 - Vide, a respeito, Colarizi, Simona. "Il PSI in esilio (1926-1930)", citado

43 - "Nella pattumiera" in LD, V/219, 27/5/1928

44 - Vide Frola, Francesco. "Gli attentati al duce", citado e "I fuorusciti e l'Anti Italia" in LD, III/114, 11/11/1926

45 - Vide, por exemplo, os artigos de Frola "Combattenti e fascisti" in LD, III/115, 14/11/1926; "La Mussolandia sfrutta, diffama e tortura l'Italia" in LD, IV/164, 18/5/1927 e "Violenza fascista" (LD, IV/171, 26/6/1927).

natural dos fatos. Frola é, porém, mais explícito em associar a violência do fascismo às classes que o apóiam⁴⁶ e faz questão de diferenciar a violência do fascismo, improdutiva e que só leva ao roubo e ao massacre, da violência das revoluções francesa e russa, as quais tiveram um fim e levaram a algo positivo⁴⁷. São detalhes que nos ajudam a perceber a especificidade de Frola e as razões de seus conflitos com Piccarolo.

A aliança da reação

Já vimos, em síntese, a percepção de fascismo dos concentracionistas e de Frola. Ainda nesse tópico, resta-nos comentar dois aspectos que se inserem no já apresentado: o alto grau de identidade Igreja/Fascismo que os antifascistas concentracionistas identificam e os vínculos de continuidade que eles estabelecem, a partir de um certo momento, entre a Monarquia e o fascismo. Iniciemos pelo grupo Piccarolo.

Em relação ao segundo tópico, é fácil estabelecer a lógica do pensamento desse grupo: a Monarquia, para manter seu domínio sobre o povo italiano, foi conivente e permitiu

46 - Frola, Francesco. "I fuorusciti e l'Anti Italia", citado

47 - Ver Frola, Francesco. "Violenza fascista", citado, e "L'opera del nostro direttore: L'Onorevole Frola chiude il ciclo delle sue conferenze a Porto Alegre con un ultimo trionfo oratorio" in LD, V/230, 12/8/1928

a ascensão do fascismo ao poder. Na seguinte passagem, isto fica bem claro:

"O fascismo deu oxigênio à Monarquia, e esta última o recompensa dando-lhe apoio em todas as suas faltas (...) O povo sabe finalmente que para reconquistar a liberdade e a dignidade de nação, não basta golpear o fascismo; mas precisa ir mais alto, à verdadeira origem de todos os seus males: ao rei" ⁴⁸

Essa articulação fascismo X Monarquia, apesar de toda a sua face negativa, também têm, na visão desses antifascistas, seu lado positivo: ao se associar com o fascismo, a Monarquia teria cavado seu próprio túmulo, devendo cair do poder ao lado deste:

"Todas as abluções pontificais não poderão nunca lavar a mancha de origem do fascismo, nem lavar a responsabilidade da monarquia que se

48 - B. P., "Il vero responsabile: il re" in IR, 11/48, 6/6/1929

solidarizou com ele e que com ele deverá perecer"⁴⁹

Nesse sentido, a ligação fascismo e Monarquia no pensamento desse grupo é clara (A Monarquia deu carta branca para aquela malta violenta assumir o poder e essa aliança será sua ruína) e ajuda a explicar o feroz antimonarquismo do "Il Risorgimento"⁵⁰

Ainda sobre as ligações fascismo e Monarquia, veja-se que as referências específicas, no parágrafo anterior, ao "Il Risorgimento" não são casuais. De fato, apesar da associação fascismo X Monarquia parecer ter estado sempre no pensamento de Antonio Piccarolo⁵¹, é inegável que a sua ênfase vai ocorrer num período temporalmente delimitado: aquele em que ele dirige o jornal "Il Risorgimento" entre 1928 e 1929, sendo que o "La Difesa" apresenta, entre 1923 e 1926, uma posição indefinida com relação à Monarquia.

49 - Chiesa, Eugenio. "Fascismo e Monarchia" in IR, II/48, 6/6/1929

50 - O antimonarquismo é expresso, nas páginas do jornal, em inúmeras ocasiões. Há desde críticas ao sistema de governo monárquico e demonstrações da superioridade do republicanismo até ataques pessoais a membros da família real. O antimonarquismo é tão sólido que se exprime até em certas sutilezas. Por exemplo, no artigo "La questione romana é riaperta" (IR, II/32, 14/2/1929), onde se aborda a anexação de Roma à Itália em 1870, se tem todo o cuidado em não se mencionar que o agente desse acontecimento - considerado grandioso - foi um rei. Se usam termos como "a Itália entrava em Roma" ou "as tropas italianas entraram em Roma", não se fazendo referências à figura real.

51 - Vide, por exemplo, "la Colonia felice" in LD, I/2, 21/4/1923 e um artigo sem título no LD III/71, 8/5/1926

Tal indefinição, que também aqui é coerente com o que ocorria no campo antifascista moderado mundial⁵², pode ser percebida através de uma leitura do "La Difesa" entre 1923 e 1926, onde coexistem desde artigos mais claramente republicanos⁵³ até outros onde parece haver quase um apelo ao rei para que ele mude suas posições e passe a combater o fascismo⁵⁴. Um artigo do "La Difesa" de 1926⁵⁵ é ainda mais revelador, porém, da confluência de opiniões diversas que parecem marcar o "La Difesa" nessa época. Nesse artigo, um leitor pede ao jornal que ele esclareça de uma vez se ele é republicano ou monárquico. O jornal responde que é republicano. Em primeiro lugar porque é o regime que permitiria a maior afirmação social e política do ser humano. E em segundo porque o rei seria claramente responsável pelo fascismo. Um artigo de teor, portanto, claramente republicano.

No mesmo documento, porém, o jornal ressalta que não é um órgão de um partido, mas de várias tendências "unidas no

52 - Ainda nesse período parte substancial das forças antifascistas se agrupavam no "Áventino" (bloco suprapartidário do Congresso italiano). Esse grupo, a que já nos referimos, no primeiro capítulo, entendia que, abstraindo-se de violência e explorando a questão moral, eles conseguiriam indignação pública suficiente para persuadir o rei a demitir Mussolini e restaurar a democracia. Esse erro de avaliação custou caro ao "Áventino", cujas tradições serão incorporadas pela Concentrazione.

Sobre esse grupo ver a bibliografia citada no capítulo primeiro

53 - Vide Valenti, Teofilo. "Dalla Monarchia alla Repubblica" in *LD*, III/47, 22/11/1925

54 - Vide "Il popolo risponde..." in *LD*, III/18, 17/5/1925

55 - "Rispondendo a due domande" in *LD*, III/73, 23/5/1926

amor à liberdade". Dada essa situação, o jornal se recusa a dar a si próprio características mais de um partido que de outro. Ressalta, portanto, a multiplicidade de tendências que corriam em seu seio.

Entendemos que essa mudança de atitude em direção a posições mais anti-monárquicas no pós 1928 é derivada, em parte, da alteração de opinião do organismo antifascista internacional a que o grupo de Piccarolo se filia no momento (a "Concentrazione d'Azione antifascista") frente à maior aproximação de Mussolini com o Rei (Constitucionalização do Grande Conselho Fascista)⁵⁶ e a sua própria apreciação dessa nova conjugação política⁵⁷. Ainda assim, entendemos que as medidas antifascistas de São Paulo não foram simples reflexos de acontecimentos no exterior, havendo também tensões e problemas especificamente locais que, associados

56 - Santi Fedele e Jacques Droz nos mostram como a Concentrazione Antifascista (apesar da presença dos republicanos em seu seio) não é explicitamente antimonarquista desde os seus inícios até 1927. Isso ocorria devido à resistência de influentes socialistas reformistas como Turati e Treves, os quais tinham uma restrição da frente antifascista que deveria ser a Concentrazione pela adoção de uma política antimonarquista e só seria mudado em 1928, quando o rei autorizou, com seu silêncio, a constitucionalização do Grande Conselho Fascista e os republicanos conseguiram ressaltar o caráter antimonarquista da Concentrazione.

Vide, a respeito, Fedele, Santi. "Appunti per uno studio sul PRI negli anni della Concentrazione Antifascista (1927-1934)" in Storia Contemporanea, 6 (1):59-84, 1975 e Droz, Jacques. "L'antifascisme italien" in Histoire de l'antifascisme en Europe 1923-1939, Paris, Editions la Decouverte, 1985, 25-72.

Ainda sobre a Concentrazione, vide Carocci, Giampiero. "L'antifascismo" in Storia d'Italia dall'Unità ad oggi, 7ª edição, Milano, Feltrinelli, 1986, 301-311, e Delzell, Charles. "Italian antifascist strategies in the decade after Matteotti's assassination" in Italian Quarterly, XXIII, 88:47-59, Spring 1982.

57 - Vide "Bisonore" in JG 1/23, 13/12/1928

às mudanças de ordem internacional, levaram a uma maior ênfase na aliança rei X Mussolini.

Nesse sentido, é nossa impressão que a repentina "conversão" de Antonio Piccarolo ao "republicanismo militante" em 1928/29 se insere no contexto da feroz luta que ele enfrentou com Francesco Frola pela liderança dentro do movimento antifascista socialista italiano de São Paulo. Os republicanos, desde a época dos "Circoli Mazzini", dão provas de apoio contínuo a Piccarolo e, quando ele se afastou da "Lega Antifascista" e do "La Difesa", eles se afastaram junto. Foi, aliás, na sede do "Il Risorgimento" que se realizaram as seções constitutivas do partido e onde funcionou por muito tempo a sua seção paulista⁵⁸. É no contexto, portanto, da luta Frola X Piccarolo que nos parece haver um outro fator explicativo para a repentina conversão de Piccarolo e de seu jornal a posições mais diretamente anti-monárquicas: era uma necessidade política de momento ceder mais espaço aos republicanos e é nesse sentido, mas sem esquecer as determinações mundiais mais gerais, que as opiniões relacionando fascismo e Monarquia recebem tanto relevo nesse período.

O fato de certos posicionamentos serem, ao menos em parte, respostas políticas com temporalidade definida fica ainda mais evidente quando penetramos na segunda ligação que

58 - O jornal "Bollettino del Grupo Giacomo Matteotti", ligado à Frola acusará, ainda em 1931, os republicanos por sua contínua lealdade à Piccarolo. Vide "Grupo Socialista Giacomo Matteotti" in Bollettino del Grupo Giacomo Matteotti, número 2, 10/9/1931

os antifascistas centrados em torno de Antonio Piccarolo estabelecem com relação ao fascismo: a do movimento de Mussolini com a Igreja Católica.

Novamente, recolhemos sinais de que a opinião de Piccarolo e do grupo liderado por ele no tocante à Igreja Católica nunca foi das melhores⁵⁹ e de que ao menos alguns pontos de ligação entre a Igreja e o fascismo sempre foram elaborados⁶⁰. Não há, entretanto, nenhum indício de um anticlericalismo mais direto até o ano de 1929. No "La Difesa" entre 1923 e 1926, além disso, o anticlericalismo é de um tipo diferente daquele que surgiria posteriormente. De fato, o anticlericalismo do "La Difesa" nos seus inícios parece revelar uma influência maçônica ainda mais acentuada que no período posterior. É o que se apreende de artigos como "Tut m'ahi di servo. Tratto a libertate"⁶¹ e "Il governo fascista continua a far strage della libertà"⁶², onde se expõe claramente o caráter maçom da luta contra a Igreja que o "La Difesa" desenvolvia nos primeiros anos de

59 - Vide "Fascismo e Massoneria" in RC XIV/5 e 6 3/1923 e Pittore, Fabo. "Tu m'ahi di servo. Trato a libertate" in LD, III/38, 20/9/1925, entre outros.

60 - No artigo de "Bruno" "Per evitare un'immare sciagura" (IR, 5, 1/3/1928) se apresenta até a forma como uma organização católica ligada à Companhia de Jesus e incrivelmente reacionária (os "Cavaleiros de Colombo") se imiscuiu no fascismo. Teria sido através da absorção, pelos fascistas, dos nacionalistas de Federzoni e Corradini que os fascistas aceitaram subordinar-se à Igreja para que esta desse o seu apoio à ele.

61 - Pittore, Fabo. "Tu m'ahi di servo. Tratto a libertate", citado

62 - Filadelfo. "Il governo fascista continua a far strage della libertà" in LD, III/22, 24/5/1925

sua existência⁶³. Isso não quer dizer, claro - e nossas pesquisas demonstram isso - que não houvesse influência maçônica em períodos posteriores da vida do jornal, mas sim que a influência da Maçonaria parece ser ainda mais direta nesse momento.

Além dessa maior influência maçônica, não resta dúvida de que o anticlericalismo e a ênfase nas ligações Igreja/Fascismo vão crescer acentuadamente em 1929. Novamente, o grupo, o jornal e seus redatores parecem estar respondendo tanto à alterações conjunturais, do grupo que buscavam representar no Brasil⁶⁴, como a acontecimentos de momento, como a assinatura do Tratado de Latrão⁶⁵. Não é de se espantar que os antifascistas ligados a Piccarolo reelaborem a sua visão de fascismo de forma a dar conta dessas novas situações:

"O Papa e Mussolini são aliados. O acordo de Latrão firmou pacto indissolúvel entre o Vaticano e o Fascio. Duas expressões da tirania se aliaram: a tirania política e a tirania religiosa. Dois

63 - No artigo citado na nota 60, o autor do "La Difesa" sente a necessidade de ressaltar que o diretor não é maçom e que o jornal não era órgão maçônico, tal o caráter maçônico do artigo.

64 - Jacques Droz (Op. Cit.) nos revela como a Concentrazione só vai assumir um caráter eminentemente anticlerical quando da assinatura do Tratado de Latrão.

65 - Vide "La questione romana é riaperta" (citado) e "Naturam Expellas furca" (IK, II/37, 21/3/1929)

inimigos declarados da liberdade fizeram causa comum afim de implantar novamente o regime da opressão, fazendo a sociedade retroagir aos tempos ignominiosos da Idade Média.

Conjugados assim como ora se acham as duas mós graníticas, entre elas serão trituradas as mais belas expressões do sentimento e da intelligencia (...) A Tiara é o símbolo do poder, assim como a Espada é o emblema da força. Entrelaçados - Tiara e Espada - temos no ex-prisioneiro do Vaticano, o Papa-Rei e no primeiro ministro italiano, o Rei Papa. Essas duas pessoas distintas formam hoje uma só verdadeira. Elas representam a mesma idéa: o poder da força e a força do poder. É com este elemento que o Papa Rei e o Rei-Papa procurarão impor a sua vontade, tentarão executar o seu plano de subjugar a humanidade humilhando-a a seus pés"

““

Mario Mariani e a segunda fase do concentracionismo italiano de São Paulo não vão apresentar grandes variações em relação ao período precedente, de Piccarolo: Eles também criticarão a Monarquia⁶⁷ e à Igreja⁶⁸ como auxiliadoras do

66 - Vinicius. "A Espada e a Tiara" in JR II/49, 13/6/1929, em português

67 - "Dopo il volo monarchico su Roma. La Concentrazione riafferma il suo repubblicanesimo" in LD, VIII/337, 28/10/1931

fascismo. Não haverão, porém, as hesitações do período anterior. Dada a reviravolta nesse sentido na Concentrazione no início dos anos 30 (como já escrito), ressaltando mais e mais essas ligações, não é espantosa essa situação.

Já Francesco Frola apresenta algumas especificidades no tocante à relação do fascismo com a Monarquia e a Igreja. Em relação ao primeiro tópico, é perceptível uma aparentemente menor preocupação de Frola com relação à ligação do fascismo com a Igreja. Artigos desse teor existem⁶⁸ mas são claramente menos abundantes e incisivos do que os existentes no "Il Risorgimento" nesse momento, o que indica um anticlericalismo menos acentuado no pensamento de Frola.⁶⁹

Já no tocante à relação do fascismo com a Monarquia, a situação se inverte. Ao contrário do grupo de Piccarolo, que teve dúvidas em aderir ao republicanismo pelo menos até 1928 (como já mencionado antes), Frola se assume desde cedo como um ferrenho militante contra a Monarquia. Ainda há, é verdade, no início do período Frola no "La Difesa", algum debate com uma ala moderada - possivelmente ligada à

68 - Vide Mariani, Mario. L'equilibrio degli egoismi, citado, para críticas à Monarquia e à Igreja por suas ligações com o fascismo.

69 - Vide "Complimenti fra ladroni" in LD, IV/132, 20/1/1927 e "La solenne commemorazione di Giacomo Matteotti a San Paolo" (LD, VI/265, 16/6/1929).

70 - Tal situação é compreensível se pensarmos que o anticlericalismo na Itália sempre sacou sua força do sentimento nacional - a Igreja se opondo à unidade da nação italiana - e se tivermos em mente que Frola tinha uma relação com esse sentimento bem menos estreita que a de Piccarolo.

Sobre isto, ver Arbeloa, V.M. "Itália" in Socialismo y anticlericalismo, Madrid, taurus, 1973, 199 e seguintes.

Piccarolo - que discute sobre a validade de se tentar um acordo com a Monarquia⁷¹. No geral, porém, Frola é incisivo no caráter antimonarquista de seu antifascismo, culpando o rei pela ascensão do fascismo e augurando que ambos caíam juntos do poder:

"A Monarquia e Mussolini podem hoje brigar o quanto queiram: um criminoso e longo passado de solidariedade já danificou inelutavelmente os seus destinos. Quando cair um, o outro o seguirá. E os dois compadres se encontrarão no inferno na mesma fossa: aquela dos traidores" ⁷²

O antimonarquismo de Frola é tão claro e direto que seus seguidores o utilizarão como argumento a favor dele nos futuros conflitos em que se envolverão nos anos a seguir. Libero Battistelli escreverá, de fato, no início dos anos 30:

71 - Vide o debate entre Francesco Ciccoti e "Politicus" in LD, IV/131, 30/11/1927

72 - "Beghe in famiglia" (LD, V/201, 22/1/1928). Para outros exemplos de antimonarquismo vide Frola, Francesco. "Il Duce ed il re" (LD, IV/140, 17/2/1927); "Il re - la pregiudiziale antimonarquica" (LD, III/120, 2/12/1926); "I destini inseparabili della Monarchia col fascismo" (LD, V/219, 27/5/1928), entre outros.

"Um particular mérito deve ser dado à Frola, por haver sustentado no "La Difesa" e na "Lega Antifascista" - antes que determinações para tanto viessem da Concentrazione, do "Libertà" e da direção do Partido a que ele pertencia - a necessidade que o antifascismo fizesse seu o republicanismo"⁷³

Os concentracionistas brasileiros também participam, portanto, do grande debate internacional sobre como ver o fascismo e como interpretar a questão dos seus aliados. Um sinal do interrelacionamento entre a luta vivida pelo antifascismo em São Paulo e as suas ramificações internacionais, que cobrem quase todo o mundo ocidental nesse período.

Estado de direito: um instrumento a ser defendido

Permanentes nos jornais antifascistas ligados à Concentrazione são as críticas à corrupção e à violência do fascismo, as quais enchem as páginas do "Il Risorgimento" e do "La Difesa": os líderes fascistas seriam corruptos,

73 - Ver Frola, Francesco. I tre furfanti (Piccarolo, Cilla e Mariani), São Paulo, sem editor, 1931, pg 23

imorais e violentos, assassinos sem dó nem piedade⁷⁴, saqueadores da Itália, etc. Ao mesmo tempo, transferem-se essas críticas para a situação vivida em São Paulo. Surgem daí ferinas acusações às agressões fascistas⁷⁵, aos saques e roubos dentro nas instituições fascistizadas⁷⁶ e à vida imoral e faustosa dos fascistas de São Paulo⁷⁷.

Também contínuas são as suas críticas ao caráter anti-democrático do fascismo: Ele não seria detestável apenas por ser violento, corrupto e imediatista e por ter se ligado à Monarquia e ao Papado, mas também por ter eliminado a Democracia e os direitos civis na Itália.

A crítica aos aspectos autoritários do sistema político fascista é, de fato, incessante, se iniciando já no "Rivista Coloniale"⁷⁸ e passando pelo "La Difesa" e pelo "Il Risorgimento". São feitas referências, nesse sentido, a quatro subpontos: o caráter arbitrário e parcial do sistema

74 - Os exemplos são contínuos. Vide, como ilustração, os artigos "Scimula e Sonzini" (JR, II/44, 9/5/1929), onde se fala dos assassinatos impunes dos "grandes italianos" (Matteotti, Amendola, Don Minzoni, etc) e "La Settimana" (JR, II/34, 28/2/1929), onde se mostra verdadeira indignação com o encontro do assassino de Amendola, Carlo Sforza, com Mussolini.

75 - Vide "Violenza fascista in azione" (JR, II/34, 28/2/29, pp 2)

76 - é curioso acompanhar essas denúncias dentro do jornal, as quais são realmente diretas: desvio de altas somas das instituições italianas de São Paulo ("Telefonate", JR, II/27, 10/1/1929); a vida de usufruto e jogatina dos fascistas ("La freccia del Parto" in JR, II/27, 10/1/1929) e outras.

77 - Note-se que os fascistas também usavam esse mesmo tipo de argumentação contra os antifascistas. O artigo citado acima, por exemplo, foi escrito em reação a um discurso do cônsul Mazzolini em que ele dizia que os antifascistas só faziam oposição ao regime porque eram adeptos da jogatina e desejavam usufruir dos recursos da colônia.

78 - Vide os artigos citados na nota 6

judiciário fascista, o amordacamento da imprensa, a falta de representatividade dos órgãos políticos italianos e o fim do Estado de Direito na Itália.

Em relação ao caráter injusto do sistema judiciário fascista, são feitas denúncias à sua falsidade e arbitrariedade⁷⁹ e comparações com a competente e imparcial justiça brasileira⁸⁰. No tocante à liberdade de imprensa, as referências são normalmente fragmentadas, mas contínuas. Há também menções mais diretas sobre a necessidade histórica de se ter uma imprensa livre:

"A imprensa é imortal(...) Qualquer poder que a viole, escava o abismo que deverá engolir-lo (...)
A imprensa deve ser ilimitadamente livre. Os direitos do intelecto são invioláveis, e toda censura é tirania" ⁸¹

79 - Vide "Ha parlato male del Duce" (IR, II/32, 14/2/1929)

80 - Quando a magistratura brasileira dá ganho de causa aos antifascistas em processos abertos contra eles pelos fascistas é que eles se derramam em elogios ainda maiores à ela. Vide os números do "La Difesa" de abril de 1926, quando a Justiça dá ganho de causa ao então diretor do jornal (Antonio Cimatti) no processo de calúnia movido contra ele pelo cônsul Rocchetti e as comparações entre os dois sistemas judiciários, frequentes.

81 - A citação é de Giuseppe Mazzini. IR, II/34, 14/2/1929

O jornal se refere também à nulidade em que se transformaram os órgãos políticos italianos⁸² e gasta bastante tempo e espaço para lamentar o progressivo declínio do Estado de Direito na Itália e sua queda final - na interpretação do jornal - em 1928, com a aprovação do Estatuto fascista pelo Parlamento:

"O ultimo golpe foi dado naquela Constituição que, depois de ter custado tanto sangue de Mártires e ainda que imperfeita, foi por bem uns oitenta anos o Paládio na sombra do qual repousaram as liberdades italianas. É verdade que desde a usurpação fascista os direitos constitucionais já tinham se tornado um nome nulo, uma sombra sem conteúdo. Mas, de qualquer forma, estavam ainda ali a recordar uma realidade suprimida. E também nessa função tinham o seu valor.

E eis que o simples nome, a sombra, desapareceu. O Estatuto passou (...) ⁸³

82 - Vide "A margine del discorsissimo. La catastrofica politica del fascismo" (IR I/23, 13/12/28, pp 1) entre outros

83 - Piccarolo, Antonio. "Consumatum Est" in IR, 7, 1/4/1928

é quando se referem ao plebiscito que o governo de Mussolini convocou na Itália em 1929 para aprovar o tratado de Latrão, porém, que esse grupo de antifascistas é mais ácido e direto em sua crítica ao sistema político fascista. Na edição do "Il Risorgimento" de 28/2/1929, por exemplo⁸⁴, eles mencionam que Mussolini se proclama o criador da democracia italiana, quando na verdade a teria arrasado. Afinal de contas, democracia seria o governo do povo e um bando de predadores montados nas costas da população e a conduzindo pela força não poderia ter criado uma. Sendo assim, o plebiscito não passaria de um expediente de engano da ditadura.

Alguns meses depois, o jornal volta a escrever sobre o tema⁸⁵, analisando a esmagadora vitória fascista no plebiscito e reconfirmando os pontos apresentados acima: o plebiscito é uma expressão da democracia e da vontade popular que coroa o exercício das liberdades e direitos de um povo (de associação, reunião, imprensa, etc). Quando é feito, porém, num ambiente de repressão é, ao contrário, a expressão máxima do despotismo⁸⁶.

84 - "Le forche caudine" (IR, II/34, 28/2/29, pp 3)

85 - "La più stoncia comedia del mondo" (IR, II/44, 9/5/29)

86 - Note-se que essa visão dos plebiscitos fascistas como fraude por se darem em ambientes não democráticos não é uma análise específica dos concentracionistas de São Paulo. Também a sede central da "Concentrazione" a faz. Vide, por exemplo, "Concentrazione d'Azione Antifascista" in La Libertà - Giornale della Concentrazione Antifascista, Paris, Ano 8, nº 12, 22/3/1934

Podemos identificar, assim, a permanência de um desejo de preservação do Estado de direito ano após ano. Artigos de diversos militantes antifascistas do período⁸⁷ nos confirmam a força desse desejo, que servirá de ponto focal para manter esse grupo antifascista unido durante os anos 20.

Os jornais ligados a Frola também reproduzem o mesmo tipo de raciocínio e defesa do Estado de direito que encontramos no material concentracionista. A crítica aos aspectos do sistema político fascista é, de fato, incessante e se aproxima de tal forma da manifestada no "Il Risorgimento" que parece que estamos lendo o mesmo jornal. São feitas, nesse sentido, as mesmas quatro referências chave de condenação ao fascismo: o caráter arbitrário e parcial do sistema judiciário fascista⁸⁸, o amordaçamento da imprensa⁸⁹; a falta de representatividade dos órgãos

87 - Giuseppe Scarone vai publicar Il terzo anno di governo fascista in Italia denunciando o desmonte do Estado de direito na Itália (vide LD, III/40, 4/10/1925) e Bertho Condé vai escrever diversos artigos na "Folha da Manhã" em 1925 denunciando a falta de liberdade e justiça, a violência e o arbítrio do regime fascista, etc

Sobre Condé, ressalte-se, aliás, que a sua crítica ao fascismo sempre passará, em sua longa carreira de antifascista, pela questão do autoritarismo estatal. Vide, sobre isto, seu livro Propugnando um governo isento de personalismos (Rio de Janeiro, Alba, 1933), onde ele chega a propôr a abolição do cargo de presidente da República no Brasil, por ser um cargo que representava excessiva concentração de poder pessoal.

88 - Vide "Una questione morale" (LD, IV/150, 27/3/1927) e "L'Indipendenza della magistratura brasiliana" (LD, IV/197, 25/12/1927)

89 - Vide "Giornalismo fascista" (LD, V/203, 5/2/1928)

políticos italianos⁹⁰ e o fim do Estado de Direito na Itália⁹¹. Eles também repetem as críticas que o "Il Risorgimento" fazia ao plebiscito de 1929⁹² e parecem sentir a mesma indignação do grupo de Piccarolo quando o fascismo anula de vez a Constituição italiana:

3 Junho, primeiro domingo de junho, Festa da
Constituição

Onde está a Constituição?

Constituição equivale a pacto de liberdade entre povo e
rei

Agora o rei está sem coroa; a surrupiou um assassino

O povo está sem soberania

A sufocou o mesmo assassino

A liberdade é um cadáver putrefato

A Constituição não existe mais

90 - Vide Frola, Francesco. "Agitiamo la fiaccola della Libertà sul cadavere dello Statuto" in *LD*, IV/168, 5/6/1927; "Di Gaetano Salvemini: i Ras" (*LD*, VI/262, 22/5/1929) e "L'opera del nostro direttore: L'onorevole Frola chiude il ciclo delle sue conferenze a Porto Alegre com un ultimo trionfo oratorio" (citado), onde Frola faz férrea defesa da democracia, dos princípios da Revolução Francesa, dos direitos civis e do parlamentarismo constitucional como expressão geral da vontade popular.

Essa defesa do Estado de direito parece ser, na verdade, antiga no pensamento de Frola. Em *Il trionfo della Folla* (Torino, Casa Editrice La Vampa, 1914, pg 33 e seguintes), por exemplo, ele já se define como um defensor de um Parlamento justo e eficiente.

91 - Vide, por exemplo, "Il Comizio antifascista dell'Agua Branca" in *LD*, IV/153, 7/4/1927 e Frola, Francesco. "Il codice del terrore" in *LD*, IV/193, 27/11/1927

92 - "Dalla farsa del plebiscito alla tragedia della fame" (*LD*, VI/247, 10/2/1929) e "La Beffa del plebiscito" (*LD*, VI/252, 17/3/1929)

(...)

Agora reina o arbítrio

O arbítrio de um assassino, que cavalga apoiado na
violência

Sobre a unha ferrada rangem os ossos das vítimas

A Constituição está entre ela" 93

O Estado de direito é considerado pelos socialistas italianos de São Paulo, assim, como um instrumento a ser defendido a qualquer custo frente à avalanche fascista. Entender o porquê dessa situação, porém, não é algo que possa ser resumido num simples parágrafo. É toda uma trama de pensamento que começa a se delinear na nossa frente, trama esta que só pode ser revelada se sairmos da superfície e mergulharmos em águas mais profundas, dentro da percepção de sociedade e de movimento social dos antifascistas que estudamos, a qual nos permitirá entender tanto as suas definições de fascismo quanto as suas críticas a este.

93 - "Lo Statuto" in LD, V/220, 3/6/1928

Capítulo 3 - O porquê da militância antifascista

O caso de Antonio Piccarolo

Cumpra ressaltar inicialmente que não temos o objetivo de fazer um estudo exaustivo da visão de mundo e dos posicionamentos políticos assumidos por Antonio Piccarolo no decorrer de sua vida. Não apenas outras pessoas já se propuseram a fazer esse trabalho¹ como ele não nos conduziria a grandes resultados dentro de nosso tema. Nosso único objetivo é levantar informações no passado político de Piccarolo que nos permitam compreender e contextualizar suas posições e opiniões frente ao fascismo e, especialmente, responder à questão que nos parece mais premente que todas nesse momento: Quais as razões que teriam conduzido Antonio Piccarolo e seus seguidores a se posicionarem contra o fascismo na São Paulo dos anos 20? Ou, em outras palavras: O que os teria levado à militância antifascista?

Essa questão poderia ser respondida, é claro, de uma maneira simplista e rápida: Piccarolo era um militante de

1 - Vide Hecker, Alexandre. Um socialismo possível - A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo, São Paulo, T.A. Queiroz, 1989

esquerda. Nada mais natural e compreensível, pois, que ele se posicionasse contra o fascismo. Essa "naturalidade", porém, não é só artificial e baseada numa visão à posteriori dos acontecimentos históricos como é questionada pelos próprios dados empíricos disponíveis: são abundantes os exemplos de militantes de esquerda que se inclinaram para o fascismo². Descartada essa alternativa, retorna a pergunta: Porque Antonio Piccarolo se torna antifascista?

O problema assume um caráter ainda mais intrigante quando comparamos alguns traços da biografia de Antonio Piccarolo com explicações comumente apresentadas - tanto no Brasil como no exterior³ - sobre o porquê da grande massa dos imigrantes italianos no exterior se inclinar para uma certa simpatia pelo fascismo.

2 - O caso mais expressivo, para ficar dentro do círculo de militantes de esquerda italianos que atuaram no Brasil é, sem dúvida, o de Edmondo Rossoni, que, de líder socialista de notável atuação, se tornou ministro das corporações de Mussolini. Mesmo entre os líderes do antifascismo se encontram, porém, casos de aproximação com o fascismo. Nesse sentido, o exemplo de um militante antifascista de peso internacional como Alceste de Ambris, o qual chegou a se inclinar para o fascismo (ao menos no início) é significativo. A relação "militante de esquerda = oponente do fascismo" tem que ser, portanto, matizada.

Sobre Rossoni, vide Inghino, John. Edmondo Rossoni: from revolutionary syndicalism to fascism, New York, P. Lang, 1991. Sobre a aproximação inicial de De Ambris ao fascismo vide Spinoza, Antonio. D'Annunzio. Il poeta armato, Milano, Mondadori, 1987; Felice, Renzo de. Sindacalismo rivoluzionario e fiumanesimo nel carteggio de Ambris - D'Annunzio (1919-1922), Brescia, Morcelliana, 1966 e Sereni, Umberto. "Il Prometeo Apuano (A proposito di Alceste di Ambris)" in Alceste de Ambris - Lettere dall'esilio, Parma, 1989. Já sobre a relação entre correntes da esquerda e o fascismo, convém consultar Paris, Robert. As origens do fascismo, Coleção Khronos 7, SP, Perspectiva, 1976; Gregor, James. Italian fascism and developmental dictatorship, New Jersey, Princeton University Press, 1979, cap. 4 e Roberts, David. The syndicalist tradition and Italian fascism, University of North Carolina Press, 1979, caps 8 e 11.

3 - Vide Bertonha, João Fábio. O fascismo e os italianos de São Paulo 1922-1945, texto inédito, Departamento de História, UNICAMP, 1992.

Essas explicações habitualmente valorizam o caráter étnico que a boa recepção ao fascismo representaria. Para tal linha de pensamento, os preconceitos e choques motivados pelo processo de aculturação e integração dos imigrantes e seus descendentes teriam gerado um grande complexo de inferioridade entre eles e uma sensação de perda de identidade bastante acentuada. O fascismo, com sua retórica nacionalista e com a aparente recuperação do prestígio e do orgulho de ser italiano, forneceria a estas comunidades italianas espalhadas pelo mundo a oportunidade de compensar psiquicamente estes problemas, conseguindo uma nova dignidade, de onde se explicaria a popularidade do movimento de Mussolini entre elas. A adesão ao fascismo não representaria, portanto, uma adesão à ideologia fascista, mas sim uma forma dos imigrantes se ajustarem em suas novas sociedades.

Já tivemos oportunidade, em texto anterior (ver nota 3), de criticar esse posicionamento, demonstrando a necessidade de se ver o imaginário fascista e sua recepção como dinâmicos (variáveis através do tempo); de se levar em consideração - especialmente no caso brasileiro - outros elementos além da questão étnica e de se evitar os grandes conceitos ("a comunidade italiana", "os italianos de São Paulo") em favor de uma orientação analítica capaz de dar conta da enorme diversidade e multiplicidade de grupos sociais que formava a coletividade italiana de São Paulo.

O caso de Piccarolo é perfeito para indicar o quanto nossas preocupações tinham razão de ser. Não apenas o seu conceito de fascismo e suas reações a ele jamais permaneceram estáticos e imutáveis através do tempo (como já tivemos oportunidade de observar) como seus posicionamentos políticos do período anterior ao fascismo relativos à questão étnica/nacional poderiam indicar tudo, menos um futuro posicionamento antifascista.

Piccarolo era, de fato, um homem que deu, em vários momentos de sua vida, provas de fidelidade ao nacionalismo italiano. Tanto que ele foi um dos fundadores da Sociedade nacionalista "Trento e Trieste" em São Paulo em 1914 (numa posição dissidente com relação ao conjunto do PSI, seja na Itália, seja no Brasil) e apoiou decisivamente a entrada da Itália na I Guerra Mundial. Mais ainda: ele participou ativamente da fundação da seção paulista da "Lega Italiana per la tutela degli interessi nazionali" (órgão nacionalista do pós I Guerra que depois seria substituído pelos "fasci all'estero"⁴). Como explicar que um homem deste, se pensarmos apenas na questão étnica/nacional, tenha se voltado contra um movimento que procurava resgatar tão ardorosamente os valores nacionais italianos como o fascismo?

4 - Vide Fabiano, Domenico. "La Lega Italiana per la tutela degli interessi nazionali e le origini dei fasci italiani all'estero (1920-1923)" in Storia Contemporanea, XVI, 2:203-250, abril/1985

Do mesmo modo, uma comparação da biografia de Piccarolo com alguns dados empíricos que recolhemos no decorrer da pesquisa leva a contradições aparentemente insolúveis. Já temos dados suficientes para afirmar que a burguesia industrial de origem italiana de São Paulo apoiou decisivamente a ação do fascismo na colônia. Ora, Piccarolo, dentro de seu socialismo reformista e de sua visão da imigração como um fenômeno positivo, tem excelentes relações com esta burguesia⁵. Como explicar que ele se torne não um membro do fascio paulistano, mas sim um dos mais relevantes militantes antifascistas da São Paulo dos anos 20? Não resta dúvida de que nossas análises globais devem levar em conta essas situações e que o antifascismo de Antonio Piccarolo e seus seguidores constitui um antifascismo singular, que só pode ser compreendido se tivermos em mente a sua percepção de mundo como um todo, a qual dá conta de explicar essas aparentes contradições em seus atos políticos.

Os primeiros aspectos de relevância que abordaríamos dentro desta visão de mundo seriam repetições do capítulo anterior: o antimonarquismo e o anticlericalismo. Do primeiro item, não vemos necessidade de fazer novos comentários. Já em relação ao segundo, acrescentaríamos algumas informações suplementares extraídas de uma série de artigos ("Cristianesimo, Cattolicismo e Democrazia") que o

5 - Vide, como exemplo desse seu bom relacionamento, seu livro Gli italiani nel Brasile (Dalla scoperta ai nostri giorni), 2 vs, São Paulo, sem editor, 1922 e 1924, o qual não apenas é um laudatório a esses industriais como parece ter sido financiado por estes.

"La Difesa" publica em 1927 e que o "Il Risorgimento" retoma em 1929.⁶

Nesses artigos, se apresenta a história do catolicismo como a luta constante da Igreja autoritária, corrupta e reacionária contra a democracia e os direitos do homem. Através deles, não só temos indicações do porquê dos adeptos de Piccarolo serem anti-clericais, como podemos perceber alguns indícios do seu ideal de sociedade: "democrática", "livre", etc

Outros indícios desse ideal são fornecidos quando os antifascistas se referem à Revolução Francesa como a grande vitória humana contra a reação conservadora e em defesa dos direitos do homem (democracia, liberdade, governo parlamentar, etc) e apresentam a república como o sistema que colocaria esses direitos em evidência, recuperando os prejuízos causados pelo fascismo.

Todos esses dados nos levaram a concluir, inicialmente, que o ideal de transformação social desses homens era basicamente político: Tudo na Itália continuaria como estava antes do fascismo assumir o poder, mas haveria um regime republicano, democrático e promotor das liberdades humanas.

O artigo "Divagazioni sul tema le terre "Liberate"⁷ acentuou ainda mais em nós essa impressão. Nesse artigo,

6 - O jornal lançará essa coletânea de artigos também em livro. Vide Piccarolo, Antonio. Cristianesimo, Cattolicesimo e Democrazia, São Paulo, Il Risorgimento, 1929

7 - ROBUR, "Divagazioni sul tema le terre "Liberate" in JR, III/63, 14/3/1926

mostra-se que a Itália fascista é mil vezes pior que a anterior mas que mesmo esta não era perfeita e nem representava aquela sonhada por Garibaldi e Mazzini: as leis e direitos estabelecidos eram reconhecidos constitucionalmente, mas estavam à mercê de funcionários servis ao poder central; a liberdade de imprensa era um mito e a de reunião era pequena; a vontade popular que devia manifestar-se era controlada e conduzida pela violência e pelos subterfúgios, etc. Dizia ainda que o único local do mundo que teria chegado aos ideais do Risorgimento teria sido o cantão suíço de Ticino, com sufrágio universal, os referendos populares, a liberdade absoluta de reunião e de imprensa, etc

Um estudo mais aprofundado das propostas contidas nos jornais ligados a Piccarolo (e especialmente no "Il Risorgimento") nos levou a retificar, ao menos em parte, essa impressão. Ao lado de suas preocupações de caráter mais político, esses antifascistas têm efetivamente uma sólida preocupação social e essa preocupação se manifesta nas páginas dos seus jornais: São feitas denúncias a respeito da queda do nível de vida dos operários sob o regime fascista e sobre a repressão que cai sobre eles⁸, sobre como o regime faz de tudo para negar armas de luta ao proletariado⁹ e

8 - Vide "A Margine del discorsissimo. La catastrofica politica del fascismo" in IR I/23, 13/12/28, pp 1

9 - Vide o artigo de Alceste de Ambris ("Il numero come forza" in IR, II/34, 28/2/29, pp 3), onde ele desmonta os argumentos da política de natalidade de Mussolini e apresenta essa política como uma tentativa de negar aos operários uma situação de baixa concorrência no mercado de trabalho.

... como ele não o representa de forma alguma¹⁰, etc. Ao contrário, caberia aos trabalhadores se prevenir e se vingar de um regime tão odioso:

"Trabalhadores, o fascismo dissolveu as organizações operárias, fechou as Câmaras do Trabalho, saqueou e destruiu as cooperativas proletárias, espancou e assassinou os operários que não quiseram se submeter ao jugo fascista. O fascismo é, portanto, o vosso mais feroz inimigo e vocês tem o dever de combatê-lo onde quer que ele se apresente" ¹¹

Ainda nessa linha de argumentação, também é destacável a sua demonstração de que a luta de classes não terminou no fascismo (pois as leis fascistas são parciais e hipócritas - ¹² e que a "colaboração de classes" fascista é um embuste. Em resumo, os antifascistas ligados a Piccarolo (especialmente no período do "Il Risorgimento") parecem se considerar revolucionários também em termos sociais. Tanto

10 - Vide Salvemini, Gaetano. "L'Origine dei sindacati fascisti" in UL, III/85, 25/7/1926

11 - Essa proclamação foi recolhida no "La Difesa" de 25/4/1926, mas é comum a várias edições desse período.

12 - Vide "L'equiparazione delle classi del fascismo" in IR, I/24, 20/12/28, pp 3

que chamam a si mesmos "socialistas" e inserem a seguinte citação de Mazzini em todas as edições do "Il Risorgimento":

"Nós aspiramos à república não por amor à idéia ou à forma política, mas como meio mais eficaz para promover a emancipação das classes trabalhadoras"

Esse viés revolucionário tem, porém, seus limites. O "Il Risorgimento" fornece contínuas sugestões de que as organizações operárias devem ser modestas e cuidadosas em suas pretensões, enfrentando o capitalismo via grupos de assistência mútua, cooperativas¹³ e outras associações, mas sem sair dos limites oferecidos por ele. Um movimento, portanto, de caráter reformista¹⁴.

13 - Mesmo vários anos depois do fechamento do "Il Risorgimento" e de seu afastamento da militância antifascista mais ostensiva, Piccarolo continua a defender as cooperativas como a solução mais racional para amenizar os conflitos capital X trabalho e solucionar a questão social. Vide Piccarolo, Antonio. Inicição à Economia Social, São Paulo, Record, 1936

14 - Note-se que essa concepção de evolução social tem muito a ver com a política aventiniana de acordos com os partidos burgueses para restaurar o Estado Liberal de direito onde as massas poderiam atuar (vide Nenni, Pietro. "Il problema della libertà" in LD, III/18, 26/4/1925) e que desde o início (vide "Cercando la verità" in Il Piccolo, 8/1922) Piccarolo ressaltará que a sua política de reformismo é uma derivação daquela do velho PSI, ao qual ele se filia. Sobre a história do Partito Socialista Italiano e a formação do seu caráter reformista, vide Arfé, Gaetano. Storia del socialismo italiano, Torino, Einaudi, 1965.

O artigo "I documenti fondamentali del regime. La Carta del Lavoro"¹⁵, é exemplar disto. Ele foi escrito com vistas a criticar a transformação da Carta del Lavoro em lei. São feitas as críticas de praxe à queda do poder de compra dos salários dos operários e ao sufocamento e falta de liberdade de suas associações e sindicatos. Nesse artigo, contudo, também surgem referências à função meramente representativa e reivindicativa que os sindicatos devem ter.

Nesse sentido, vemos como Piccarolo propunha o abandono da ação direta em favor de teses reformistas. Essa posição, que não é nova¹⁶, significa simplesmente que a futura sociedade preconizada por estes antifascistas não pretendia abolir o capitalismo a curto prazo, mas controlá-lo, tornando-o mais progressista e suportável para as massas até que um lento trabalho de educação política do proletariado acabasse por destruí-lo.

Essas duas últimas colocações merecem um aprofundamento. O que Piccarolo entendia por tornar "mais progressista e suportável" o capitalismo? e o que seria essa obra de educação política?

15 - IB II/27, 10/1/29, pp 2

16 - Essa proposta de defesa do socialismo ultra reformista levou Piccarolo e seu "Centro Socialista Paulistano" a um áspero debate com Alceste de Ambris e outros membros do jornal "Avanti" e do "Centro Socialista Internacional" em 1908. Esa disputa parece ter deixado marcas na luta antifascista: se Piccarolo consegue se reconciliar com de Ambris, o mesmo não parece ter ocorrido com Ambrogio Chiodi, Vincenzo Vacirca e outros ex-"avantistas", os quais só terão espaço no "La Difesa" durante a gestão de Froia

Em relação ao primeiro aspecto¹⁷, é interessante notar como Piccarolo entende como inviável o socialismo num país como o Brasil, sem proletariado rural e onde a indústria era apenas nascente. Sendo assim, a única tarefa imediata que os socialistas podiam desenvolver era tentar melhorar as condições de vida dos trabalhadores do campo e da cidade (através, respectivamente da proliferação da pequena propriedade e de uma legislação social capaz de atenuar os conflitos capital X Trabalho) e firmar um compromisso com os capitalistas, acelerando esta fase da evolução histórica e dando um caráter progressista a ela.

Já em relação à "obra de educação política", é um conceito que atravessa a obra de Piccarolo em todo o período por nós estudado. É no artigo "Urge un'opera educativa"¹⁸, porém, que esse conceito é explicitado de uma forma mais direta. Ele se inicia com a transcrição de uma interessante carta de um leitor que, irritado com a passividade e pacifismo do "Il Risorgimento", solicita ações mais duras contra o fascismo.

Piccarolo retruca com veemência, ressaltando que também não é amante das bravatas e das grandes palavras (numa clara alusão ao estilo de Frola) e que entendia ser mais útil fazer um obra educativa que agir com violência contra o fascismo. Para Piccarolo, a concepção de ação revolucionária

17 - A apresentação que se segue se baseia em Hecker, Alexandre. Op.Cit.

18 - "Urge un'opera educativa" in IE, II/56, 1/8/1929

violenta ia contra a realidade histórica: a Revolução só se faria com uma educação contínua e firme, a qual injetaria na alma humana aquele senso de dignidade que a impediria de aceitar a escravidão. Nesse futuro, ainda longínquo, a revolução social estaria completa.

Temos, assim, um resumo da concepção de revolução e transformação social em Piccarolo: sendo o socialismo inviável por ora, devia-se tentar melhorar a sorte dos trabalhadores via disseminação da pequena propriedade e conquistas trabalhistas e investir na educação, a espera de um futuro melhor.

A consciência dessa percepção de Piccarolo nos abre as portas para a compreensão da sua opção pelo antifascismo. A nosso ver, essa sua concepção de sociedade e de mudança social vai entrar em conflito com o projeto hegemônico fascista - e determinar a sua opção pelo campo adversário - em dois níveis: na destruição do Estado de direito e na rapidez e alcance da Revolução fascista.

Em relação ao primeiro item, é fácil fechar o raciocínio de Piccarolo e compreender a razão dele se sentir tão ultrajado, conforme vimos no capítulo anterior, com a eliminação da "democracia" na Itália: somente com um Estado democrático haveria condições do sindicalismo reformista atuar e do trabalho educativo se desenvolver. Sem ele, a transformação social e política, tanto a curto como a longo prazo, seria inviável. O fascismo cometeria, portanto, um

crime de morte contra a evolução da sociedade e deveria, portanto, ser combatido.

Em relação ao segundo aspecto, entendemos que a questão que apresentamos no início desse item - como explicar que um socialista moderado, nacionalista e ligado à elite italo-paulista como Piccarolo negue logo de imediato o fascismo enquanto um sindicalista revolucionário como de Ambris dele se aproxima e um socialista radical como Edmondo Rossoni o absorve totalmente? - recebe um novo enfoque se pensarmos que para Piccarolo e seus adeptos a transformação social deve ser, como vimos, conduzida lenta e gradualmente em direção a uma vitória além horizonte, enquanto que para os sindicalistas revolucionários ela pode ser rápida e profunda. Dado o caráter eminentemente transformador do fascismo - ao menos nos seus inícios¹⁹ - não é espantoso que os primeiros o rejeitem logo de início como uma implausibilidade histórica enquanto uma parte dos segundos o identifique como a corporificação da revolução que tanto desejavam.

19 - A nosso ver, o fascismo foi um movimento inovador, no sentido de transformador da sociedade, em toda a sua existência. Não resta dúvida, porém, que o fascismo movimento - dado que ainda não tinham sido feitas as acomodações com as forças políticas tradicionais, necessárias para a conquista do poder - era muito mais atraente que o fascismo regime enquanto força revolucionária.

Para as diferenças fascismo movimento X fascismo regime, vide Felice, Renzo de. Explicar o Fascismo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988 e Entrevista sobre o fascismo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988 e Bertonha, João Fábio. "A máquina simbólica do Integralismo: Controle e Propaganda Política no Brasil dos anos 30" in História e Perspectivas, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992, conclusão.

Entendendo a concepção de mundo de Piccarolo podemos compreender, assim, as razões que o levaram a combater o fascismo: defesa de um tipo de Estado e de uma visão de revolução incompatíveis com o movimento dos camisas negras. Sendo assim, é menos contraditório e difícil buscar a explicação do porquê de Piccarolo se tornar antifascista e representar, a partir de 1928, a Concentrazione no Brasil: Era sua percepção da realidade social e das perspectivas de sua alteração que o levavam a tal posicionamento

Os casos de Francesco Frola e de Mario Mariani

A mesma experiência de análise que fizemos com Piccarolo pode e deve ser reproduzida com Frola, em busca de explicações do porquê do conde Francesco Frola se tornar um militante antifascista na São Paulo do entre guerras. Cumpre ressaltar, antes de mais nada, que, da mesma maneira do feito antes com Piccarolo, não temos o objetivo de fazer um estudo exaustivo da visão de mundo e dos posicionamentos políticos assumidos por Francesco Frola no decorrer de sua vida. Não apenas esse trabalho é dificultado pela quase que total falta de informações bibliográficas sobre ele²⁰ como

20 - Além de referências esparsas, as únicas biografias de Frola estão em Trento, Angelo. Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil, São Paulo, Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, pgs 353-354 e 372-374 e em Andreucci, Franco e Uetti, Tommaso. Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico 1853-1943, Roma, Riuniti, 1975, volume 2, pg 397

sua própria maneira de pensar e viver dificultam essa reconstrução. Frola tem, de fato, no seu estilo de luta antifascista, a característica de usar os jornais que dirige mais para ações diretas contra o fascismo do que para, a exemplo do grupo de Piccarolo, discussões teóricas sobre a sociedade. Isso atrapalha o nosso entendimento da sua visão de homem e de sociedade. Do mesmo modo, o fato de Frola ter sido recusado pela Concentrazione o transforma, no período 1928/29, num antifascista mais personalista (no sentido de independência de órgãos antifascistas mundiais) que Piccarolo, o que também dificulta o relacionamento de seu pensamento com influências externas.

Devemos iniciar esse trabalho discutindo o ideal de transformação social em Frola.

Como vimos anteriormente, o antifascismo de Antonio Piccarolo é claramente defensor das liberdades políticas derivadas da Revolução Francesa. O antifascismo de Frola parece seguir esta mesma linha, exaltando - como vimos antes - os direitos civis e políticos presentes no Estado de direito²¹. Do mesmo modo, porém, que o antifascismo de Piccarolo, Frola não limita seu ideal de transformação da sociedade ao campo político. De fato, ao lado de suas

21 - Para uma tomada de posição clara de Frola em relação a esta questão, vide seu artigo "14 Luglio" (LJ, IV/173, 10/7/1927), onde ele coloca o fascismo justamente como antítese do espírito da Grande Revolução de 1789.

preocupações de caráter mais político, Frola e seus adeptos têm efetivamente uma sólida preocupação social, que se expressa nas páginas do "La Difesa": são feitas denúncias constantes sobre como a política sindical fascista não elimina a luta de classes ²² e é injusta e prejudicial aos trabalhadores ²³, de como o fim da liberdade sindical é trágica ²⁴; como a liberdade de ação sindical é chave para a evolução social²⁵, etc. Preocupações sociais estão, pois, presentes.

Nessa altura, na parte desse capítulo sobre Piccarolo, já tínhamos dados suficientes para identificar as limitações dessas preocupações sociais, entrando na questão dos limites da transformação social em Piccarolo, ou seja, no seu reformismo. Foi através dessa identificação que conseguimos compreender a opção pelo antifascismo de Piccarolo: sua visão de sociedade e de mudança social (centrada no reformismo) entrava em conflito com o projeto hegemônico fascista, determinando a sua opção pelo campo oposto.

Os dados sobre Frola também nos permitem identificar que a sua opção pelo antifascismo foi derivada de seus

22 - "L'equiparazione delle classi" in LD, V/238, 9/12/1928

23 - Vide "La crisi si aggrava" (LD, V/223, 24/6/1928); "A Ginevra. Il sindacalismo fascista" (LD, VI/265, 16/6/1929) e Bertolotti, A. "Momenti" (LD, VI/276, 1/9/1929)

24 - "Dal regno del Papa" in LD, VI/275, 25/8/1929

25 - "Confronti" in LD, V/222, 17/6/1928

posicionamentos políticos e de sua visão de mundo, os quais apresentaremos em detalhes agora.

Em primeiro lugar, temos algumas informações que poderiam indicar o caminho da similaridade quase que total entre Frola e Piccarolo, ou seja, haveria indicações de que Frola também compartilhava das idéias reformistas, de revolução como obra educativa, etc, de Piccarolo. Tais fatores seriam a presença de ambos no "Partito Socialista Unitario", ala reformista do socialismo italiano²⁶, a contínua disputa que ambos fazem em busca do reconhecimento da sede central da Concentrazione em Paris (que Piccarolo acabará vencendo) e, acima de tudo, a firme defesa do Estado de direito que, como vimos, ambos fazem. Será este o caminho? Será que Frola e Piccarolo se aproximavam tanto assim?

Um outro fator que poderia nos indicar a similaridade entre ambos é o caráter gradualista que ambos imprimem à chegada do socialismo. Frola vai, de fato, considerar - à semelhança de Piccarolo - a chegada do socialismo como um

26 - O Partito Socialista Italiano sofrerá dissensões no início dos anos 20, as quais culminarão na secessão dos comunistas (que fundarão o "Partito Comunista d'Italia") e na divisão do partido em dois: o "Partito Socialista Italiano", de base maximalista e o "Partito Socialista Unitario", que se apropriará das velhas tradições reformistas do PSI. Será a este partido que Frola e Piccarolo darão suas preferências nos anos 20.

Sobre a história do PSI, ver Arfè, Gaetano. Op. Cit.; Guichonet, Paul. "O socialismo italiano" in Droz, Jacques. História Geral do Socialismo, Lisboa, Livros Horizonte, 1974, vol.7, 202-230; Rapone, Leonardo. "Il Partito Socialista tra Pietro Nenni e Angelo Tasca" in Collotti, Enzo. L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre, Milano, número especial da revista Annali, Fondazione Giacomo Feltrinelli, 1983/84, 663-710 e Tobia, Bruno. "Pietro Nenni e la politica dell'Internazionale operaia e socialista" in Collotti, Enzo. Op. Cit., 135-175.

processo longo e demorado. De fato, Frola escreverá, no manifesto de criação do Partido Socialista Brasileiro em 1932, que

"o partido se encaminha por graus. O socialismo não chega por milagre, senão por desenvolvimentos sucessivos"²⁷

Ou ainda:

"Sou um socialista que crê profundamente no socialismo. Em um socialismo gradual, não em um socialismo de milagres que transforma em cinco minutos as massas incultas em cidadãos capacitados"²⁸

Temos, assim uma série de informações (permanência no mesmo partido, busca de reconhecimento da mesma instituição e demonstração de um ideário gradualista e de defesa do Estado de direito semelhantes) que nos indica a similaridade dos ideários políticos de Frola e Piccarolo. Um exame mais detalhado dessas mesmas informações nos revela, contudo, que a semelhança entre Frola e Piccarolo é, na realidade, ilusória e que havia mais desavenças que concordâncias

27 - Manifesto-programa do PSB paulista (25/1/1932), citado em Carone, Edgar. Brasil - anos de crise 1930-1945, São Paulo, Ática, 1991, cap. 4, pg 98

28 - Frola, Francesco. Acción Obrera, México (DF), Talleres Graficos de la Nación, 1940

(apesar de ambos continuarem se definindo como socialistas) entre ambos.

De fato, Frola, ao contrário de, ao menos até onde sabemos, Piccarolo, vai entrar no novo PSI após a unificação em 1930²⁹ e, apesar de seu grupo continuar mandando sempre sinais de amizade à Concentrazione³⁰, foi sistematicamente recusado por ela, o que é relevante.

Da mesma forma, Frola emite contínuos sinais, em sua vida e obra³¹, de uma militância intensa, a qual nem de longe se compara ao "esforço educativo" imbricado no conceito de mudança social de Piccarolo. Ele também demonstra ter um conceito de revolução que também não se aproxima daquela manifestada por Piccarolo. De fato, enquanto que para Piccarolo a revolução é uma obra educativa, para Frola é aquilo que muda as relações entre as classes e cria uma nova ordem social, o que é uma diferença importante.³²

29 - O novo PSI que surge em 1930 da unificação do PSI e do PSU terá um caráter bem pouco reformista. Para informações bibliográficas, vide nota anterior.

30 - Vide Siculus. "Arturo Labriola" in *LD*, IV/176, 31/7/1927; "I fuorusciti ed i paesi che li ospitano" in *LD*, V/208, 11/3/1928 e "Contro l'imperialismo" (*LD*, V/203, 5/2/1928)

31 - Ele defendeu, por exemplo, a reforma agrária no México e atuou decisivamente na campanha pela nacionalização do petróleo mexicano no fim dos anos 30, a ponto de atrair a ira e a desconfiança dos EUA. Vide Frola, Francesco. *Sangue e Petróleo*, Rio de Janeiro, Livraria Prado, 1954; "O Plano sexenal mexicano" in *Revista do Trabalho*, Rio de Janeiro, nº 10: 1-2, 1938 e "Problemas mexicanos - A reforma Agrária Cardenas" in *Revista do Trabalho*, Rio de Janeiro, nº 4: 5-6, abril 1939.

32 - Vide "L'ultimo colpo" (*LD*, V/210, 25/3/1928)

É, porém, nos tópicos que mais parecem indicar as similaridades entre ambos - o apoio à manutenção do Estado de direito e a defesa do socialismo gradual - que a diferença é mais evidente.

De fato, é importante notar como o socialismo gradual de Piccarolo diverge do de Frola num ponto chave. Enquanto para Piccarolo a chegada ao socialismo era algo que se perdia no tempo, para Frola ela era mais visível e palpável, sendo as etapas em direção a ele claras e diretas:

" o partido lutará pela socialização das indústrias básicas, a criação de monopólios comerciais do Estado e das cooperativas (...) que constituem os primeiros passos destinados a preparar a transição da economia capitalista à economia socialista"³³

Frola continua a pensar a chegada do socialismo, assim, como um processo ainda longo e demorado, mas cujas etapas são passíveis de serem alcançadas e aceleradas através da militância nas estruturas do Estado de direito. É a razão dele defender tanto a sua manutenção.

Outra informação nesse sentido de demonstrar a especificidade de Frola pode vir da comparação de um

33 - Frola, Francesco. Recuerdos de un antifascista (1925-1938), Mexico, Editorial Mexico Nuevo, 1939, 156-158, citado em Carone, Edgar. Brasil - anos de crise 1930-1945, São Paulo, Ática, 1991, cap. 4, pg 99

conceito largamente utilizado tanto por Froila como Piccarolo e que pode nos esclarecer um pouco sobre seus conceitos de mudança social: o de cooperativas.

Para Piccarolo, as cooperativas seriam uma forma de amenizar os conflitos capital X trabalho enquanto o grande trabalho educativo (em que as próprias cooperativas tomariam parte) não levasse a humanidade ao socialismo³⁴. Já para Froila, não apenas as cooperativas de Piccarolo seriam uma fraude³⁵ como o sentido das cooperativas seria outro:

"A cooperação representa em toda a parte uma das forças novas da atual organização social. Da economia moderna criaram-se os trusts, que constituem, por assim dizer, a força mais àspere do capitalismo. Os trusts são os donos absolutos dos mercados, ditando preços e, com a sua brutalidade, ameaçam os interesses das coletividades, representando somente os interesses dos grandes capitalistas.

A própria economia moderna encontrou um meio de pôr oposição aos trusts, criando a forma

34 - Além de inúmeros artigos exparsos, vide um bom resumo da concepção de Piccarolo sobre as cooperativas em Piccarolo, Antonio. Iniciação à Economia Social, São Paulo, Livraria Editora Record, 1936

35 - Vide Froila, Francesco. I tre furfanti (Piccarolo, Mariani e Cilla), São Paulo, edição do autor, 1931, pg 33

cooperativa, que representa o esforço da coletividade (...)

A cooperação é a alma pacificadora entre as diversas classes sociais. debaixo de um controle orientado e moderno, pode ela ser um notável regulador sobre os preços do consumo de toda a produção, limitando os lucros do capitalismo sobre a mão de obra" ³⁶

As cooperativas também serviriam, assim, para atenuar, a curto prazo, os conflitos capital X trabalho. Note-se, porém, que Frola defende um nítido caráter de classe ao cooperativismo. Por seu intermédio, os trabalhadores reduziriam a força dos trusts e cartéis (tendência derradeira do capitalismo para a centralização e o monopólio) e, num processo gradual (mas sem relação com a simples "obra educativa" preconizada por Piccarolo), conquistariam os bens de produção das mãos dos capitalistas. O cooperativismo e a militância nas estruturas do Estado de direito seriam, pois, os fatores decisivos da transformação social³⁷.

36 - Vide "L'opera del nostro direttore: L'onorevole Frola chiude il ciclo delle sue conferenze a Porto Alegre com un ultimo trionfo oratorio", citado

37 - O livro chave de Frola sobre as cooperativas é A Economia Espontânea do Povo: A Cooperacão Livre (citado). Para uma colocação da obra de Frola dentro do contexto cooperativista da época, vide Lenharo, Alcir. Sacralização da Política, Campinas, Papirus/Editora da UNICAMP, 1986. pg 174/175.

Ainda sobre as cooperativas, registre-se a influência que o cooperativismo de Frola parece ter tido sobre Getúlio Vargas. De fato, apesar das relações entre ambos serem contraditórias e mesmo ásperas no final dos anos 30^{as}, o pensamento de Frola parece ter interessado ao futuro chefe do Estado Novo: visitado por Frola enquanto governador do Rio Grande do Sul em 1928, parece ter ficado muito impressionado com as teorias cooperativistas deste ³⁸, a tal ponto que chegou a convidá-lo para implantar o cooperativismo no Brasil⁴⁰. Apesar da recusa de Frola em aceitar o convite, seria um tópico interessante de pesquisa ver se e como o seu pensamento influiu, obviamente reelaborado, na constituição da doutrina corporativista do Estado Novo.

Parece ser na busca de um espaço onde pudesse haver uma militância intensa e onde o cooperativismo pudesse atuar (com seus efeitos benéficos de curto e de longo prazo) que Frola faz a defesa do Estado de direito e da democracia. Ele também acaba por considerar, como vimos, a queda do capitalismo um processo longo e demorado, mas é muito mais

38 - Em Saque e Petróleo (citado), Frola informa que sua certidão de naturalização foi assinada pessoalmente por Vargas em 1933 mas que, convidado para lecionar no México em 1938, teve sua petição de autorização negada diretamente por ele.

39 - Vide "L'opera del nostro direttore: L'onorevole Frola chiude il ciclo delle sue conferenze a Porto Alegre con un ultimo trionfo oratorio", citado

40 - A informação vem de Luizetto, Flávio. Os constituintes em face da imigração, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1975, pg 111, citado em Lenharo, Alcir. Op.Cit., pg 175

realista que Piccarolo, confiando que a atividade política institucional e a ação cooperativa dentro das estruturas políticas democráticas consigam, lentamente, derrubar o sistema.

Podemos entender, portanto, o porquê de ambos defenderem a manutenção do Estado de direito: para um, ele era básico por permitir ações paliativas contra o capitalismo e a ação educativa que, a longo prazo, modificaria o sistema econômico e social. Para outro, ele também era básico, ao permitir a ação cooperativa (impossível, segundo Frola, sem democracia e liberdade) e a agitação social que, também a longo prazo, derrubariam o sistema. Eram dois fins diferentes, mas que pressupunham o mesmo instrumento: o Estado de direito. Não é à toa que ambos sejam tão intransigentes em sua defesa contra o fascismo⁴¹.

Entendendo a concepção de mundo de Frola podemos levantar alguns elementos para compreender, assim, as razões que o levaram a combater o fascismo: defesa de uma democracia que seria fundamental para o avanço social. Com isso, os grupos de ambos - Frola e Piccarolo - mantêm as tradições socialistas italianas e confluem para um ponto comum, mas com finalidades diversas. Saber se isso (mesmo instrumento, fins diferentes) era fator de estacelamento ou

41 - Claro que podem haver outros fatores derivados do jogo político nacional e internacional e mesmo de problemas pessoais atuando para determinar a defesa que Frola (e mesmo Piccarolo) fazem do Estado de direito. Se existem, foi impossível, porém, determiná-lo apenas com o uso dos jornais.

de união dos grupos antifascistas ligados ao socialismo italiano de São Paulo é ponto ainda em aberto.

Através da análise de suas idéias e projetos para a sociedade, tivemos oportunidade, assim, de levantar alguns elementos que nos ajudam a compreender a militância antifascista de Frola e Piccarolo. Deveríamos repetir esse argumento, agora, no tocante a Mariani. Isso se torna difícil, porém, devido à escassez quase que total de informação relativa tanto a este personagem como sobre seu companheiro na direção da segunda fase do concentracionismo italiano no Brasil, Nicola Cilla. Sendo assim, tudo o que poderemos fazer é identificar alguns elementos que nos permitam situar o antifascismo de Mariani e Cilla no seio dos demais.

Nesse sentido, consideramos que seria interessante apresentar as biografias dos dois líderes (além de Piccarolo) dessa segunda fase do antifascismo concentracionista italo-brasileiro; biografias estas que tentarão substituir os dados não disponíveis sobre seus ideários políticos. Iniciemos por Cilla.

Nicola Cilla⁴² nasceu em 1895, de família nobre e logo se inclinou para o socialismo. Lutou contra a entrada da Itália na I Guerra Mundial, foi ativo militante socialista e

42 - As informações a seguir foram extraídas de Andreucci, Franco e Detti, Tommaso. Il Movimento Operaio Italiano - Dizionario biografico 1853-1943, Roma, Riuniti, 1975, volume 2, 43-45

entrou no PCI no início dos anos 20, onde era membro de sua ala mais à direita.

Em 1925 diminuiu seu empenho político e foi para a França em 1926 e para o Brasil em 1930. Por este tempo, se afastou do PCI (que depois o expulsou das suas fileiras) e se tornou um dos expoentes da Concentrazione no Brasil.

Em 1932 foi para Montevideu e depois para Buenos Aires, onde continuou sua ferrenha luta antifascista. Organizou a conferência de 1942 da "Italia Libera" e voltou à Itália no pós guerra.

Já Mariani⁴³ era um conhecido romancista, tendo interesse e militância na esquerda desde longa data. Suas idéias eram singulares: tentava mostrar os limites do marxismo e, embora prevendo a vitória final do socialismo, insistia na valorização da classe média, rejeitava o conceito de igualdade absoluta e insistia na sua independência dos partidos⁴⁴.

Fugiu da Itália em 1926, indo para a Suíça e depois para a França, (onde fundou o "voluntarismo", logo decadente pela infiltração fascista e oposição de comunistas e socialistas maximalistas), de onde foi expulso em 1927. Após passar pela Bélgica, veio para o Brasil (Bahia) em 1929, logo se transferindo para São Paulo.

43 - Vide Trento, Angelo. Do outro lado do Atlântico - um século de imigração italiana no Brasil, São Paulo, nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989

44 - Vide Mariani, Mário. L'equilibrio degli epismi, Milano, Casa Editrice L'idea, 1924 e "Politica e Morale" in Italia Libera, Buenos Aires, III/119, 19/12/1942

Ativo militante antifascista foi expulso, sob a acusação de comunismo, em 1930, indo para Montevideu. Com a Revolução de 1930, voltou a São Paulo, onde assumiu a direção da "Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo" (LIDU) e do "La Difesa".

Casando-se e tendo filhos em 1933, ficou em má situação financeira. Por isso, tentou, consta, negociar com o fascismo: sua militância em troca do pagamento de seus direitos autorais.

A tentativa só falhou por causa da recusa da Editora e o escritor solicitou, então, um passaporte para a Espanha e América Latina, onde se dedicaria ao comércio. Com a aprovação de Mussolini em pessoa, concedeu-se o passaporte e ele foi para a Argentina, onde retomou a atividade antifascista. Retornou à Itália em 1942.

Através das biografias de Cilla e especialmente da de Mariani, podemos identificar alguns padrões de pensamento que nos ajudam a compreender suas inserções no mundo antifascista e, mais especificamente, no mundo antifascista socialista. De forma muito menos explícita, estão presentes conceitos já familiares para nós como o de liberdade e de cooperativismo social⁴⁵. Será, no nosso entender, na defesa dessa liberdade e desse cooperativismo que Cilla e Mariani arregacarão as mangas na luta contra o fascismo, o que os aproxima de Frola e Piccarolo.

45 - O próprio título do livro já citado de Mariani ("O equilíbrio dos egoísmos") se refere ao necessário entendimento entre patrões e operários, básico para o avanço social

Concluimos, portanto, que a busca do porquê da militância antifascista de nossos personagens não deve ser buscada em suas supostas relações com a "italianidade" ou com qualquer outro ponto específico. É no passado político desses homens que se encontram as causas de sua luta contra o fascismo e é esse passado político que deve ser investigado, portanto, para entendermos o que ocorria em São Paulo nos anos 20 e 30.

Capítulo 4 - Um outro inimigo: o comunismo

O anticomunismo de Antonio Piccarolo

Piccarolo não vai poupar energias em seu trabalho de análise do comunismo. Sua crítica base a ele passa pela questão do autoritarismo. O socialismo reformista de Piccarolo e de seu grupo aproximava, de fato, comunismo e fascismo enquanto ditaduras. Ele e seu grupo enfatizavam o método em detrimento do conteúdo, de forma que o Estado de direito (o verdadeiro e historicamente possível promotor da evolução social) fosse ressaltado em oposição àqueles dois sistemas sociais, igualmente violentos e autoritários:

(...) deve estar hoje convencido de que o fascismo é muito mais subversivo e perigoso que o comunismo. Em todo o caso o que não admite dúvida é que estas duas tendências, consideradas como

opostas, apresentam muitos pontos de contactos, seja ideologica, seja praticamente

Ambos os sistemas tem em vista um Estado totalizador, dono absoluto da vida, dos homens, dos pensamentos, de tudo quanto cabe debaixo do seu poder. O cidadão é uma simples engrenagem da máquina estatal.

Ambos são levados por esta concepção para uma politica de espantosa opressão (...)

Ambos procuram sair dos limites do Estado pela propaganda lícita e ilícita das suas idéias, pela corrupção da imprensa, organisando a espionagem, fazendo tramas e conjurações. (...)¹

Ou ainda:

"que coisa importa se nas finalidades se diversificam bolchevismo e fascismo; se um quer tentar formar novas formas de organização social e o outro, ao invés disso, quer fazer o mundo voltar ao passado; se um é inovador e o outro é reaccionário. No fundo, eles visam à mesma finalidade: o triunfo de uma classe, sendo que a

1 - M.C. "O fascismo é subversivo" in IR, 12, 16/6/1928

diversidade entre eles está toda na classe que
querem ver triunfar" *

Um outro ponto a ser abordado dentro desse sub-item "anti-comunismo" é a sua extrema variação temporal. Desde os inícios do "La Difesa", de fato, aquelas considerações que apresentamos inicialmente estão presentes. Aparecem assim desde cedo propostas associando fascismo e comunismo² e só podemos concluir, assim, que o caráter anticomunista do antifascismo socialista italiano de São Paulo foi estabelecido desde cedo, fornecendo mais um motivo para esse grupo se atirar aos braços da Concentrazione (basicamente anticomunista em toda a sua história) assim que ela se formou.

Ainda assim, temos a impressão de que o anticomunismo que o "La Difesa" apresenta entre 1923 e 1926 é um pouco menos explícito que o apresentado pelo grupo de Piccarolo no período posterior. De fato, vemos desde cedo artigos negando

2 - "Commentando um commento" in LD, III/63, 14/3/1926. Outros artigos confirmando a aproximação fascismo/comunismo que Piccarolo faz podem ser encontrados em Piccarolo, Antonio. "A inquietação do mundo" in Cultura, I, i: 5-8, julho 1934 e no prefácio que ele escreve para o livro Problemas Contemporâneos - Sociologia, Economia e política de Francesco Nitti (São Paulo, José Olympio, 1933, 5-10). Outros indícios nesse sentido, já no fim dos anos 30 e mesmo na década de 40 podem ser localizados na Conferência de Piccarolo "Democracia e Liberdade" de 1937 (rascunho no arquivo A. Piccarolo/SP) e no artigo "Marxismo, leninismo e estalinismo perante a realidade russa" de 1947 (rascunho no arquivo A. Piccarolo/ SP)

3 - Ver, por exemplo, "Non é così" in LD, III/37, 13/9/1925

que o fascismo tenha salvo a Itália do bolchevismo⁴, associando fascismo e comunismo⁵ e mesmo alguns artigos com críticas explícitas aos "vermelhos"⁶. Existem, porém, algumas vozes discordantes que esperam a colaboração com os comunistas no período 1923/1926⁷ e podemos perceber, quando observamos o "Il Risorgimento" entre 1928 e 1929, que as críticas explícitas ao comunismo crescem em número e intensidade⁸. A questão é imediata: Porque o socialismo reformista ligado a Piccarolo se apresenta tão mais anticomunista, através do uso do "Il Risorgimento", no período pós 1928?

Já temos em mãos algumas reflexões relacionadas às mudanças táticas, em termos de anticomunismo, que os antifascistas serão obrigados a fazer no período pós 1928 devido às ações fascistas e debates internos do próprio antifascismo no Brasil, reflexões estas que ajudam a explicar seu renovado anticomunismo no pós 1928 e que serão

4 - Ver "Conferenza mancata e uomo liquidato" in LD, I/5, 2/6/1923

5 - Vide os artigos "Cercando la verità (A rispetto di socialisti, comunisti e fascisti)" in LD, III/81, 11/7/1926 (publicado originalmente no "Piccolo" em agosto/1922) e "Non è così", citado

6 - Vide "Commentando un commento" (LD, III/63, 14/3/1926) e "Nel secondo anniversario dell'assassinio di Giacomo Matteotti" (LD, III/76, 13/6/1926)

7 - É o caso de Pietro Fini que, no artigo "Un'altra lezione" (LD, III/20, 10/5/1925) aprova a colaboração dos comunistas alemães com outros partidos em repúdio ao Tratado de Versalhes e considera a colaboração com os comunistas válida e natural.

8 - Vide diversos exemplos desse maior anticomunismo em "Movimento Antifascista" (IR, II/31, 7/2/1925), "Fanfulla antifascista" (IR, II/45, 16/5/1929), "Le feste di Odessa" (IR, III/55, 27/7/1929) e "Fronte Unico" (IR, II/55, 25/7/1929).

apresentadas em item posterior desse texto. Entendemos, no entanto, que há, concomitantemente, um fator próprio do debate ideológico mundial do período que também parece ter levado esse grupo de antifascistas a uma maior ênfase às posições anticomunistas.

Esse fator a que nos referimos consiste das idas e vindas do relacionamento entre os comunistas e socialistas, às quais os antifascistas brasileiros também parecem responder. De fato, as relações entre o nascente Partito Comunista d'Italia (PCI) e os socialistas italianos não são das melhores desde o início⁹. A partir de 1927/28, porém, essas relações pioram ainda mais. É o momento em que o 6º Congresso do Comintern proclama o isolamento dos comunistas frente aos social-democratas (vistos como "social-fascistas"), levando a uma hostilidade ainda maior entre os partidos socialistas italianos e o PCI, o qual incorpora as orientações do Comintern¹⁰ e avança ainda mais nas suas críticas aos partidos socialistas italianos e à Concentrazione, vista como "orgão maçônico", "Segundo

9 - Além das lutas precedentes com o Aventino, o PCI vai, no início de 1925, denunciar o socialismo não como flanco direito do socialismo, mas como flanco esquerdo do capitalismo. Ver Delzell, Charles. "Italian antifascist strategies in the decade after Matteotti's assassination", citado; Hajek, Milos. "Il fascismo nell'analisi dell'Internazionale Operaia e Socialista" in Collotti, Enzo. L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre, nº especial da revista Annali, Milano, Fondazione Giacomo Feltrinelli, 1983/84, 389-430; Mancini, Mario. "L'Internazionale Operaia e Socialista e la questione del fronte unico negli anni trenta" in Collotti, Enzo. Op.Cit., 177-198 e Spriano, Paolo. Storia del Partito Comunista Italiano, Torino, Giulio Einaudi, 1975, volume 2

10 - Vide Spriano, Paolo. Op.Cit. e Guichonet, Paul. "O Socialismo Italiano" in Droz, Jacques. História Geral do Socialismo, Lisboa, Livros Horizonte, 1977, 202-230

Aventino", etc. Até que essa situação se modificasse nos anos 30, o clima entre comunistas e socialistas/concentracionistas não era dos melhores, sendo, portanto, natural que o "Il Risorgimento", órgão da Concentrazione e dos socialistas italianos no Brasil, intensificasse sua propaganda anticomunista.

Tendo em vista o ideário de Piccarolo podemos entender, assim, a sua recusa do fascismo e do comunismo e a sua associação de ambos enquanto movimentos autoritários. Do mesmo modo, esse ideário nos ajuda a compreender o elevado grau de pacifismo a que o antifascismo de Piccarolo foi levado.

Por "pacifismo" deve-se entender o baixo número de atritos violentos dos antifascistas de Piccarolo com seus inimigos fascistas em São Paulo nesse período. Há, sim, choques judiciais e algumas ameaças de parte a parte. Nunca se chega, porém, ao grau de conflito a que se chegava, por exemplo, na Austrália e Argentina nesse mesmo momento¹¹.

11 - Nos referimos aos choques dos fascistas com os anarquistas de Frank Carmagnola em várias cidades australianas de 1927 a 1929 e o ciclo de violência do grupo liderado por Severino di Giovanni na Argentina a partir de 1925. Não vemos nada semelhante, ao menos no que se refere ao grupo de Piccarolo, no Brasil.

À respeito da situação australiana, vide Cresciani, Gianfranco. "Italian anti-fascism in Australia 192-1945" in Felice, Renzo de. (org) Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia, Milano, Franco Angeli Editore, 1979 e "Italian fascism in Australia 1922-1945" in Studi Emigrazione, XXV, 90: 237-246. Sobre a Argentina, vide Leiva, Maria de Luján. "Il movimento antifascista italiano in Argentina (1922-1945) in Bezza, B. Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 549-582 e Bayer, Osvaldo. "L'Influenza dell'immigrazione italiana nel movimento anarchico argentino" in Bezza, B. Op. Cit., 531-548. Especificadamente sobre di Giovanni, vide Bayer, Osvaldo. Severino di Giovanni, el idealista de la violencia, 2ª edição, Buenos Aires, Legnasa, 1988

Entendemos que ao menos parte desse "pacifismo" deriva da visão de Piccarolo (que já apresentamos) de que a revolução é um trabalho mais educativo que outra coisa e isso vem a comprovar como entender o ideário de um grupo político pode nos ajudar a contextualizar suas ações e procedimentos.

Francesco Frola, o anticomunismo e a política de frente
única

Visto o caso Piccarolo, resta discutir o anticomunismo em Frola. Temos que examinar se sua defesa do Estado de direito implica, como em Piccarolo, em aproximação fascismo/comunismo enquanto ditaduras e pela ferrenha recusa deste último.

A resposta a ambas as questões é não. Frola faz algum tipo de aproximação fascismo = comunismo enquanto ditaduras no estilo de Piccarolo ¹² mas é uma crítica muito leve e que parece estar mais inclinada a responder a ataques externos

12 - Vide "L'opera del nostro direttore: L'onorevole Frola chiude il ciclo delle sue conferenze a Porto Alegre com un ultimo trionfo oratorio", citado

que efetivamente indicar indícios de anticomunismo mais sério ¹³.

Já em 1927, de fato, Froia vai deixar claro que não é comunista e não aprova os seus métodos, mas que não compartilha da fobia anticomunista de Piccarolo e que é de opinião de que o fascismo é diferente, ao menos num ponto, do comunismo:

"Nós, que preferimos a fé democrática, porque na democracia encontramos o terreno ideal aos desenvolvimentos sociais sucessivos, não aderimos ao método da violência e da ditadura, mas sentimos o dever moral de defender da difamação o movimento bolchevique, que é luz ideal enquanto a milícia fascista é obscuridade criminosa"¹⁴

Além dessa confirmação direta, os sinais que indicam uma tolerância infinitamente maior de Froia aos comunistas são numerosos. Esses sinais podem ser percebidos mesmo em pequenos detalhes como as mudanças que surgem no "La Difesa"

13 - Os ataques fascistas chamando Froia de "comunista" e a resposta deste serão vistos em capítulo posterior desse texto.

14 - Froia, Francesco. "Fascismo e Bolscevismo" in Folha da Manhã, 9/1/1927

na gestão Frola¹⁵ e a participação deste em atos de que Piccarolo provavelmente guardaria distância¹⁶.

Há alguns indícios de que essa ausência de receios nas relações com os comunistas causou atritos com o grupo Piccarolo enquanto ele ainda não havia se destacado do "La Difesa" para formar o "Il Risorgimento"¹⁷ e também provas claras desse menor anticomunismo. Em junho de 1927, por exemplo, a "Lega Italiana dei Diritti dell'uomo" do Rio de Janeiro, sob influência de Frola, convidou o deputado Azevedo Lima, simpatizante do Partido Comunista Brasileiro e do Bloco Operário e Camponês, para discursar. Seu discurso não poderia ser mais radical e deve ter deixado aquela ala mais à direita dos socialistas italianos com os cabelos em pé. Diz o "La Difesa" sobre o discurso de Azevedo Lima:

15 - Começam a aparecer no jornal defesas públicas de comunistas italianos maltratados pelo fascismo, o que Piccarolo jamais se atreveu a fazer. Vide, por exemplo, "I delitti del fascismo italiano. L'assassinio del comunista Gastone Sozzi nelle carceri militari di Perugia" in *LD*, V/210, 25/3/1928 e "Il Processone" contro i comunisti incominciato il 28 maggio" in *LD*, V/221, 10/6/1928.

16 - Em abril de 1927, por exemplo, Frola vai discursar num festival operário que se inicia com a "Internacional Comunista". Vide "Grande Festival da Federação Polygraphica do Brasil" in *LD*, IV/156, 21/4/1927.

17 - Fazemos referência ao artigo de "Italicus" ("Sindicalismo Fascista") que o *La Difesa* publica em 17/7/1927. "Italicus" critica a Itália e a Rússia, locais que a privação da liberdade de pensamento e a ditadura estariam distanciando do real socialismo, a ser obtido gradualmente e sem violência. Logo abaixo do artigo, contudo, há uma nota da redação avisando que se compartilha apenas em parte das opiniões de "Italicus" e que não se quer recusar aquele "grandioso experimento social que é a Rússia do Soviets". Divergência interna, pois, mais que clara.

"Para ele, o caso Matteotti era o atestado vivo da falência do regime burguês. Invoca os princípios marxistas para mostrar que a sociedade caminha a largos passos para o regime comunista e que o fascismo é a tentativa desesperada do capitalismo para manter-se no poder enquanto o proletariado se organiza e luta para conquistá-lo. A burguesia de todos os países se une num só bloco para esmagar o proletariado, que adquire consciência revolucionária. Por isso mesmo, acha que o proletariado deve organizar-se também num bloco de aço, numa barreira inexpugnável (...) O proletariado deve refugiar-se no seu partido. Fora deste, não há salvação (...) " 18

Essa abertura de Frola com relação aos comunistas vai ser mais um ponto de atrito com Piccarolo. Em 1929, por exemplo, ele abre o jornal para Goffredo Rosini¹⁹, um dos poucos comunistas italianos em atuação no Brasil do período. Este, em carta pessoal a amigos na Itália, revela como o grupo de Piccarolo se exasperou com essa "intromissão comunista":

18 - Vide "L'Indimenticabile serata a Rio de Janeiro" in LD, IV/170, 19/6/1927

19 - Apesar das informações constantes sobre a entrada de Rosini, não encontramos artigos assinados por ele no "La Difesa". Sinal, talvez, de que a sua participação não foi tão intensa quanto os adversários de Frola proclamavam.

"Aqui em São Paulo, existem três (repito, três) comunistas italianos. Um é o viajante da "Difesa", que é o único honesto e sério. O outro é quem lhe escreve. O terceiro é um cáften ou um gigolô (...). Pela segunda vez: que fazer nesse ambiente, em tal situação? Depois, também, a minha entrada no "Difesa" causou grande confusão. O órgão da Concentrazione estrila, dizendo que o comunismo está se infiltrando em meio aos italianos" 20

Já vimos que Frola era mais tolerante com os comunistas e que isso gerou atritos com o grupo de Piccarolo. Note-se também que as atitudes de Frola (relativas ao comunismo e a outros pontos) parecem ter servido de estopim para o rompimento de algumas divergências já presentes no seio do movimento antifascista italiano de São Paulo desde o início. Veja-se o caso, por exemplo, do militante Pietro Fini. No período 1923-1926, ele é uma voz discordante no "La Difesa", aceitando colaborar com os comunistas (vide nota 7). Quando da divisão do antifascismo socialista italiano de São Paulo em dois grupos e em dois jornais, ele se inclina para o lado de Frola, tornando-se fiel colaborador do "La Difesa". Frola parece ter captado para o seu lado, assim, diversos dos

20 - Carta citada em Trento, Angelo. Op. Cit., pg 349

descontentes que gravitavam no "La Difesa" entre 1923 e 1926 - como o já citado Pietro Fini, Ambrogio Chiodi, Antonio Cimatti e outros - e se opunham ao grupo majoritário, de pensamento semelhante ao de Piccarolo.

Visto isto, resta agora responder uma questão chave: Porque Frola era mais aberto com relação à colaboração com os comunistas?

Como vimos anteriormente, a resposta a esta questão não pode ser buscada na compatibilidade ideológica entre o socialismo de Frola e o comunismo. Realmente, Frola, apesar de estar bem mais à esquerda de Piccarolo no espectro político, continuava a ser um socialista, sem nada que pudesse indicar uma adesão aos ideais comunistas, muito pelo contrário²¹. O que, na verdade, parece ter conduzido Frola à colaboração com os comunistas é uma concepção muito cara a seu pensamento: a de união total de partidos e forças contra o fascismo.

Na realidade, esta não é uma política exclusiva de Frola. Também Piccarolo e a Concentrazione adotam-na, mas com uma limitação clara: exclusão dos comunistas ou de quem quer que fosse suspeito de tal²². Frola parece ter rompido esse limite e realmente cumprido sua promessa de manter

21 - O que não implica esquecer que a visão de comunismo de Frola era, de fato, muito mais positiva que a de Piccarolo. Ainda em 1937 (ver A Economia espontânea do Povo - A Cooperação Livre - citado, pgs 335/337), ele diz que o cooperativismo de seus sonhos está se desenvolvendo na Rússia dos soviets e apresenta por isso uma boa impressão dela.

22 - Ver capítulo anterior.

unidos os antifascistas, por mais diversas que fossem suas idéias²³. Isso levou Frola a alianças com várias das correntes políticas italianas em ação no Brasil no momento, dando espaço a elas no "La Difesa":

"Durante o tempo em que ele guiou o movimento antifascista não se verificou no nosso campo nenhum dissídio de caráter político. Republicanos, como eu, socialistas de todas as gradações, filo comunistas, anarquistas ²⁴, todos os antifascistas de esquerda seguiam fraternalmente a batalha comum" ²⁵

e a uma ação integrada - especialmente em período posterior ²⁶ - com outros antifascistas brasileiros e

23 - A promessa foi feita no primeiro artigo que Frola escreve no "La Difesa": "Ringraziamenti e Propositi" in LJ, III/113, 7/11/1926

24 - Um exemplo de anarquista e antifascista italiano que teve uma leve aproximação com Frola e o "La Difesa" foi Alessandro Cerchiai, que participou de uma festa Pro Difesa em 29/11/1926, discursando e subscrevendo o jornal. Vide "Festa Pro Difesa" in LJ, III/119, 28/11/1926. Também nas memórias de Zélia Gattai (Anarquistas. Graças a Deus, São Paulo, Record, sem data, pg 176), se fazem referências à conferências de Frola onde ele era assessorado por antifascistas anarquistas italianos como Alessandro Cerchiai, Oreste Ristori e Angelo Bandoni

25 - Declaração de Libero Battistelli in Frola, Francesco. I tre furfanti (Pizzarello, Mariani e Cilla), São Paulo, edição do autor, 1931, pg 23

26 - A participação de Frola foi decisiva, por exemplo, na formação da frente antifascista que travou a grande batalha contra os integralistas na Praça da Sé em 7/10/1934. Sobre essa batalha e a participação de Frola e de outros antifascistas italianos, vide os relatos de Eduardo Maffei (A

italianos para barrarem o fascismo. Uma posição realmente inovadora dentro do antifascismo ítalo-brasileiro e que deve ser valorizada.

É importante notar, porém, que se esse posicionamento de Frola em defesa da formação de frentes populares é algo inovador dentro do socialismo italiano de São Paulo, não o é frente à situação internacional. Frola, na verdade, toma posição em um debate maior no interior do socialismo italiano a respeito da colaboração ou não dos socialistas com os comunistas²⁷. É um debate que se estenderá por anos dentro dos partidos socialistas italianos e que terminará apenas em 1934, com os acordos de colaboração comunistas/socialistas. Frola está interligado, portanto, com debates intelectuais mais amplos e isso deve ser destacado.

Natalha da Praça da Sé, Rio de Janeiro, Philobiblion, 1984 e "Gigi Damiani e outros" in Temas de Ciências Humanas, 5: 93-124, 1975), a entrevista de Fúlvio Abramo no "Folhetim" da Folha de São Paulo em 7/10/1984 e o depoimento de D. Lélia Abramo (participante do conflito) em entrevista a nós concedida em 17/12/1992

27 - A bibliografia sobre essa colaboração/disputa entre comunistas e socialistas é volumosa. Vide Tobia, Bruno. "Pietro Nenni e la politica dell'Internazionale Operaia e socialista" in Collotti, Enzo. Op.Cit., 135-175; ArfP, Gaetano. Op.Cit., Torino, Einaudi, 1965, caps finais; Cole, G.D.H. Socialismo e fascismo 1931-1939, Coleção Historia del Pensamiento econômico 7, México, Fondo de Cultura Económica, 1963, cap. 1; Guichonet, Paul. "O socialismo italiano" in Droz, Jacques. Op.Cit.; Mancini, Mario. "L'Internazionale Operaia e Socialista e la questione del fronte unico negli anni trenta" in Collotti, Enzo. Op.Cit., 177-198; Natoli, Claudio. "L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre" in Storia Contemporanea, XVIII (1): 145-169, fevereiro/1987; Rapone, Leonardo. "Il PSI tra Pietro Nenni e Angelo Tasca" in Collotti, Enzo. Op.Cit., entre outros.

Mario Mariani. O anticomunismo e a política de frente única

Mario Mariani também demonstrará seguir, com algumas variações, a política anticomunista de Piccarolo. Sobre o velho inimigo comunista²⁸ cairão de novo, sob Mariani, as acusações de ser um fascismo invertido²⁹ e de radicalismo extremo. Tanto sob Piccarolo como sob Mariani, portanto, a seção da Concentrazione seguirá a mesma política - oposta à de Frota -, agindo vigorosamente na tarefa de manter avesso aos "radicais de esquerda" o seu antifascismo.

Resta anotar, porém, que o anticomunismo de Mariani é ainda mais visceral que o de Piccarolo. Seja por convicções cristalizadas em seu pensamento, seja como reação à sua expulsão do Brasil em 1929 sob a acusação de comunismo, o fato é que o anticomunismo de Mariani tem um caráter mais acentuado que o de Piccarolo. Isso pode ser confirmado pelos inúmeros artigos de Mariani a respeito em periódicos como o próprio "La Difesa" e "A Platéia"; pelo seu comportamento frente à criação da seção do "Italia Libera" na Argentina nos anos 40 e principalmente pela interpretação especial dada pelo grupo concentracionista brasileiro à questão da

28 - Claro que o fato dos fascistas acusarem Mariani de ser comunista também influenciará nesse intenso trabalho de crítica que Mariani e Cilla fazem ao comunismo. Vide, sobre isto, "La petizione dell'avv. Barreto al Supremo Tribunal Federal per l'habeas corpus a Mario Marian" in LD, VI/311, 1/6/1930

29 - Mariani, Mario. "Nel nostro campo" in LD, VI/284, 27/10/1929. Vide também "Homens, Partidos e programas" in A Platéia, 5/6/1931 e "Larga-me senão te esgano" in A Platéia, 26/6/1931

frente única contra o fascismo no período de sua influência, ou seja, o início dos anos 30. Exploremos esses pontos um pouco melhor.

Em relação aos artigos de Mariani, seria fácil selecionar exemplos de seu anticomunismo. É no artigo "Paris e Fernando de Noronha", porém, que ele mais se revela seu pendor anticomunista:

Note-se que eu não sou brando com os comunistas. Porque eles não o são com ninguém. Os comunistas mandam seus adversários para a Sibéria e os fuzilam. Merecem tratamento igual"³⁰

Do mesmo modo, sua ação antifascista – e a de Cilla – na Argentina³¹ revela um anticomunismo sólido e persistente. E no tocante à questão da frente única que o anticomunismo de Mariani adquire, porém, características mais interessantes, comprovando-se que, mais do que uma posição pessoal de Mariani e Piccarolo, ele estava profundamente fixado no seio da seção da Concentrazione no Brasil. Para que possamos entender essa passagem melhor é básico, porém, que avancemos colocações iniciadas no item sobre Froia deste capítulo e

30 - in A Platéia, 23/1/1931. No mesmo artigo, porém, ele nega a possibilidade de comunismo no Brasil e diz que o melhor remédio contra ele é dar pão ao povo.

31 - Vide Fanesi, Pietro Rinaldo. "El antifascismo italiano en Argentina" in Estudios Hicratorios Latinoamericanos, 4 (12):319-352, 1989

que apreendamos como estava a questão da frente única contra o fascismo nesse início dos anos 30.

Como vimos anteriormente, o antifascismo de Piccarolo/da Concentrazione considerava possível reunir as forças de diversos partidos com o intuito de combater o fascismo. Essa união não deveria, contudo, compreender os comunistas, inimigos tão ou mais perigosos que o fascismo. Já vimos também como Frola se destaca dentro do antifascismo ítalo-paulista ao propor, precocemente, a união de todas as forças - incluindo os comunistas e anarquistas - contra o fascismo. Vejamos agora a posição de Mariani.

A segunda fase da Concentrazione no Brasil, sob a liderança de Mario Mariani, vai apresentar uma visão diferente da questão da frente única. Já em 1930, com a subida de Mario Mariani à chefia do concentracionismo no Brasil, são lançados apelos calorosos à união de todos os antifascistas³², com o intuito de superar todos os graves desentendimentos internos derivados da luta de Frola com a Concentrazione no período anterior. Esses apelos caem, até onde sabemos, no vazio e os concentracionistas terão que sustentar a disputa com Frola até meados dos anos 30. De qualquer forma, porém, é interessante observar como a luta interna ao socialismo italiano de São Paulo e o contexto

32 - Vide Cilla, Nicola. "Per l'unità antifascista del proletariato" in *LI*, VI/306, 20/4/1930; "Lega Antifascista" in *LI*, VI/306, 20/4/1930 e "Progetto di riforma dello Statuto della Lega Antifascista" in *LI*, VI/313, 15/6/1930

mundial³³ se reuniram para gerar no Brasil, já no início dos anos 30, mas mais especialmente a partir de 1933/34, discussões sobre a política de frente única, a qual marcará as ações dos socialistas italianos nos anos a seguir.

O debate mundial a respeito da colaboração entre socialistas e comunistas dentro da frente única contra o fascismo é, de fato, intenso no início dos anos 30. Para os partidos socialistas do mundo era realmente um problema fundamental escolher os aliados, já que eram fracos demais para se oporem sozinhos aos fascistas. Nesse sentido, houve uma tendência a alianças dos partidos socialistas com o centro e a direita moderada em vários países (O que, no caso italiano, levou à formação da Concentrazione. Essa tendência teve resultados variáveis: Desde a derrota total na Alemanha frente ao nazismo até grandes sucessos em enfrentar a crise econômica e o fascismo, como na Suécia. As relações dos socialistas com os comunistas continuavam, porém, problemáticas, com os social democratas recusando a aliança com os comunistas e estes continuando a considerá-los "social fascistas"³⁴.

A ascensão irresistível de Hitler ao poder na Alemanha em 1932/33 fez ver, porém, a ambos os lados a necessidade de reunir as forças da esquerda. Os contatos entre a

33 - No início dos anos 30, os partidos pertencentes à Concentrazione assinam um pacto de unidade de ação, com vistas a ampliar a unidade da Concentrazione na luta contra o fascismo.

Uma transcrição desse pacto pode ser encontrada em "Il Patto d'unione e d'azione" in LI, VI/329, 12/10/1930

34 - Vide Hajek, Milos. Op.Cit.

"Internacional Operária e Socialista" e a "Internacional Comunista" começaram, mas não conseguiram jamais chegar a um acordo definitivo. Vários partidos socialistas fizeram, contudo, alianças por conta própria com os comunistas³⁵.

Um dos partidos que fez a aliança com os comunistas foi o PSI. Desde sua reunificação e do estabelecimento da liderança de Pietro Nenni, ele busca ampliar os contatos do PSI com o PCI, de forma a criar uma grande frente única entre o PCI, a Concentrazione e "Giustizia e Libertà". Esse esforço acabou gerando a assinatura de um acordo de cooperação com o PCI e o fim da Concentrazione³⁶.

É no contexto dessa reviravolta da esquerda mundial que podemos inserir o esforço dos antifascistas concentracionistas italo-brasileiros em criar uma grande aliança antifascista em São Paulo. Nesse sentido, aumentam os contatos com o movimento operário (ver capítulo 7) e parece ter havido todo um esforço em articular as forças antifascistas de São Paulo³⁷.

É interessante notar, porém, ainda sobre essa política de alianças, que nem mesmo a sua aplicação efetiva conseguiu

35 - Vide Mancini, Mário. "L'Internazionale Operaia e Socialista e la questione del fronte unico negli anni trenta" in Collotti, Enzo. L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre, citado, 177-198

36 - Vide Rapone, Leonardo. "Il PSI tra Pietro Nenni e Angelo Tasca" in Collotti, Enzo. L'Internazionale Operaia e Socialista tra le due guerre, citado, 669-710

37 - Em janeiro de 1934, surgem no "La Difesa" notícias de uma "Federação dos grupos de defesa da frente única antifascista de São Paulo". Não conseguimos apurar mais nada sobre ela, mas seu simples surgimento é sinal de que o esforço antifascista mundial em reunir forças contra o fascismo teve realmente seus reflexos em São Paulo.

reunir os socialistas italianos de São Paulo numa única instituição. De fato, existem sinais de que o grupo de Frola, adepto de conversações com os comunistas, continuou separado dos concentracionistas mesmo em 1933/34, quando ambos os grupos se equivaliam na busca da frente única e isso é relevante. Na verdade, cada um desses grupos parece ter feito a sua frente única, trazendo para junto de si os grupos que mais se aproximavam em termos de ideário político³⁸. Um sinal da força do conflito que separava o conde Frola da Concentrazione e da resistência considerável dos concentracionistas com relação aos partidos mais a esquerda no espectro político, a qual ajuda a explicar muitos de seus atos, vitórias e derrotas no Brasil.

38 - A frente única do "La Difesa" e da Concentrazione em 1934 será formada, segundo Ângelo Trento (*Op. Cit.*, pg 381) por uma seção do PSI oposta ao grupo Matteotti (este último ligado a Frola), pela seção local da Concentrazione e por um outro organismo antifascista (o "Italia Libera") sobre o qual não conseguimos mais informações. Já a frente única na qual Frola participava incluía o Partido Comunista Brasileiro e grupos anarquistas (Vide Maffei, Eduardo. A Batalha da Praça da Sé, Rio de Janeiro, Philobiblion, 1984), o que indica que, apesar de seus apelos em favor da frente única, a seção brasileira da Concentrazione ainda hesitava, e muito, a se associar com os "radicais de esquerda".

Capítulo 5 - As lutas internas e a questão das sedes centrais

A luta de Frola com a Concentrazione

Esse sub-item do capítulo quinto tem por objetivo central levantar mais elementos para o estudo de uma das mais importantes questões dentro do antifascismo socialista de São Paulo no fim dos anos 20 e início dos 30: a disputa Frola X Concentrazione e especialmente a disputa Frola X Piccarolo. Procuraremos verificar mais uma vez as razões do conflito entre ambos, a realidade desse conflito e seus possíveis efeitos no desenrolar da luta antifascista em São Paulo nos anos 20 e 30.

Iniciemos pelas razões do conflito Frola X Piccarolo. Temos, a respeito desse conflito, três níveis de explicações sobre o porquê de toda a hostilidade entre os dois: a oferecida pelos próprios atores, a fornecida pela historiografia e a apresentada por nós. Vejamos uma a uma.

Piccarolo e Frola apresentam, um contra o outro¹ uma enorme coleção de impropérios e insultos: surgem acusações de corrupção, traição, imediatismo, etc. É difícil, senão impossível, estabelecer a veracidade dessas acusações e quanto os fatos que elas narram se tornaram realmente fatores de desavença entre Frola e Piccarolo. É nossa impressão, porém, que estas acusações - por mais verdade que possam apresentar - são mais instrumentos da luta que efetivamente causas dela, as quais devem ser buscadas não nas acusações mútuas, mas sim nas motivações de caráter pessoal e político.

As motivações de caráter pessoal já foram suficientemente exploradas pela historiografia² a qual peca, no entanto, ao convertê-las em única explicação para o conflito Frola X Piccarolo. Ora, é óbvio que grande parte do atrito entre ambos se deveu a razões de ordem pessoal (rivalidades, ciúmes, disputa por poder e prestígio, etc), mas não podemos considerá-las como único aspecto a ser levado em conta. Se assim procedêssemos estaríamos, na realidade, repetindo uma argumentação que, apesar de ter aspectos dignos de serem levados em conta, não passa de uma arma política dos concentracionistas, a quem interessa reduzir todos os conflitos internos aos socialistas italianos de São Paulo a

1- Vide especialmente Frola, Francesco. Tre Furfanti (Piccarolo, Mariani e Cilla), São Paulo, edição do autor, 1931 e Piccarolo, Antonio. Il fenomeno Frola, São Paulo, sem editora, 1934.

2- Vide Trento, Angelo. No outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil, São Paulo, Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, especialmente pgs 367-376.

meras questões pessoais (o que ampliaria as possibilidades de união interna³ . Ou ,nas palavras de Mario Mariani:

"No que tange o caso específico de São Paulo, os assim chamados extremistas eram elementos dissolventes em nome de personalismos que não tem nada a ver nem com política nem com o antifascismo"

4

É fundamental ressaltar-se, porém, que o conflito de Frola com Piccarolo e Mariani ocorria também por motivos políticos e de ordem estratégica, de decidir como lutar contra o fascismo. Antonio Cimatti, por exemplo, assim se manifestava ao lembrar - com nostalgia - o "La Difesa" no período Frola:

"(O La Difesa) hoje é bem escrito, contém ótimos artigos de ótimos colaboradores, mas não funciona. O público não o entende, não o aprecia. Permanece fiel a ele só porque os fulgores do passado continuam a reverberar."⁵

3- Cilla, Nicola. "Per l'unità antifascista del proletariato" in LD, VIII/371, 12/9/1931

4 - "Mario Mariani ci scrive: sono agli ordini della Concentrazione" in LD, VI/324, 7/9/1930.

5 - LD, VI/324, 7/9/1930

Frola era, realmente, mais ativo que Piccarolo, fazendo mais conferências, procurando obter mais assinaturas e subscrições, etc e tinha um estilo tão direto que beirava a grosseria⁶. Não é de se espantar a rejeição deste estilo de luta antifascista pelos moderados Piccarolo, Mariani e Cilla.

Isso, porém, não esgota a questão. Mais do que uma disputa pessoal e de caráter estratégico, o que parece ter efetivamente definido a colocação de Frola num campo oposto à Piccarolo, Mariani e Cilla foi a divergência política, a qual convém explicitar melhor.

Esperamos que os capítulos precedentes desse trabalho tenham deixado claro o quadro de divergência entre Frola e a Concentrazione, ou seja, as visões divergentes no que se refere à definição de fascismo, ao modo de se obter o avanço da sociedade e mesmo definir esse avanço e a questão do comunismo e das frentes únicas. Apenas no tocante à política de alianças de Frola se faz necessária uma complementação. Já vimos que Frola deve ter irritado Piccarolo com sua política de aproximação com os comunistas. Anote-se, porém, que Frola não apenas estreitou os laços da "Lega Antifascista" com vários movimentos antifascistas, mas também abriu as portas do "La Difesa" a vários antigos inimigos de Piccarolo no movimento socialista paulistano, como Ertulio Esposito,

6 - Nas memórias de Zélia Gattai (Anarquistas, graças a Deus, São Paulo, Record, sem data, pg 177) se fazem referências ao estilo direto e aos dotes de orador de Frola

Vincenzo Vacirca, Giovanni Scala, etc. Não é à toa a irritação de Piccarolo.⁷

Entendemos, portanto, que havia um sólido grau de divergência política entre Frola e a Concentrazione (quadro este que pretendemos ter montado nos capítulos anteriores) e que as acusações feitas por ambos os lados encobrem, na realidade, uma situação complexa, em que fatores de ordem pessoal e política se associavam para promover a rivalidade entre ambos.

Resolvida a questão do porquê da luta Frola X Concentrazione, temos uma nova questão com que pensar: Como se deu esta luta?

Nos anos 30, o conflito de Frola com Piccarolo, Mariani e Cilla vai espantar pela sua intensidade e violência. São abandonados quaisquer escrúpulos e restrições e a troca de insultos e acusações é contínua. O "La Divesa" se enche, assim, de críticas a Frola, com os artigos assumindo uma violência que não haviam experimentado antes⁸. A resposta de Frola também será no mesmo tom⁹, indicando como foi forte o

7 - Sobre os conflitos de Piccarolo com estes socialistas ligados ao Jornal "Avanti" no início do século, vide Hecker, Alexandre. Op.Cit. Sobre Giovanni Scala, há uma pequena referência sobre sua atividade antifascista em Pinheiro, Paulo Sérgio e Hall, Michael M. A Classe Operária no Brasil. Documentos (1889-1930), Volume 1, São Paulo, Alfa Ômega, 1979, 223-226. Já sobre Vincenzo Vacirca, vide Andreucci, Tommaso. Il Movimento Operaio Italiano - Dizionario Biografico, Roma, Riuniti, 1975, Volume 5, pgs 160-163.

8 - Vide os artigos "Scampoli e ritagli in liquidazione" (LD, VIII/370, 5/9/1931) e "L'Assemblea, unanime, approva l'ordine del giorno della Concentrazione sulla situazione del movimento antifascista in Brasile" (LD, VIII/372, 19/9/1931).

9 - Vide alguns artigos pró-Frola no jornal "Lo Spaghetto" (Por exemplo: "La cosiddetta Concentrazione" in Lo Spaghetto, III/13, 5/7/1931 e "Origini, Vicende e Consistenza della Concentrazione Antifascista" in Lo Spaghetto, III/14, 12/7/1931) e Frola, Francesco. I tre furfanti (Piccarolo, Mariani e Cilla), citado. O termo "furfanti" pode ser traduzido por "pilantra".

racha provocado por ele no seio do socialismo italiano de São Paulo no período estudado.

Importante notar, contudo, que esse conflito não começou em 1930, com Mariani. Desde o final dos anos 20 a disputa de Froila com a Concentrazione é acesa e intensa, mas com suas especificidades próprias. De fato, o conflito tem, nos anos 20, algumas características próprias que podem levar o leitor desavisado a cometer erros na sua avaliação.

O primeiro aspecto sobre o qual gostaríamos de chamar a atenção nesse conflito é o não uso dos jornais, ao contrário do que acontecerá nos anos 30, como instrumentos de disputa. De fato, não apenas as críticas de um contra o outro pouco transparecem nos jornais que eles dirigem¹⁰ como não se menciona quase nunca a existência de um sério conflito no seio do socialismo italiano de São Paulo¹¹, o que levará, aliás, a reclamações por parte dos leitores¹². O silêncio de ambos os lados é tão grande nesse final dos anos 20 que poderíamos ser induzidos a considerar que não houve nenhum conflito entre eles.

10 - Vide as exceções a este padrão em "Il Risorgimento" (II/49, 13/6/1929), onde o jornal se anuncia como o único órgão verdadeiro do antifascismo no Brasil e na coluna de "Asteroide" "Stelloncini Bisettimanali" (LD, III/126, 23/12/1926)

11 - Vide as exceções a esta regra em "Lega Lombarda" (LD, IV/182, 11/9/1927) e em "Per un preteso smacheramento" (IR, II/54, 18/7/1929)

12 - Vide os anúncios publicados por Luigi Ferraresi no "Fanfulla" (2 e 11/10/1927) e carta de leitor em "Il Risorgimento" (II/55, 25/7/1929), onde Piccarolo responde que não divulga seu conflito com Froila porque ele deveria entrar em julgamento por um Conselho de notáveis e seria indelicado, assim, expor as coisas em público.

A análise de outras fontes além jornais e a leitura cuidadosa destes nos mostram, contudo, como essa imagem é falsa. Desde o início da gestão Frola no "La Difesa" no final de 1926, começaram atritos entre ele e Piccarolo¹³. Já em 1927, por exemplo, se sucederam duas comissões, convocadas por Piccarolo, para estudar a situação financeira do jornal e para tentar amenizar a linguagem de seu editor. Teria sido a recusa de Frola em se submeter a isso o estopim para a saída de Piccarolo do "La Difesa" e o surgimento do "Il Risorgimento".

Em agosto de 1928, se reiniciam negociações para unificação entre o "La Difesa" e o "Il Risorgimento". Estas negociações falham, ao mesmo tempo em que ocorrem atritos entre os dois grupos, que continuam até o final de 1929. Nesta data, uma comissão mista avalia os argumentos de Frola e de Piccarolo e acaba por tirar - em fevereiro/1930 - o controle do "La Difesa" de Frola, que segue em sua vida de agitador antifascista e de inimigo de Piccarolo em outros periódicos por todos os anos 30. Esta fase da "batalha", porém, está terminada, com a derrota de Frola.

Há, portanto, um conflito ocorrendo no seio do socialismo italiano de São Paulo, conflito este que chega até à sede da Concentrazione em Paris¹⁴ e que vai apenas se exacerbar nos anos 30. Resta, porém, a resposta a uma questão chave: Em que

13 - As informações a seguir foram extraídas de Piccarolo, Antonio. Il fenomeno Frola, citado e Trento, Angelo. Op. Cit., diversos momentos, mas especialmente pgs 367-372 e visam complementar o já escrito no capítulo I.

14 - A sede central de Paris teve voz ativa, por exemplo, no processo de julgamento da gestão Frola no "La Difesa", quando ela decidiu a favor de Piccarolo.

medida este conflito afetou o processo de formação de uma base popular antifascista em São Paulo? Ou, em outras palavras, que efeitos teve, na luta antifascista, o conflito Frola X Concentrazione?

Para responder a estas questões, é necessário identificar, antes de mais nada, em que medida o conflito Frola X Concentrazione se transferiu efetivamente para a base do movimento antifascista italiano de São Paulo. É necessário saber com exatidão se o conflito Frola X Concentrazione se converteu em questão chave para os antifascistas ou se ele não passou de uma simples disputa intelectual de seus líderes.

Os dados a este respeito são poucos, mas bastante esclarecedores. De um lado, existem alguns sinais de colaboração da ala de Frola com a ala de Piccarolo¹⁵. Por outro lado, identificamos alguns conflitos no interior das associações italianas ligadas ao antifascismo por volta de 1928/29 (quando o choque entre os dois estava mais aceso), conflitos estes que indicam que a disputa extrapolou os limites do debate intelectual e penetrou no interior da própria vida do antifascismo italiano de São Paulo nesse período. Dada a importância destes conflitos como indicativos dessa extrapolação, optamos por descrevê-los um pouco mais.

O primeiro conflito dentro do antifascismo motivado pelo conflito de Frola com os concentracionistas que localizamos

15 - Ver algumas cerimônias nas quais tanto Frola quanto Piccarolo participam em "La solenne commemorazione di Giacomo Matteotti a San Paolo" (LD, V/222, 17/6/1928); "Sala d'istruzione G. Mazzini" (LD, V/231, 19/8/1928) e num artigo sem título no LD, V/233, 2/9/1928.

ocorreu no maior baluarte desse antifascismo em São Paulo: a Lega Lombarda. Já em setembro de 1927, a Lega anuncia¹⁶ uma assembléia especial para resolver os dissídios dentro da entidade. O proclama é assinado por Frola e Piccarolo, o que indica que era a disputa de ambos que estava em jogo. Estes dissídios, ao que tudo indica, acabaram por ser resolvidos com a expulsão do antifascista Pietro Frisciotti - ligado a Frola - da associação em 1929, que cai sobre controle do grupo Piccarolo. Frisciotti ficará tão irritado com esta situação que acabará escrevendo um panfleto - "Smacherando un'infamia" - onde acusará Piccarolo pelas intrigas que o expulsaram da "Lega Lombarda" e concluirá que o posicionamento contra ele de Piccarolo só teria se dado pelo franco posicionamento dele, Frisciotti, em favor de Frola. Piccarolo reagirá contra Frisciotti¹⁷ e obviamente nunca saberemos quem estava com a razão. O importante, porém, já foi obtido: Obtivemos clara indicação de como o conflito Frola X Piccarolo transcendeu os limites do simples debate teórico e se reproduziu na base do antifascismo.

O mesmo resultado pode ser obtido quando verificamos a história da "Associazione Combattenti Italiani Liberi". Esta associação, fundada em 1929 pelos antifascistas como reação à perda da associação "Reduci" para os fascistas, teve sua primeira cisão logo na sua fundação: o grupo de Achille Robba

16 - Vide "Lega Lombarda", citado

17 - Ver "Per un preteso smacheramento", citado

- cunhado de Piccarolo - pretendia dar um caráter apolítico à associação, de forma a atrair maior número de adeptos, enquanto a ala de Luigi Cingolani - ligado a Frola - ambicionava um caráter mais antifascista para a organização. A última tese venceu, mas com a constituição da direção provisória (Frola, Bixio Picciotti, Pasquale Petraccone e Robba) se renovaram as brigas, com a ala de Piccarolo se batendo com a de Frola e pretendendo dar à associação características "republicano-interventistas" para evitar as acusações de antipatriotismo. Depois de alguns anos, ninguém mais ouvirá falar dessa associação¹⁸. Novamente renovam-se os indícios da luta antifascista se reproduzindo na base do movimento.

Um outro sinal nesse sentido, já nos anos 30, pode ser encontrado na disputa que a seção local da Concentrazione enfrentou com o grupo socialista "Giacomo Matteotti" no início dos anos 30. Este grupo, formado por socialistas italianos de São Paulo, deveria formar, em 1931, uma seção local do PSI e aderir, então, à seção local da Concentrazione, até então desfalcada de uma verdadeira seção do PSI em seu seio. Estes, porém, se recusam a aderir à Concentrazione e demonstram fidelidade a Frola. Foi necessária a formação de um grupo socialista rival a "Giacomo Matteotti" e a intervenção de Paris para que a seção local do PSI pudesse se constituir e

18 - Vide Trento, Angelo. Op.Cit., 362-363

aderir à Concentrazione, continuando o grupo "Giacomo Matteotti" sob influência de Frola¹⁹.

Uma análise dos anunciantes do "La Difesa" e do "Il Risorgimento" em 1929 fornece outros dados sobre a questão. Em alguns momentos, se percebe que são os mesmos homens que anunciam num e noutro jornal enquanto também se identifica a existência de anunciantes fiéis ou ao "La Difesa" ou ao "Il Risorgimento". Os indícios variam, portanto, entre colaboração e disputa entre os militantes antifascistas dos dois grupos. O mesmo acontece com relação às lojas maçônicas. De um lado, são elas que promovem muitas das cerimônias conjuntas entre Frola e Piccarolo. Por outro lado, surgem indícios de que elas também ficaram divididas entre os dois líderes²⁰. Os sinais de colaboração/conflito, portanto, se sucedem.

Parece-nos que tais sinais nos conduzem a um conclusão relativamente dúbia: De um lado, percebe-se que o conflito Frola X Piccarolo não representou uma ruptura total no seio do socialismo italiano de São Paulo, já que se mantiveram os contatos entre os grupos em luta. Por outro lado, os sinais de conflito são muito evidentes para serem descartados e devem ser, portanto, destacados.

Isso nos conduz de volta à questão inicial: Estes conflitos tiveram a importância que tradicionalmente se

19 - Vide "La sezione socialista di São Paulo è costituita" in LD, VIII/368, 22/8/1931 e "PSI - Direzione" e "Disciplina Socialista" in LD, VIII/371, 12/9/1931.

20 - Já em 1926 surge a loja "Giacomo Matteotti", como dissidência da "Andrea Costa", tendo como seus fundadores Frola, Cerruti e Romano enquanto a loja "Lucifero" tinha entre seus membros (Já nos anos 30) Piccarolo, Mariani e Cilla, mas não Frola. Para tais dados, vide Trento, Angelo Op. Cit., 365-366.

atribui a eles como explicação para os dissabores sofridos pelo antifascismo italiano de São Paulo no final dos anos 20? Entendemos que a resposta é um pouco mais complicada que um simples "sim" ou "não". De um lado, é óbvio que as disputas internas enfraqueceram os antifascistas. Por outro lado, não se pode explicar o fracasso do antifascismo em atingir maior expressão popular (vide o capítulo 7 desse texto) apenas pela sua dimensão interna. Identificamos no "Il Risorgimento" e no "La Difesa", de fato, uma sólida atividade antifascista (festas, reuniões, palestras, cerimônias, publicações, etc) que poderia, porque não?, ter atraído a população italiana de São Paulo, malgrado a divisão interna. Isso, no entanto, não se deu, o que é relevante.

Concluimos, portanto, que a luta Frota X Piccarolo realmente dividiu o socialismo reformista de São Paulo na sua luta contra o fascismo e trouxe dissabores e problemas, mas não o suficiente para paralisar - por si só - a sua ação antifascista. Eram fatores externos às organizações antifascistas²¹ que determinavam problemas ao antifascismo e não o fato de elas estarem divididas ou não. Temos, portanto, que ver o processo de uma forma global e não apenas internamente, de maneira que possamos ter uma visão mais clara do objeto que estamos estudando.

21 - Ver o capítulo sete deste texto

A questão das sedes centrais do antifascismo

Evidenciar as ligações externas do pensamento e da ação da Concentrazione no Brasil é uma tarefa que não demanda muito esforço. Em primeiro lugar, é mais que evidente a maciça influência que ela recebeu da sua sede central. Tal influência no pensamento relativo ao fascismo de Piccarolo e Mariani é não apenas substancial como evidente. De fato, uma simples leitura em alguns jornais da sede central da "Concentrazione" em Paris nos permitiram encontrar pontos da mais alta coincidência entre o pensamento de Antônio Piccarolo e Mario Mariani e o da Concentrazione: críticas ao comunismo²² e ao corporativismo fascista²³; identificação dos plebiscitos fascistas como fraude por se darem em ambientes não democráticos²⁴, etc. Será também por influência da sede central da Concentrazione que Piccarolo alterará, como vimos, sua visão da Monarquia, dirigindo-se com cada vez mais ênfase

22 - Vide um memorando da LIDU parisiense em 1929 em "Movimento Antifascista (IR, II/31, 7/2/1929)

23 - Vide, por exemplo, "La crisi e il fascismo" in La Libertà - Giornale della Concentrazione antifascista, ano 4, nº 10, 8/3/1930

24 - Vide, por exemplo, "Concentrazione d'Azione Antifascista" in La Libertà - Giornale della Concentrazione Antifascista, ano 8, nº 12, 22/3/1934

para o campo republicano. Uma influência, pois, mais que direta.

Não há dúvidas, também, de que Piccarolo, Mariani e os outros concentracionistas foram grandemente influenciados pelo pensamento do socialismo reformista italiano do exílio. Isso pode ser demonstrado pela ligação intelectual de Piccarolo com, por exemplo, Salvemini (como visto no capítulo segundo) e por outras ligações do seu pensamento com correntes internacionais. Sua concepção de mudança social, por exemplo, a qual influenciara decisivamente sua opção pelo antifascismo, é claramente derivada das mais caras tradições do socialismo reformista italiano e o íntimo relacionamento que ele identifica entre os sindicalistas revolucionários e os fascistas só pode ser entendido no contexto das lutas reformistas X sindicalistas revolucionários que varreram o mundo socialista italiano no início do século XX.

Piccarolo parece absorver, assim, na sua luta contra o fascismo, as tradições e concepções tradicionais daquele socialismo reformista com que ele já se identificava há vários anos. Claro está, porém, que esta absorção não significava igualdade total de opiniões. Restava ainda espaço para opiniões próprias de Piccarolo, como aconteceu, por exemplo, no caso de sua limitada identificação da burguesia com o fascismo.²⁵

25 - Segundo Milos Hajek, desde cedo os socialistas italianos da "Internazionale Operaia e Socialista" identificaram a pequena burguesia como a base social do fascismo, ao mesmo tempo em que mostravam as ligações deste com a burguesia. Essa identificação jamais foi feita por Piccarolo, o que revela sua independência dentro do universo do socialismo reformista. Para maiores detalhes, vide Hajek, Milos. "Il

Nesse sentido, cumpre ressaltar que a identificação do íntimo relacionamento dos antifascistas brasileiros com organizações maiores do antifascismo não significa afirmar que todo o seu pensamento fosse mera "cópia" de algo imposto de fora. Pelo contrário, o processo nos parece ser muito mais dinâmico. Entendemos que Piccarolo e Mariani se aproximaram da Concentrazione devido a afinidades evidentes de seu pensamento com aquele manifestado por aquele organismo. Uma vez ligado a ela, absorveram e reelaboraram tal pensamento segundo suas próprias idéias e interesses e segundo a situação vivida no Brasil. O mesmo ocorre com Frola. Nem simples absorção, nem independência total, mas um processo dinâmico de troca de idéias e experiências, o qual gerou o padrão ideológico e de luta contra o fascismo que estamos estudando.

É fundamental ter consciência, de fato, de que boa parte dos debates e situações vividas pelos antifascistas em São Paulo eram derivações - obviamente remontadas e reelaboradas localmente - de problemas oriundos de um contexto maior. Essa demonstração de que os antifascistas locais estão sempre se relacionando com pessoas e organismos fora do Brasil varreu todo esse texto e pode ser explicitada com outros exemplos²⁶. Nenhum deles seria melhor, porém, que a relação do grupo

fascismo nell'analisi dell'Internazionale operaia e socialista" in Collotti, Enzo. L'Internazionale operaia e socialista, número especial da revista Annali, Milano, Feltrinelli, 1983

26 - Vide as discussões locais sobre a fusão dos partidos socialistas italianos em "Verso l'unità socialista" (LI, VI/301, 16/3/1930) e algumas considerações sobre as relações do Partido Republicano Italiano em "PRI - Sezione di San Paolo" (LI, VI/307, 1/5/1930); Picciotti, Bixio. "Problemi e discussioni del antifascismo" (LI, VI/388, 11/1/1931) e "Federazione Repubblicana Italiana in Brasile - L'assemblea della sezione di San Paolo" (LI, VIII/460, 12/11/1932)

antifascista de Mariani com a Concentrazione e com o grupo "Giustizia e Libertà" no tumultuado início dos anos 30.

Como já apresentado no primeiro capítulo, o movimento "Giustizia e Libertà" surge no fim de 1929, visando dar nova vida a um antifascismo abalado por contínuas derrotas para o fascismo e pelo imobilismo da Concentrazione. Ele supunha que os partidos tradicionais não haviam conseguido evitar os triunfos fascistas e que, portanto, deviam ser substituídos por um movimento novo, ou seja, o "Giustizia e Libertà"²⁷. Também eram questionados os valores tradicionais da Concentrazione, com sua moderação excessiva e sua visão de fascismo como um "câncer", acidental na história da Itália.

Num certo sentido, entendemos que o "Giustizia e Libertà" parece ter respondido, ao menos em parte, a um desejo de renovação por parte de setores do antifascismo indignados com as políticas continuístas da Concentrazione. Esse desejo de renovação parece ter sido seguido também por boa parte da seção da Concentrazione no Brasil. De fato, são frequentes as notícias no "La Difesa" no período que deixam claro o descontentamento de parte dos concentracionistas brasileiros com os rumos tomados por esta organização²⁸. É verdade que, ao

27 - As informações sobre o "Giustizia e Libertà" foram extraídas de Carocci, Giampiero. "L'antifascismo" in Storia d'Italia dall'unità ad oggi, 7.ª edição, Milano, Feltrinelli, 1986, 301-311; Delzell, Charles. "Italian antifascist strategies in the decade after Matteotti's assassination" in Italian Quarterly, XXIII, 88:47-59, Spring 1982; Droz, Jacques. "L'antifascisme italien" in Histoire de l'antifascisme en Europe 1923-1939, Paris, Editions La Decouverte, 1985, 25-72 e Fedele Santi. "Appunti per uno studio sul PRI negli anni della Concentrazione Antifascista (1927-1934)" in Storia Contemporanea, 6 (1): 59-84, 1975.

28 - Vide as críticas ao imobilismo da Concentrazione e sua visão de que o isolamento internacional destruiria o fascismo em Petraccone, Pasquale. "Solidarietà Democratica", citado e "Giustizia e Libertà" in LD, VI/303, 30/3/1930.

lado destas, surgem outros artigos confirmando a lealdade dos antifascistas brasileiros à Concentrazione²⁹. Mas que ao menos alguns sinais de descontentamento estão presentes, é inegável.

É no sentido de preencher as expectativas de renovação do antifascismo que encaixamos, portanto, a sólida demonstração de entusiasmo pelo movimento "Giustizia e Libertà" que identificamos ao trabalhar com o "La Difesa" entre o fim de 1930 e o início de 1931. Surgem, de fato, nesse momento, entusiásticas declarações de apoio à "Giustizia e Libertà"³⁰ e isso é relevante ao indicar o estado de ânimo de ao menos parte da militância concentracionista no período.

Não devemos, porém, superestimar esses dados e apresentar uma análise que indique uma quase rebeldia dos concentracionistas italo-brasileiros contra a Concentrazione e a favor de "Giustizia e Libertà". Não é isso que ocorre. Na realidade, os militantes da seção brasileira da Concentrazione parecem reagir de forma quase automática às idas e vindas do relacionamento da "Giustizia e Libertà" com a Concentrazione, aceitando "Giustizia e Libertà" enquanto ela parece ser aliada íntima da Concentrazione e negando-a depois disso. Vejamos esse ponto melhor.

29 - Vide, por exemplo, "Fervore di consensi e solidarietà con la Concentrazione" e "La Difesa" in LD, VI/319, 3/8/1930 e vários outros.

30 - Vide, por exemplo, "Il fangoso e sanguinoso tramonto della tirania di Mussolini" in LD, VI/333, 30/11/1930 e "Il processo Bassanezi per il volo su Milano rivelò al mondo l'azione eroica del movimento "Giustizia e Libertà" in LD, VI/335, 14/12/1930 e muitos outros.

Quando do surgimento do grupo "Giustizia e Libertà", houve alguns atritos com a Concentrazione³¹. Para tentar resolver isso, os dois grupos chegaram a um acordo (julho/1931), pelo qual "Giustizia e Libertà" entrava na Concentrazione e se concentraria na atividade antifascista na Itália, enquanto o órgão concentracionista se dedicaria à militância com os grupos de italianos emigrados.

Esse acordo durou pouco, pois nem os órgãos constituintes da Concentrazione (PSI, LIU, PRI e CGT) desejavam parar de fazer propaganda na Itália, nem "Giustizia e Libertà" queria realmente perder sua autonomia e espírito crítico frente ao imobilismo dos partidos tradicionais. Assim, já no início de 1932 o acordo é rompido, com as relações entre "Giustizia e Libertà" e a Concentrazione se tornando cada vez piores com o passar do tempo.

Toda essa trama internacional se refletiu na situação vivida pelo antifascismo italiano de São Paulo. No começo, "Giustizia e Libertà" e a Concentrazione pareciam ser um único organismo:

" a Concentrazione criou um organismo seu -
"Giustizia e Libertà" - para a propaganda, para a
ação, para a luta, na Itália"³²

31 - Os dados a seguir vem de Delzell, Charles. Op. cit. e Broz, Jacques. Op. Cit.

32 - "Contro tutte le patacche" in LD, VII/340

e isso tornava as coisas mais fáceis: pertencer à "Giustizia e Libertà" e à Concentrazione significava a mesma coisa. Até Mario Mariani chega a escrever que havia criticado a Concentrazione em 1927 por seu imobilismo. Agora, porém, a Concentrazione:

"defende de Rosa, exalta Bassanesi, se torna a sucursal exterior do movimento insurrecional italiano "Giustizia e Libertà". EU ESTOU ÀS ORDENS DA CONCENTRAZIONE"³³

e isso a eximia de todos os pecados anteriores. ser um defensor de "Giustizia e Libertà" e da Concentrazione não constituía, pois, nenhum paradoxo. Pelo contrário.

A situação se altera à medida que as relações entre a Concentrazione e "Giustizia e Libertà" começam a se deteriorar. Os concentracionistas brasileiros começam a questionar as posições de "Giustizia e Libertà", a manifestar solidariedade com a Concentrazione³⁴ e a defender que esta não

33 - "Mario Mariani ci scrive: sono agli ordini della Concentrazione" in LJ, VI/324, 7/9/1930. Bassanesi e de rosa são ativistas do "Giustizia e Libertà" que realizaram, respectivamente, um vôo sobre Roma e um atentado antifascistas.

34 - "Noi: per l'azione, soprattutto per l'azione" in LJ, VIII/364, 18/7/1931

se resigne a um papel fora da Itália, mas que atue também dentro³⁵. Surgem, pois, posições pró-Concentrazione.

Existem sinais, porém, de que ao menos parte dos concentracionistas insistiu em ficar a favor das posições de "Giustizia e Libertà". Num artigo do "L'Italia" de fevereiro de 1932³⁶, por exemplo, se faz um histórico de "Giustizia e Libertà" e defende a tese de que apenas os conservadores se afastaram dele. Os verdadeiros revolucionários continuariam com ele. Sinal, pois, de alguma divergência interna ao concentracionismo.

Esses sinais de divergência não devem, porém, nos iludir. Apesar desses e de outros sinais³⁷ de que a atividade do "Giustizia e Libertà" não passou despercebida no mundo antifascista italiano do Brasil, não há indícios no sentido de formação de uma seção brasileira de "Giustizia e Libertà". A explicação para tal fato ainda é uma incógnita. De qualquer forma, porém, percebe-se como a conjuntura do antifascismo no exterior se reflete imediatamente na situação vivida no Brasil e isso é relevante ao indicar como os antifascistas brasileiros pertencem a um conjunto maior de preocupações, o qual cobre todo o mundo ocidental no período.

35 - "Antifascisti, al lavoro" in LD, VIII/365, 25/7/1931

36 - "Il Programma rivoluzionario di "Giustizia e Libertà" in L'Italia, VIII/429, 16/2/1932

37 - Parece que "Giustizia e Libertà" entusiasmou também parte dos adeptos de Froia. Libero Battistelli, por exemplo, é mencionado no artigo de Santi Fedele (Op.Cit., pg 72) como grande admirador e amigo de "Giustizia e Libertà".

Parte 3 - Táticas e Base Social

"Tratava-se de uma psicose de orgulho nacional, patriótico. Mussolini os havia libertado de um complexo de inferioridade. Se tirara toda e qualquer dignidade individual aos cidadãos do Reino, aos italianos do exterior ele restituíra a dignidade"

Mariani, Mário. Vent'anni dopo, Milano, 1947, pg 71

Capítulo 6 - Táticas e Estratégias

O apoio brasileiro

Além de divulgarem suas idéias, críticas e propostas, os grupos antifascistas que estudamos procuravam dar conta, em seus jornais, de duas tarefas centrais: conquistar a simpatia dos brasileiros para a sua causa e manter a colônia italiana avessa ao fascismo. O grau de prioridade dessas duas tarefas pode ser melhor avaliado se nos lembrarmos que as suas esperanças de vitória contra o fascismo a curto prazo residiam justamente na obtenção da simpatia dos governos do mundo e na manutenção do caráter democrático das colônias italianas do exterior. Sendo assim, utilizam-se inúmeros artifícios e técnicas de divulgação, algumas das quais convém estudar em detalhe.

A primeira técnica que os antifascistas¹ usam para conquistar a simpatia dos brasileiros é a sua firme denúncia do caráter imperialista e agressivo das atividades fascistas em São Paulo. Eles denunciam tais atividades como os primeiros passos de um plano já estabelecido de criação de um império fascista na América do Sul² e colocam a si mesmos na linha de frente de defesa da soberania e da dignidade brasileiras violadas pelo fascismo:

"Fanfulla e Piccolo pretendem induzir a Associação de Imprensa Brasileira a intervir para esclarecer as acusações movidas contra o fascismo e a sua nefasta ação neste país. Estamos de acordo. Mas queremos estar também nós lá para darmos as provas da obra delituosa do fascismo nesta terra, seja como causador de discórdia no seio da colônia, seja como atentador à dignidade e à independência do Brasil" ³

1 - Cumpre ressaltar de novo que esse capítulo e o seguinte se referem ao antifascismo socialista como um todo, abarcando as correntes de Piccarolo, Mariani/Cilla e Frola. As especificidades existentes entre eles, em termos de táticas e estratégias, serão abordadas no decorrer do texto.

2 - Vide "Fissando Responsabilità" in Il Risorgimento (IR) 10, 15/5/1928 e "Invasão fascista no Brasil" in IR 18, 20/9/1928. Vide também "Frola recebido pela Maçonaria Brasileira" in La Difesa (LD), III/126, 23/12/1926; "Le camicie nere alla conquista del Sud America" in LD, V/201, 22/1/1928; "L'invasione fascista in Sud America" in Folha da Manhã, 16/1/1928 e muitos outros

3 - Cabeçário do IR 23/5/1929. Ainda sobre a "defesa da dignidade brasileira", vide "L'azione antibrasiliana del fascismo" in LD, IV/195, 11/12/1927; "Dai nostri corrispondenti" in LD, IV/198, 1/1/1928 e "Il fascismo in Brasile. Pugnate nella schiena" in LD, VI/270, 21/7/1929

Também a luta pela "brasilidade" assume um papel importante na argumentação antifascista: é feita toda uma defesa do fim da dupla nacionalidade⁴, da necessária absorção dos imigrantes no novo país⁵ e outros pontos⁶, todos confluindo para o mesmo fim: demonstrar a fidelidade dos antifascistas ao Brasil, em oposição aos atos indignos e subversivos do fascismo, em sua luta para preservar a italianidade da colônia.

É ainda em nome desta fidelidade que se procura desmistificar todo um esforço do fascismo em dissociar a sua propaganda de um caráter anti-nacional. Este tipo de propaganda, que não foi exclusivo do Brasil⁷, fica muito evidente seja em memórias escritas ou em entrevistas com ex-participantes do cerimonial fascista em São Paulo⁸, seja,

4 - Vide Piccarolo, Antonio. "La vecchia questione della nazionalità" in IR, II/31, 7/2/1929

5 - Vide "A proposito di lotte coloniale" in IR, 6, 16/3/1928

6 - Vide, por exemplo, a pronta solidariedade do "La Difesa" com a indignação de diversos jornais e políticos brasileiros com a pretensão fascista de que os filhos dos italianos de São Paulo fossem educados como italianos e fascistas e não como brasileiros. Veja-se, a respeito, "La protesta della stampa brasiliana. La difesa della nazionalità brasiliana contro le insidie del fascismo" in ID, V/229, 5/8/1928 e "I giudizi della stampa brasiliana sulla protesta della Lega Antifascista" in ID, V/230, 12/8/1928 e "Da Porto Alegre. Il discorso di un brasiliano al sig. Piero Parini" in L'Italia, 21/12/1931

7 - Luigi Bruti Liberati ("La comunità italo-canadese tra le due grandi guerre" in Bezza, B. Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 397-418), por exemplo, menciona o hasteamento do pavilhão italiano ao lado do "Union Jack" e o entoar dos dois hinos nacionais nas cerimônias fascistas no Canadá.

8 - A senhora Cezira Curty, participante das cerimônias fascistas em Campinas nos anos 30 e que nos deu um depoimento (18/5/1992), nos confirma esse esforço: hasteamento da bandeira brasileira ao lado da italiana, presença contínua de autoridades locais no fascio, etc. Julia Scarano ("Considerações

por exemplo, nos discursos que o cônsul Serafino Mazzolini fazia, por esta época, às crianças das escolas ítalo-brasileiras:

"Amem, ó crianças, a Itália que nós servimos em humildade com ardor tenaz, a Itália que ilumina com a luz de sua civilização milenar os caminhos do mundo (...)

E, pequenas crianças, recordem sempre que ao lado da fé em Deus justo e poderoso, nenhuma fé é mais bela que aquela pela terra dos nossos avós, pela nossa terra.

Mas junto à Itália amem e respeitem o Brasil. Este nobre e grande país que nos hospeda, no qual o anjo loiro Giuseppe Garibaldi levou, em momentos de sacrifício e de glória, a paixão e o arrojo itálicos, e no qual os vossos pais trabalharam e trabalham, contribuindo enormemente para o seu progresso.

Itália e Brasil, hoje mais que nunca, devem ser acoplados nos seus corações, ó crianças. Carlo del Prete, o jovem herói, o mártir santo, une os dois países já irmãos no "vínculo celeste" e com sua

Preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do 2º Conflito Mundial" in Colonização e Migração. Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, SP, 1969) também faz referências a este respeito.

bela morte os estreita ainda mais. Sejam dignos dele, ó crianças e honrem assim a Itália e o Brasil" 9

É contra este tipo de discurso que os antifascistas procuram responder, citando as intromissões dos cônsules na vida brasileira, as injúrias a este país "tão bom e hospedeiro", etc. Em resumo, os antifascistas acusam o fascismo de ter, com esse discurso, uma dupla cara: de um lado, ele se proclama amigo e admirador do Brasil. De outro, o provoca e ofende. Os antifascistas proclamam-se defensores desse país ultrajado:

"O fascismo segue, no Brasil, um jogo duplo. Attolico, Mazzolini e todos os outros grandes emissários de Mussolini se proclamam fortemente amigos da nação brasileira, mas as palavras só servem para mascarar suas ações. Na realidade, o fascismo é inimigo do Brasil" 10

Também notável nesse sentido é o esforço dos antifascistas em demonstrar como as atividades fascistas eram perniciosas e desrespeitosas ao Brasil enquanto as suas não representavam nem perigo nem desrespeito à nação

9 - Mazzolini, Serafino. Parole di fede, São Paulo, A. Tisi, 1929, 36-38

10 - "Chiarificazioni necessarie - Fascismo e antifascismo dinanzi all'opinione pubblica brasiliana" in LD, VI/2/1, 28/7/1929

brasileira. Nesse esforço de diferenciação, o foco da argumentação dos antifascistas era a negação do discurso fascista, o qual procurava colocar num mesmo plano todas as ações dos italianos no Brasil:

"Mas porquê os brasileiros estão alarmados por causa da existência dos fascios italianos, enquanto não se preocupam com as organizações italianas de outros partidos, do partido republicano e socialista?"¹¹

e restringir os seus efeitos à comunidade italiana. Tais efeitos seriam também positivos, em última instância, para o Brasil, pois no caso de saírem do âmbito da colônia, poupariam o país de idéias subversivas distarçadas de antifascismo:

"Explicando as razões da propaganda fascista entre nós e da consequente necessidade das organizações fascistas, com ações restritas ao nosso ambiente colonial, dissemos que os efeitos de tal ação seriam, antes de tudo, a favor da situação (...) já que teria evitado o infiltramento insidioso entre os trabalhadores

11 - Entrevista de Mazzolini no Diário da Noite, 23/6/1928

imigrados daquelas idéias subversivas que se disfarçam de um antifascismo incolor para enganar os incautos" ¹²

Os antifascistas negam veementemente essa equiparação do fascismo com outros partidos italianos em ação em São Paulo: os fascistas seriam homens sem honra e sem lei, agindo contra as leis brasileiras com o intuito de preparar a invasão fascista, enquanto eles, antifascistas, seriam respeitosos e inofensivos perante o processo de formação da nacionalidade brasileira. Ou, nas palavras de um jornalista brasileiro que o "Il Risorgimento" faz suas e que resumem exemplarmente o pensamento antifascista:

(...) uma das coisas que mais ameaçam comprometer as preciosas simpatias de que goza no Brasil a nossa coletividade é a tendência de uma parte, felizmente pequena, de nossos patrícios, de trazer aqui suas desavencas (...).

O Brasil não deve mesmo admitir em seu território movimentos políticos com finalidades no exterior. Mas este direito de censura não deverá ir ao ponto de constranger certos exilados políticos a ocultar as razões de seu exílio, mesmo

12 - Citação do "Il Piccolo" in "Nel fronte unico" in IR, II/46, 23/5/1929

porque é natural que as comuniquem aos seus patrícios. Entre eles e os fascistas, que pregam doutrinas contrárias aos interesses nacionais, não há dúvida possível de escolha. São ambos, até certo ponto, indesejáveis. Mas os segundos são, evidentemente, piores, (...)

Aos primeiros, desde que respeitem as leis da nação que os acolhe, não seja justo negar o direito de discussão dos fatos políticos de sua terra, pois o que não se deve permitir é exatamente aquilo que o embaixador Attolico deseja e vem a ser que aquele direito pertença à facção fascista.(...)

Os fascistas não são tutores dos italianos residentes no exterior e que vivem à própria custa. Perante as leis brasileiras são todos iguais e, se diferença os divide perante a simpatia nacional, é que uns são absolutamente inócuos perante a nacionalidade brasileira e outros nocivos." ¹³

Ainda nesse sentido, os jornais antifascistas posicionam-se sempre a favor do campo brasileiro quando da ocorrência de atritos ou discussões que envolvessem a

13 - Vide Amaral, J.B. de Souza. "A infiltração fascista no Brasil" in IR, 8, 16/4/1928. Pedimos desculpa ao leitor pela citação tão longa, mas ela representa tão bem o pensamento antifascista sobre as diferenças com o que o Brasil deveria ver a propaganda fascista e antifascista que preferimos correr o risco de prejudicar o estilo do capítulo e incluí-la na sua maior parte.

questão nacional. É o que acontece em inúmeros momentos no "Il Risorgimento" e no "La Difesa", quando eles transcrevem matérias contra o fascismo e de caráter nacionalista de "O Combate", "Diário Nacional" e outros jornais e, mais explicitamente, em setembro de 1928, quando estudantes paulistanos destroem a sede do jornal fascista "Piccolo", levando o "Il Risorgimento" à publicação de um Suplemento Especial solidarizando-se (ainda que criticando certos excessos) com eles.

Vemos, assim, como os antifascistas (seja os ligados a Piccarolo e Mariani seja os do grupo Froila) criam toda uma rede discursiva visando demonstrar a falsidade da amizade que o fascismo procurava demonstrar no Brasil, e como não seriam os fascistas, mas sim eles, antifascistas, os merecedores do apoio da opinião pública brasileira.

Esse esforço vai variar no decorrer do tempo, assumindo expressões diferentes conforme a variação de posições do "centro" fascista no tocante às questões da emigração e da italianidade¹⁴, os acontecimentos nacionais¹⁵, etc. A sua

14 - O final dos anos 20 apresenta uma virada, um momento em que o fascismo começa a tomar atitudes mais concretas em defesa da homogeneidade das comunidades italianas no exterior. Isso ocorre em todo o mundo e São Paulo não é exceção: com a chegada do cônsul Serafino Mazzolini em 1928, as atividades fascistas em São Paulo tomam um impulso nunca antes visto. Os antifascistas e a opinião pública brasileira terão que atuar com essa nova perspectiva.

Sobre as mudanças de atitude de Roma em vários locais, vide Cannistraro, Philip. "Fascism and Italian americans in Detroit 1933-1935" in International Migration Review, 9: 29-40, 1975 e Gentile, Emilio. "L'Emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nazionalismo e del fascismo" in Storia Contemporanea, XVIII, 3:355-396, junho/1986. Já sobre a chegada dos cônsules fascistas ao Brasil em 1928 e as alterações que isso provocou, vide Cervo, Amado Luiz. As relações históricas entre Brasil e Itália - O papel da diplomacia, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora UnB, 1992, cap. 5.

continuidade pelos diversos jornais antifascistas, no entanto, é um indicativo precioso do quanto era importante, para os antifascistas, a obtenção do apoio brasileiro e o quanto a opção pelo fascismo por boa parte da comunidade italiana paulista não parece ter implicado (com exceção do período da II Guerra) na escolha Brasil ou Itália. Essa situação foi-nos indicada pela primeira vez por Philip Cannistraro quando ele trabalha com o caso americano¹⁶ e continuamente reconfirmada nos depoimentos de ex-simpatizantes fascistas de São Paulo, seja recolhidos por nós ou por outros. Julia Scarano, por exemplo, recolheu diversos depoimentos onde os entrevistados afirmaram que, mesmo sendo fascistas, não desobedeciam as leis do país e que sempre seguiam a orientação do governo brasileiro. Um deles chegou até a afirmar:

"Eu era italiano e fascista. Achava que Mussolini era um grande homem que governou a Pátria e fez muito por ela. Os movimentos de antes da guerra eram autorizados pelo governo

15 - 1928 é realmente um ano, ao que tudo indica, em que a necessidade, pelos antifascistas, de defender a nacionalidade brasileira e se destacar do fascismo cresce. É um período, dada talvez a maior atividade fascista, de grande agitação nacionalista em São Paulo (o jornal "O Combate" está em plena guerra contra o fascismo, repisando a questão do respeito à nacionalidade; estudantes destroem a sede do jornal fascista "Piccolo", etc) e a necessidade de resposta ao fascismo fica, assim, mais premente ainda.

16 - Cannistraro, Philip. "Fascism and Italian Americans" in Felice, Renzo de (org). Annali Storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia, Milano, Franco Angeli Editore, 1979, 125-142

brasileiro. Aqui em Rio Claro marchavam juntos os fascistas de camisas pretas e os integralistas de camisas verdes" ¹⁷

Nosso trabalho com esse grupo de antifascistas parece confirmar, ao menos com relação ao período em que estamos trabalhando, a força que o apoio ou neutralidade do governo brasileiro deu ao fascismo¹⁸. Isso não apenas no campo institucional¹⁹, mas também num sentido mais amplo: muitos italo-brasileiros parecem ter se sentido tranquilos para apoiar o fascismo sem se preocupar com a sua segunda metade do hífen. O contínuo esforço desses antifascistas em mostrar como o fascismo era antibrasileiro é mais um indício nesse sentido.

Fechado esse parêntese, voltamos ao estudo das técnicas e procedimentos que os antifascistas ligados a Piccarolo

17 - Scarano, Julia. Op. Cit. pg 517

18 - As relações entre os governos brasileiro e italiano eram, de fato, as melhores possíveis no entre guerras, o que também explica a dificuldade dos antifascistas em atingir o governo do Rio de Janeiro.

Sobre as boas relações Brasil/Itália, vide Cervo, Amado Luiz. Op. Cit. e Seitenfus, Ricardo. "Ideology and diplomacy: Italian fascism and Brazil (1935-1938)" in Hispanic American Review, 64 (3): 503-584, 1984 e O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos. O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1985, parte 2, cap. 3. Vide também Albonico, A. "Immagine e destino delle comunità italiane in America Latina attraverso la stampa fascista degli anni 30" in Studi Emigrazione, XIX, 65: 41-52, 1982

19 - Os antifascistas americanos conseguiram, por exemplo, que o Departamento de Estado pressionasse Roma visando a diminuição das atividades fascistas nos EUA. Os antifascistas brasileiros jamais contaram com esse tipo de auxílio. Muito pelo contrário.

Sobre as atividades fascistas nos Estados Unidos, vide, apenas a título de exemplo, as obras citadas de Philip Cannistraro. Sobre as diferenças de contexto em que os antifascistas brasileiros e americanos agiram e como isso deve ser levado em conta em nossas análises, vide Bertomha, João Fábio. O fascismo e os italianos de São Paulo 1922-1945, texto inédito, UNICAMP, 1992.

aplicam para tentar atrair a simpatia dos brasileiros. Já vimos seu esforço em ter um comportamento "honesto", simpático e confiável no tocante à questão nacional. O mesmo se repetirá, como veremos, no tocante à questão política.

Quando utilizamos o termo "questão política", fazemos referência ao elevado esforço que os antifascistas fazem para parecerem confiáveis e respeitosos aos olhos do governo e da opinião pública brasileiras. Tal desejo se corporifica, nos jornais, em dois procedimentos padrão: um esforço para que não houvesse confusão entre eles e os "comunistas" ou "subversivos" e um trabalho contínuo em mostrar à opinião pública o quão pacíficos e ordeiros eles eram.

Como podemos ver, a primeira técnica usada nesses jornais antifascistas para conseguir a aprovação brasileira é a sua firme recusa de serem confundidos com quaisquer movimentos que pudessem ser tachados de subversivos e, especialmente, de comunistas. Essa tática comum sofre, contudo, profundas variações conforme o grupo que se estuda. Os concentracionistas (seja no período Piccarolo seja no período Cilla/Mariani) não hesitarão nunca em se declarar anticomunistas. O mesmo não acontecerá, como veremos, com o grupo Frola. Vejamos caso a caso.

Iniciemos pelos concentracionistas. Já tivemos oportunidade de tecer algumas observações a respeito das posições anticomunistas manifestadas por Piccarolo e Mariani em capítulos anteriores e não vemos necessidade nem de retomar esse aspecto do seu pensamento nem de explicar como

e por que ele se transmuta em um esforço de diferenciação: nada mais coerente e natural que eles evitem ser confundidos com movimentos que não representavam seus ideais.

Há, porém, mais a ser apreendido dentro desse discurso antifascista. Ao utilizarem vários artifícios, que veremos a seguir, para não serem confundidos com os comunistas, eles não estão apenas apresentando suas idéias, mas também respondendo a um discurso do fascismo paulista, que procura utilizar essa questão politicamente sensível no Brasil do período - a do comunismo - para atrair dissabores ao antifascismo.

A primeira armadilha que o fascismo prepara para o antifascismo é aquela em que eles buscam enquadrar todos os antifascistas como subversivos e revolucionários em potencial, sendo merecedores, pois, do desprezo geral. Numa edição do jornal fascista paulistano "Piccolo", de junho de 1929 ²⁰, os fascistas dizem que o perigo comunista existe no Brasil mas que ele não seria representado por operários que se dizem comunistas, mas sim pelos intelectuais estrangeiros que aqui vêm para falar de liberdade e fazer antifascismo. Estes sim é que deveriam ser presos e expulsos.

A primeira resposta que o antifascismo socialista italiano deu ao fascismo nesse aspecto foi reafirmar ainda mais a sua incompatibilidade ideológica com o comunismo, criticando-o. Tal crítica vai desde a consideração do ideal

20 - O artigo foi citado na coluna "Nel fronte unico" in JR, II/49, 13/6/1929

de sociedade comunista como uma utopia de exaltados e sonhadores (dado que a humanidade só estaria pronta para essa sociedade em milênios²¹) até a apreciação negativa de seus esquemas analíticos²², passando inclusive pela depreciação da Revolução Russa²³. Quando necessário, porém, dispensavam-se estas sutilezas em favor da negação explícita da participação comunista no seio do grupo:

"O Partido Comunista, pela mesma razão que não faz parte da Concentrazione de Paris, não pode pretender participar aqui da união de partidos e menos ainda dirigi-la. Comunismo não é mais - se não pior - que o fascismo ao avesso, com os mesmos horrores, com todas as restrições individuais e coletivas; com a mesma, se não maior, ferocidade, dado que se baseia no predomínio das massas ainda incultas e portanto incapazes de lançar as bases da nova civilização que seus líderes pretendiam instaurar de supetão. É necessário ter a franqueza de dizer que o antifascismo não deseja, antes não quer, o apoio comunista. Para não perder tempo

21 - Vide "Per l'Unità antifascista" in JK, 11/27, 10/1/1929. Mariani chega a escrever ("Il senso della rivoluzione" in LU, VI/333, 30/11/1930) que o comunismo no Brasil seria, por definição, anacrônico.

22 - Vide Labriola, Arturo. "Dall'Oligarchia all'fascismo" in JK, 1/23, 13/12/1928

23 - "Immaturità" in JK, 1/24, 20/12/1928

precioso, convém dissipar mais este equívoco e declarar abertamente que os partidos e os indivíduos querem subtrair-se a qualquer influência e até de qualquer suspeita de conivência comunista" ²⁴

O artigo "Lezione di cose"²⁵ é ainda mais direto nesse ponto. Ele inicia narrando os acontecimentos do Primeiro de Maio em Berlim (revolta insuflada pelos "comunistas bolcheviques" é sufocada pelo governo) e de como essa revolta geraria uma onda repressiva sobre todos os preocupados com os trabalhadores, comunistas ou não.

Mostra, então, as diferenças socialistas X comunistas e proclama que cada qual deve viver separado e assumir sozinho a responsabilidade de seus atos. Os comunistas, porém, são agressivos e investem contra os adeptos da Concentrazione em todo o mundo. Isso é mau (os radicais fazem o antifascismo dividir suas forças), mas tem seu lado bom: mostra-se quem é quem. Se atos como o de Berlim se repetirem em São Paulo, todos saberão quem são os responsáveis.

Os antifascistas concentracionistas não se limitam, porém, a negar sua ligação com o comunismo. Eles também são

24 - Vide "Per l'Unità antifascista", citado

25 - "Lezioni di cose" in *JK*, II/44, 9/5/1929

contundentes na demonstração de que não são eles, mas sim os fascistas, os merecedores da alcunha de "subversivos":

Esse esforço vai representar desde pequenas sutilezas como a apresentação das boas relações URSS X Itália no fim dos anos 20^{as} até artigos longos e diretos ressaltando quem era o verdadeiro subversivo:

"Eles quiseram, repito, aqui como em outros lugares, pintar os antifascistas como subversivos igualando-os aos comunistas, enquanto bem sabiam que isto é redondamente falso. (...) todos sabem que os comunistas não fazem parte da Concentrazione antifascista que tem a sua sede em Paris. Por fim, aqui em São Paulo se houve uma tentativa de infiltração de elementos que se diziam comunistas nas fileiras dos antifascistas, foram imediatamente afastados.

Os antifascistas de São Paulo tendem na sua grande maioria à República, e isto não pode ser considerado subversivismo em um país republicano e democrático. Antes nesse regime se é tido subversivo o comunismo, ainda mais deve sê-lo o fascismo. Não se gabam o fascismo (...) de ser subversivo, mas o comunismo é subversivo? E

isto não é fazer propaganda contrária aos princípios sobre os quais é baseado o regime brasileiro? Logo é isto ou não é subversivismo?"

27

Note-se, a propósito, que mesmo esse esforço em particular tem um objetivo já certo: responder à propaganda da imprensa fascista de São Paulo, para quem:

"nenhum esforço de engenhosidade conseguirá criar uma idealização, uma analogia, um termo de comparação entre duas coisas tão diversas e opostas como o fascismo e o bolchevismo" 28

Por último, o antifascismo concentracionista busca negar ao fascismo uma de suas argumentações mais fortes: a de que ele teria salvo a Itália dos horrores do bolchevismo:

Esse crédito foi atribuído ao fascismo por Piccarolo no início do movimento em 1922²⁹, mas desde então todo um esquema é montado para demonstrar não só como o fascismo não

27 - Vide MC. "O fascismo é subversivo" in IR, citado. Note-se que esse artigo e vários outros com este caráter de "esclarecimento" da opinião pública estão em português, o que não é mero acaso. Para uma negação explícita de comunismo no período Mariani, vide "La petizione dell'avv. Barreto al Supremo Tribunale per l'habeas corpus a Mario Mariani" (LD, VI/311, 1/6/1930)

28 - Vide "Commentando un Commento" in LD, III/63, 14/3/1926

29 - Vide Piccarolo, Antonio. "Cercando la verità (a rispetto di socialisti, comunisti e fascisti)" in Il Piccolo, 28/8/1922

precisou eliminar a ameaça bolchevique na Itália no início dos anos 20 (já que ela nunca teria existido de fato), como ainda ele ajudou a criá-la:

"O comunismo não foi absolutamente debelado pelo fascismo. Quando este apareceu, o perigo comunista já tinha desaparecido. As fábricas foram ocupadas em 1919 e nesta ocasião o fascismo ainda não existia. Não apenas isto, mas boa parte daqueles que mais tarde foram fascistas militava nesta ocasião nas fileiras bolchevistas (...)

As tentativas bolchevistas foram frustradas pelas dificuldades encontradas em sua atuação e pela oposição do bom senso dominante entre as classes trabalhadoras já educadas por decênios de preparação classista" 30

Ao mesmo tempo que nega esse "passado glorioso" aos fascistas, procura-se demonstrar como o fascismo também não era necessário no presente, como barragem ao bolchevismo. A resposta a um discurso fascista como este é mais que clara:

30 - Vide Piccarolo, A. "Cercando la verità (a rispetto di socialisti, comunisti e fascisti)" in LD, III/85, 25/7/1926 e também os artigos Piccarolo, Antonio. "Espiazione" in IR, 2, 16/1/1928 e Salvemini, Gaetano. "O que é fascismo" in IR, 1, 1/1/1928

"A Itália na mentalidade e na realidade fascista surge hoje como barreira à invasão do bolchevismo. Não é o momento de discussão de teorias" ³¹

É, porém, na seguinte resposta ao discurso do secretário do cônsul Mazzolini, Brancaleoni, que esse "jogo" fascismo X antifascismo fica ainda mais evidente:

"Depois veio o cav. Brancaleoni

Repete a mesma estorinha, confeccionada para uso dos fascistas, contra toda a realidade: O fascismo salvou a Itália do bolchevismo, suprimiu a luta de classes e criou a carta del lavoro, na qual os interesses dos operários se tornaram aqueles dos patrões.

Senhor Brancaleoni, o senhor não tem parentes mais próximos a quem contar estas estorinhas? O fascismo, é verdade, libertou a Itália do bolchevismo. Porque os mesmos bolchevistas que existiam na Itália, aqueles que ocuparam as fábricas, tornaram-se fascistas abandonando o bolchevismo, ou melhor, criando um outro

31 - O extrato é da entrevista do embaixador Attolico à Agência Brasileira. Reproduzido de "Nel Fronte unico" in IR, 9, 1/5/1928

bolchevismo, o fascismo italiano, muito mais perigoso que o bolchevismo russo" ³²

É interessante notar, por fim, que essa disputa entre fascistas e antifascistas em torno da questão do valor do fascismo enquanto arma anticomunista começou cedo em São Paulo³³. Realmente, desde cedo os antifascistas trabalham nessa tarefa de negação do discurso fascista, o que é compreensível dada a prontidão com que os fascistas se ancoraram nesta questão do comunismo para ampliar seu prestígio. Já em 1923, de fato, o enviado fascista Ottavio Dinale dizia numa palestra em São Paulo:

"A Itália caminhava direto para a ruína. Mas houve o fascismo que a salvou do bolchevismo"³⁴

Não é à toa que os antifascistas foram obrigados a reagir tão prontamente.

Note-se também que esse tipo de disputa não foi exclusivo do Brasil. Gaetano Salvemini, por exemplo, apresenta, em um dos seus livros³⁵, a seguinte proclamação fascista

32 - Pillo, Rocca (Antonio Piccarolo). "Logorrea Coloniale" in IR, 9, 1/5/1928

33 - Vide a argumentação antifascista em "Fascismo e questione operaia" (LD, I/2, 21/4/1923).

34 - Vide "Conferenza mancata e uomo liquidato" in LD, I/5, 2/6/1923

35 - vide La dittadura fascista in Italia, New York, Nuovo Mondo, 1929, pg 11 e seguintes

"O fascismo salvou a Itália do bolchevismo. Se o bolchevismo tivesse conquistado a Itália, o impulso da revolução comunista teria sido irresistível e toda a Europa seria precipitada na desorganização econômica e na miséria. Salvando a Itália do bolchevismo, Mussolini salvou do naufrágio a civilização européia"

e nega categoricamente, usando os mesmos argumentos dos socialistas reformistas de São Paulo, essas alegações vitoriosas do fascismo. Mais uma prova do esforço da imprensa concentracionista em se contrapor ao discurso fascista.

Vemos, portanto, como os antifascistas italo-brasileiros ligados à Concentrazione não cessavam nunca de proclamar o seu anticomunismo. Não é difícil explicar esse esforço pelo clima ideológico mundial³⁶ e pela necessidade de resposta a um discurso antifascista que não cessava de tentar associar antifascismo à subversão comunista³⁷. E quanto a Frola? Já vimos anteriormente como Frola, movido por sua concepção de política de alianças, não comporta um anticomunismo como o de Piccarolo e Mariani em seu ideário. Mas, e como resposta ao discurso fascista? Será que Frola

36 - Ver capítulo 4

37 - "L'Anarchico Poci" in *LD*, IV/193, 27/11/1927

não sentia necessidade de rebater as acusações do consulado e da imprensa fascista?

Uma matéria do "Piccolo" de 1928 aumenta ainda mais a importância dessa questão ao nos revelar a força e a intensidade dessa campanha fascista. Nessa matéria, dá-se notícia do atentado contra o cônsul italiano de Porto Alegre, Chiostri, e conclui:

"A notícia que nos transmite a Agência Americana se enquadra na infame propaganda subversiva que a tempos vêm fazendo, no Brasil, os elementos do fuoruscitismo pseudo antifascista, que nós já denunciámos nesta coluna como panfletistas bolchevistas e embusteiros a soldo do comunismo internacional (...)

O fracassado atentado ao on. Chiostri, frustrado pelo fortuito latido dos cães, é fruto da propaganda anarcóide daquela triste figura que desonra o nome italiano e que ultraja, insulta e viola a generosa hospitalidade do nobre povo brasileiro.

Pela enésima vez repetimos que a questão dos fuorusciti no Brasil constitui um problema de polícia. A colônia italiana quer trabalhar em paz e dedicar-se ao amor da família e da fé e vê com desgosto e horror as suas relações com o grande

país que a hospeda perturbadas por um grupo de sediciosos anarcóides que se disfarçam de antifascistas para mascarar os seus ideais comunistas" ³⁸

Vê-se que o ataque da imprensa fascista não tinha nada de sutil. Parece claro que Frola teria que dar algum tipo de resposta, ainda mais porque as acusações de "comunista" parecem ter sido muito mais fortes com relação a Frola que com Piccarolo ou outros líderes do antifascismo³⁹. Frola tinha, a nosso ver, que responder e procuramos sinais dessa resposta no "La Difesa".

Mais uma vez, porém, o objeto histórico não corresponde aos desejos do historiador. Frola vai negar, claro, que é comunista e fazer algumas críticas leves a ele. Não vão aparecer, porém, traços de maior anticomunismo nem sequer

38 - "Gli auto-attentati dei consoli fascisti. Chiostri imita Mammalella" in *LD*, 9/235, 16/9/1928

39 - Note-se que não era apenas o discurso fascista que procurava enquadrar todos os antifascistas como subversivos comunistas. Parece que, apesar de todos os esforços antifascistas, este também era a opinião do governo e de boa parte da opinião pública brasileira. Em 1942, por exemplo, um jornalista brasileiro escreverá a respeito:

"quem se levantasse para mostrar ao país o perigo que o fascismo representava para a nossa segurança, seria desde logo acusado de comunista, pois não se admitia um antifascista que não fosse vermelho, filiado ao Kominten"

Vide Alarcon, Elvaldo de. E o sangue brasileiro correrá..., Porto Alegre, Du Barry, 1942. Ele se refere especificadamente aos nazistas, mas não resta dúvida de que seu comentário também se aplica aos italianos.

como resposta ao discurso fascista⁴⁰. Um outro sinal, talvez, de que a política de alianças de Frola estava acima de tudo em seu pensamento, acima até mesmo da necessidade de responder ao fascismo⁴¹.

O esforço de contraposição à imprensa fascista no tocante ao comunismo e suas múltiplas nuances estão, nos parece, mais que claros. Dentro desse mesmo esforço se localiza, a nosso ver, a sua argumentação de que eles, antifascistas, seriam pacíficos e ordeiros, enquanto os fascistas seriam terroristas e perigosos. É uma resposta mais que clara a um discurso fascista que não só proclama aos brasileiros a eliminação do antifascismo como pré-requisito chave para restabelecer a ordem e cessar as disputas na colônia:

(ao invés dos fascios)," eliminem o antifascismo, sustentado por gente sem pátria, sem

40 - A única exceção é a recusa de que o fascismo tivesse salvo a Itália do bolchevismo. Vide Frola, Francesco. "Truffa Sanguinosa" in LD, III/116, 18/11/1926 e "Il fascismo ha salvato l'Italia dal Bolscevismo" in LD, V/242, 6/1/1929

41 - De qualquer maneira, a propaganda fascista deve ter calado fundo na polícia brasileira: Frola foi continuamente obstado pela polícia em diversas de suas cerimônias e conferências (o que nunca ocorreu com Piccarolo). Ele foi preso, além disso, várias vezes e, em 1935, foi encarcerado no navio "D. Pedro I", acusado de ser líder da insurreição comunista. Sinal claro de que sua defesa não teve grande sucesso frente ao governo brasileiro.

Para esses dados, vide Andreucci, Franco. Op. Cit. e Frola, Francesco. Sangue e Petróleo, citado

fé e sem conhecimento do fascismo e terão a ordem,
a paz e a disciplina também no exterior" 42

como quer fazer a identificação do antifascismo com a
violência e o terrorismo:

"A destruição é a única obra dos antifascistas
e a arma que eles adotaram é a bomba. Não são
necessárias muitas palavras para identificar o
antifascismo" 43

Nesse sentido, os antifascistas (tanto os ligados à
Concentrazione como os relacionados com Frola), fazem todo
um esforço para negar quaisquer relações com atos
terroristas dentro e fora do Brasil 44, para mostrar que, ao
contrário do que o fascismo proclamava, eram os fascistas os

42 - Extrato de um artigo de "Flit" no "Piccolo" em maio de 1929. Citado em p.b. "Cose che fan ridere" in IR, 11/44, 9/5/1929

43 - Entrevista do embaixador Attolico à Agência Brasileira. Citado in "Nel Fronte Unico" in IR, 9, 1/5/1928

44 - Vide a resposta, sem título, do IR (8, 16/4/1928) às declarações de Mussolini culpando os antifascistas pelo atentado contra o rei em Milão.

naturalmente selvagens⁴⁵ e para ressaltar seu pacifismo⁴⁶, respeito às leis e absoluta neutralidade frente aos assuntos brasileiros:

"Quando iniciamos a nossa batalha política, formulamos uma espécie de Declaração de Princípio.

Os dois primeiros parágrafos desta declaração são os seguintes:

1º - Os antifascistas, hospedados no Brasil, não assumem posicionamentos políticos com relação à política interna brasileira. Eles são movidos, com relação ao generoso país que os acolhe, de um único sentimento: o do reconhecimento.

2º - Os antifascistas são obedientes e respeitosos às leis e costumes brasileiros. a eles se reportam em todas as circunstâncias."⁴⁷

45 - No artigo "Il 1º Maggio de SP" (LD, II/44, 9/5/1929), os antifascistas denunciam como uma das suas cerimônias foi perturbada pelos fascistas e perguntam quem é o agressor, já que são sempre eles, antifascistas, os agredidos.

46 - Vide "Dichiarazione" (LD, IV/186, 9/10/1927), onde os antifascistas respondem a uma campanha fascista para induzir o governo brasileiro a bloquear os jornais antifascistas por serem subversivos e Frola, Francesco. "Provocazioni fasciste" (in LD, IV/146, 13/3/1927), onde Frola recomenda aos antifascistas resistirem às ofensas e agressões e manter o pacifismo, de forma a desarmar as acusações fascistas de que os antifascistas seriam perturbadores da ordem pública e manter o apoio brasileiro.

47 - Vide, entre outros, "Dolorosa constatazione" (LD, III/45, 8/11/1925) e "I primi frutti della prepotenza fascista" (LD, III/96, 2/9/1926). Vide também "La scuola del delitto" in LD, IV/136, 3/2/1927; Frola, Francesco. "Apologia di reato (Il delitto di Itu)" in LD, IV/138, 10/2/1927 e "Il Brasile infrange i tentativi criminosi del fascismo" (LD, V/212, 8/4/1928), onde se tenta comprovar a solidariedade brasileira frente às agressões fascistas.

Por mais teóricos que tais procedimentos sejam⁴⁸, eles são interessantes ao demonstrar o interrelacionamento das redes de propaganda fascista e antifascista em São Paulo. Outra demonstração nesse sentido pode ser buscada na disputa fascismo X antifascismo pelos "notáveis", a qual é tão reveladora da dinâmica desta disputa que convém analisar em detalhe.

Em primeiro lugar, é interessante notar como os fascistas também estão na mesma busca pela respeitabilidade e apoio da opinião pública brasileiros que os antifascistas demonstraram seguir. Para isto, eles recorrem, entre outras coisas, a entrevistas com personalidades eminentes que acabam de chegar da Itália, dizendo maravilhas do novo regime italiano⁴⁹. Com essas opiniões positivas, os fascistas tem fundamentação para completar seu raciocínio: é espantoso que ainda existam italianos antifascistas quando até os estrangeiros são admiradores de Mussolini⁵⁰. Os

48 - A política de "não-interferência" nos assuntos brasileiros não impediu, de fato, a união de Frola com outras forças políticas brasileiras na sua luta contra o fascismo e nem bloqueou o fervoroso apoio de Mariani à Revolução de 1930.

49 - Vide, por exemplo, a entrevista do Dr. Salles Jr. ao "Piccolo", citada em "Non è così", citado

50 - É o comentário do "Piccolo" à entrevista dada pelo dr. João Sampaio ao "O Estado de São Paulo" e reproduzida pelo "Piccolo". Citada em Cimatti, Antonio. "Ricambiando i consigli del Piccolo" (LD, III/68, 18/4/1926)

fascistas colocam o fascismo, portanto, como algo notável, admirado por todos e que só gente de má fé poderia recusar.

Os antifascistas respondem imediatamente a esta propaganda. De um lado apresentam entrevistas com operários ressaltando as tristes condições da Itália⁵¹. Também denunciam as artimanhas do "Piccolo" para fazer com que seus entrevistados - brasileiros e estrangeiros - falem bem do fascismo⁵², desqualificam tais entrevistas como parciais, conduzidas, etc⁵³ e apresentam seus próprios "notáveis"⁵⁴. Por fim, fazem quase um apelo para que os brasileiros não acreditem nas mentiras fascistas:

"Nós, italianos do exterior, fuorusciti, perseguidos, vítimas da mais feroz tirania existente em todo o mundo, não pedimos nada aos estrangeiros além de hospitalidade e de equanimidade nas suas opiniões sobre a nossa infeliz pátria. Pedimos que antes de se pronunciarem examinem os fatos e desçam mais a fundo no estudo das coisas italianas do que pode permitir uma viagem feita com toda a pressa entre

51 - Ego Sum. "Una intervista proletaria" in LD, III/77, 20/6/1926

52 - "Il cane di guardia" in LD, III/81, 11/7/1926

53 - "Le cattive azioni del signor Arturo Trippa" in LD, III/75, 3/6/1926

54 - Vide "Opinioni di illustri brasiliani e favorevoli commenti della stampa" in LD, VI.311, 1/6/1930, onde aparecem as declarações de quinze eminentes jornalistas defendendo Mariani. na época em processo de expulsão do Brasil sob acusação de comunismo.

uma noitada no teatro ou uma função na Basílica de São Pedro. Pedimos que se informem não apenas que as fábricas trabalham e os trens correm, mas se a justiça corre e se o respeito à vida humana, à liberdade e aos direitos adquiridos, naturais e imprescindíveis, é observado" ⁵⁵

Pudemos perceber, assim, como o choque fascismo e antifascismo pela disputa do apoio brasileiro é uma continuidade, com os temas e tópicos variando no decorrer do tempo⁵⁶, mas mantendo uma linha condutora básica: a busca da respeitabilidade e do apoio brasileiros⁵⁷.

Pudemos perceber, assim, como existe toda uma trama discursiva elaborada pelos antifascistas, com base em seus conceitos e visões de mundo com vistas a descaracterizar o discurso fascista e passar uma imagem de "confiável", seja em termos nacionais, seja em termos políticos, à opinião pública e governo brasileiros.

Esse, porém, não é o único objetivo da propaganda antifascista. Por definição, ela também se propõe a conquistar a colônia italiana de São Paulo e mantê-la avessa

55 - "Le cattive azioni del signor Arturo Trippa", citado

56 - A disputa pelos "notáveis", por exemplo, é mais intensa na primeira metade da década de 1920.

57 - Não é espantoso, na realidade, que os antifascistas desejem tanto o apoio brasileiro. Isolados no exterior, eles necessitam de todo o apoio e simpatia que eles possam conseguir. E isso não apenas para sobreviver, mas também para formar as alianças que ajudariam a isolar e a derrubar o fascismo.

ao fascismo. Isto gerou um grande embate com os fascistas, embate este que convém estudar melhor.

A conquista da colônia

Além das críticas e denúncias que já vimos⁵⁸, uma estratégia bastante comum que o antifascismo ligado a Piccarolo adota para investir contra o fascismo é a sua recusa em ver nele um movimento patriótico e a sua negação sistemática e contínua das "conquistas" fascistas.

Essa situação transparece sem dificuldades nas páginas dos jornais que estudamos. Procura-se apresentar a "verdadeira" situação da Itália sob o regime fascista: o desabar da economia e da situação social⁵⁹, o militarismo

58 - Apenas uma nota explicativa: Elaboramos uma divisão entre as táticas mais diretamente ligadas à obtenção do apoio brasileiro com aquelas relacionadas à conquista da colônia. Sabemos, no entanto, que essa divisão não é assim tão rígida: diversas das táticas utilizadas pelos antifascistas em seus jornais servem para ambos os objetivos, sendo a divisão feita aqui meramente didática.

59 - Vide, entre muitos outros, "Tassati e l'artassati" in IR, II/44, 9/5/1929; "Gli indizi della situazione economica" (LD, V/234, 9/9/1928); "Il fascismo in cifre. Breve rassegna di alcuni indici economici" in L'Italia, VII/391, 30/12/1931

Cumprе ressaltar, a propósito da continua denúncia antifascista da real situação econômica italiana, que essa não é nem uma tática exclusiva dos socialistas italianos nem restrita ao Brasil. São abundantes, de fato, exemplos desse tipo de denúncia tanto nos jornais das sedes centrais da Concentrazione (como o La Libertà) como nas obras de outros antifascistas não italianos (cf Pereira, Astrojildo. "Italia" in URSS, Italia e Brasil, São Paulo, Novos Rumos, 1985, 1ª edição 1934) atuantes no Brasil no período.

inconsequente⁶⁰, o fracasso contínuo em todas as "batalhas" em que o fascismo se envolve (da natalidade, do trigo, etc⁶¹), etc. É um esforço que não reflete apenas a percepção do jornal sobre a situação italiana, mas indica também a necessidade que os antifascistas tem de combater a propaganda fascista no Brasil, a qual se esforçou muito, nos anos 20 e 30, para criar uma aura de prestígio em torno de si, ressaltando as suas conquistas e a criação de uma nova era para a Itália.⁶²

Esse tipo de propaganda atravessa a maioria do material de época fascista que nos chegou às mãos: Almanques⁶³, discursos⁶⁴, livros diversos, etc. Mesmo em relação às crianças italo-brasileiras, o fascismo não perdia chance de ressaltar a grandeza e as vitórias da nova Itália:

A Nova Itália

60 - Vide Piccarolo, Antonio. "A margine del discorsismo. La catastrofica politica del fascismo" in *IB*, 1/23, 13/12/1928; "Militarismo dominante" in *LD*, III/98, 5/9/1926; "Il fascismo, dopo aver rovinato l'Italia, minaccia la pace d'Europa" (*LD*, V/200, 15/1/1928) e muitos outros.

61 - Vide "Le Battaglie di "Managgia la Rocca" in *IB*, II/53, 11/7/1929; "Le menzogne ufficiale" in *LD*, V/203, 5/2/1928; Mariani, Mario. "Aquilo que ele não dirá" in *A Platéia*, 15/6/1931 e outros.

62 - Não importa realmente discutir se a aura de prestígio em torno da Itália nos anos 20 e 30 tinha uma base concreta: a imagem criada pelo regime era mais forte que a realidade e é isso o que importa.

Sobre a real situação da Itália em termos econômicos e militares, vide Kennedy, Paul. Ascensão e queda das grandes potências - transformação econômica e conflito Militar de 1500 a 2000, Rio de Janeiro, Campus, 1989, 282-289.

63 - Vide, por exemplo, o Almanacco degli Italiani del Brasile, São Paulo, 1936. Especialmente as páginas 55-61 e 175-180.

64 - Vide, por exemplo, os discursos do cônsul Serafino Mazzolini in Parole di Fede, já citado.

Conhecedor profundo de todos os problemas políticos, econômicos, educativos do nosso país, Benito Mussolini se pôs a resolvê-los com sábia firmeza.

Não há setor da vida nacional que tenha permanecido inexplorado à sua aguda penetração e sobre o qual ele não tenha levado sua singular atividade.

Com a erradicação dos pântanos e lugares com febre amarela, o Governo fascista acrescentou milhares de hectares à terra agriculturável e com a batalha do grão estimulou o aumento da produção de trigo.

No campo dos trabalhos públicos, além do acabamento do aqueduto pugliese, construíram-se numerosas represas nas montanhas para extrair energia elétrica (...)

Segundo as tradições imperiais de Roma, foram construídas estupendas obras como estradas, portos, canais de irrigação, edifícios públicos. Foram reordenadas as forças armadas (...)

Nenhum país conseguiu em tão pouco tempo progressos tão notáveis e rápidos como a Itália fascista.

Sob a liderança do Duce, o Fascismo, que é acima de tudo religião da Pátria, vontade heróica

de grandeza, profundo senso de dever, deu à Itália ordem, fervor de vida operosa, segurança interna e externa" 45

Esta luta fascismo X antifascismo no campo do discurso e da propaganda está, pois, mais que clara. Ainda dentro desse conflito resta abordar, porém, três "conquistas" sobre as quais a propaganda fascista fez muita ênfase, que tanto o antifascismo de Frola como o concentracionista procuram responder e que merecem atenção maior: o fato do fascismo ter salvo a Itália do bolchevismo; o fascismo como resolutor das questões sociais e o fascismo como agente de resgate do prestígio italiano no exterior.

Em relação ao primeiro tópico, acreditamos que já escrevemos o suficiente no item anterior. Já no tocante à argumentação fascista de que o regime de Mussolini teria resolvido as questões sociais, podemos localizar um exemplo do contradiscurso antifascista nessa citação:

"Quando afirmamos repetidamente, comentando a Carta del Lavoro, que este solene título jurídico social (que, segundo os jornalistas fascistas,

45 - O extrato se origina de DIREZIONE GENERALE DEGLI ITALIANI ALL'ESTERO. Storia e Geografia per la V Classe Elementare, Roma, 1937, cartilha utilizada nas escolas fascistas de Salto/SP, sendo apenas um exemplo desse esforço de propaganda fascista.

deveria esmagar o valor histórico da proclamação dos direitos do homem) não é nada mais que a codificação do arbítrio patronal contra o proletariado, não dissemos nada além que uma pequena parte da verdade. A Carta del Lavoro é a arma para a redução à fome dos operários submetidos aos industriais e latifundiários italianos, que deles podem usufruir "ad libitum"; e o acorrentamento de quem trabalha aos pés de quem não tem freios na ânsia de ganhar: "É a supressão absoluta de quaisquer direitos para os operários"

66

Não resta dúvida de que artigos desse tipo objetivam expressar a opinião dos antifascistas sobre assuntos candentes do período. Mas que eles também buscam responder a uma propaganda fascista como esta é inegável:

"Na Itália, ao invés disso, o operário está garantido e tem nas suas organizações reguladas e reconhecidas pela lei e nos seus representantes

66 - "I primi effetti della Carta del Lavoro" in *LD*, IV/167, 29/5/1927. Note-se, aliás, que o texto do artigo contém termos e uma ênfase mais à esquerda que os textos do "Il Risorgimento" no mesmo sentido. Para mais exemplos dessa contra argumentação, vide "Le organizzazioni sindacali fascista" (*LD*, IV/132, 20/1/1927); "Nella Pattumiera" (*LD*, VI/257, 21/4/1929) e Mariani, Mario. A forma moderna de escravidão in *A Platéia*, 13/6/1931.

nos sindicatos, nas Confederações e no Parlamento seus seguros e zeladores defensores"

Na Itália, não ocorrem mais greves, não porque os operários sejam oprimidos, mas porque existe a instituição da arbitragem que julga com equidade e decide levando em conta os direitos das partes e aqueles da Nação" 47

O terceiro aspecto também não foge à regra. Os fascistas alegam que Mussolini recuperou o prestígio italiano no exterior, recebendo um contínuo contra-ataque da propaganda antifascista⁴⁸. O discurso dos jornais antifascistas fica, assim, bem mais compreensível se tivermos ao lado o seu equivalente fascista. É também dessa maneira que podemos compreender um dos mais persistentes trabalhos que os jornais antifascistas se propuseram a fazer: o de demonstrar à comunidade italiana que eles, antifascistas, não eram traidores e que o termo "Itália" não era equivalente ao termo "Fascismo".

O investimento feito pelo governo fascista para demonstrar o contrário foi realmente notável. Senhor de uma perspectiva que propõe, como solução para os problemas da

67 - Artigo do "Fanfulla" citado em "Nella Pattumiera" (LD, VI/257, 21/4/1929)

68 - Vide "Villania fascista" in LD, VI/275, 25/8/1929 e, especialmente, "Dal regno del Papa" in LD, VI/273, 11/8/1929

emigração e italianidade, a identificação desta com o fascismo⁶⁹, o regime de Mussolini fez, no Brasil, uma campanha incessante para demonstrar essa nova realidade (a Itália agora é o fascismo) e convencer os italianos residentes no Brasil que a propaganda antifascista era, por tabela, anti-italiana e de má fé. O cônsul Serafino Mazzolini, por exemplo, assim se expressava:

"Eu penso que não seja absolutamente necessário - e que seja antes, sob certos pontos de vista, danoso - que todos os italianos tenham a carteirinha do partido. Basta que eles italianamente trabalhem; basta que não esqueçam a Pátria longínqua para que sejam dignos do máximo respeito como fascistas militantes e ativos. A realidade do regime não se discute. Quem recusa o regime, especialmente nos confins do mundo, recusa a Pátria." ⁷⁰

Ou ainda, nas palavras do "Fantulla":

69 - Vide Gentile, Emilio. Op.Cit.

70 - Vide Mazzolini, Serafino. Op.Cit. pg 29

"(...) as origens dessas contorções anti-italianas cabem, em grande parte, aos próprios italianos. Aos italianos que (...) prostituem o seu sentimento nacional para ver vitoriosa a sua opinião. O servilismo das suas almas - admitindo-se que tenham alma! - chega às raias do absurdo! Os estrangeiros utilizam-nos como uma mercadoria indispensável, mas não conseguem esconder a sua repugnância em manejá-la. Até os esgotos são úteis. Mas tapamos apressadamente o nariz quando a sua utilização se torna mais útil. Italianos como esses existem, infelizmente, em SP (...) As coisas mais torpes, em caricatura e em prosa, são traçadas e escritas por mãos italianas. Na veia desses maus italianos compatriotas corre o sangue dos que, através das páginas negras da história, se punham de acordo com o inimigo para tramar em detrimento da Pátria. Daqueles que gostariam de ver a Itália escrava e serva. Sangue de traidores; mentalidade de espiões" 71

Frente a uma propaganda desse tipo, o antifascismo procura se defender a todo custo, num trabalho contínuo de

71 - "Commenti" in Fanfulla, 22/12/1925, citado em Trento, Ângelo. No Outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil, São Paulo, Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, pgs 355-356

resposta ao discurso fascista. Este trabalho, que já se esboça em 1923⁷² e que continua pelos anos 30 adentro⁷³, é intenso tanto no "La Difesa" como no "Il Risorgimento" e se caracteriza pelo uso de diversos mecanismos discursivos que, dada a importância dessa questão para o antifascismo, convém apresentar em detalhe.

Esse grupo de antifascistas tenta, antes de mais nada, fazer uma argumentação que comprovasse que o fascismo não representava a Itália:

"Os nossos adversários não cessam de escrever: Vocês difamam a Itália! Nós, porém, acreditamos exercer, neste jornal, uma tarefa legítima que não é de difamação da Itália. Nós negamos que fascismo e Pátria sejam uma coisa só. O fascismo é uma casta política que se impôs e se mantém na Itália com métodos ilegais e violentos" ⁷⁴

Ou ainda:

72 - Vide "Fascismo e Massoneria" in Rivista Coloniale, XIV/5 e 6, março 1923, pg 26

73 - Vide dois livros de Antonio Piccarolo (Livio Zambecari - Apóstolo de liberdade na América e na Europa, São Paulo, Tipografia Kossolillo, 1935 e Valor Histórico e Moral de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1944), onde se ressalta mais que nunca a dissociação entre ser italiano e ser fascista.

74 - Vide "Non Confondiamo" in LD, III/68, 18/4/1926

"Fizemos já por mil vezes distinção entre o Partido Fascista e a italianidade. Nunca se deve confundir um partido com a nação. Quando um partido pretende ter o monopólio do patriotismo, não é mais um partido, é uma indecente máfia, é uma seita, é uma tirania odiosa (...)

Não confundam os judeus com os samaritanos (...). O fascismo é o fascismo e a Itália é a Itália. Uma coisa é um partido "per accidens", chegado ao governo; outra é a nação, o país que é coisa permanente e superior aos partidos

E vocês não tem nenhuma razão para dizer que não somos bons italianos. O vosso fascismo não conseguirá nunca se confundir com a Itália diante dos olhos dos justos" 75

Aceito esse pressuposto de que Itália e fascismo não foram fundidos, eles vão além e passam a demonstrar que, ao contrário do que diz o fascismo, ser antifascista não significava ser traidor e anti-italiano 76, já que negar o

75 - vide "Il dollaro e l'italianità" in LD, XII/54, 16/1/1926. Vide também Mariani, Mario. "I consoli fascisti quali rappresentanti d'italianità" in LD, VI/297, 9/2/1930 e "Fascismo e Vaticano" in A Plateia, 29/5/1931

76 - Vide Doctor Alpha. "Due Patrie, due patriottismi" in LD, 12, 16/6/1928

fascismo seria, pelo contrário, a maior prova possível de amor à Itália:

"Os fascistas sempre repetem que quem não é fascista não é italiano. Muitas vezes nós procuramos desmentir essa mentira. Podemos antes dizer que uma grande parte da nossa propaganda é destinada justamente à demonstração de que se pode ser, se deve ser, antifascista para ser um bom italiano" 77

Nesse ponto, é interessante notar como o antifascismo de Frola e o dos concentracionistas não apresentam grandes variações de estratégia nesse aspecto. Nesse sentido, trabalhar com o antifascismo de Frola não nos trouxe novos dados. Apenas se reconfirmou como o antifascismo, seja qual fosse a sua linha política, tinha que responder a uma intensa propaganda fascista que associava a Pátria italiana ao regime fascista⁷⁸ e se pôde obter exemplos de uma força

77 - "Si può essere buoni italiani ed antifascisti" in LD, IV/165, 22/5/1927. Ver também Moretto, Pasquale. "Da Guarantan" in LD, IV/189, 30/10/1927 e Frola, Francesco. "Il fascismo è antipatriottico" in Folha da Manhã, 22/2/1927

78 - É interessante notar como os antifascistas são obrigados, em certos momentos, a se render ao orgulho nacionalista que certas atividades fascistas provocam e daí fazerem esforços para dissociar fascismo de italianidade. É o que ocorre quando do "raid" De Pinedo em São Paulo em 1927. "La Difesa" cumprimenta o aviador pela façanha, mas faz daí um esforço hercúleo para dissociar o aviador De Pinedo do fascista De Pinedo. Vide "Stelloncini Settimanali" in LD, IV/144, 6/3/1927

e de uma rudeza ainda maior dessa propaganda no tocante a Frola. Em abril de 1928, por exemplo, Frola deveria falar em São João da Boa Vista/SP. Os fascistas da cidade divulgam, então, o seguinte manifesto:

"Italianos

Tendo vindo ao nosso conhecimento que o ex-italiano Frola dará esta noite uma conferência no Teatro Municipal, se solicita a todos os amigos italianos, que conservam intacto o nobre sentimento de amor à Pátria, o não comparecimento à conferência do renegado, demonstrando todo o nosso desprezo ao denigrador sistemático de nossa Pátria.

Camaradas fascistas, boicotem a conferência em sinal de protesto aos traidores de nossa Pátria.

O Comitê da Seção fascista" 79

A visualização desse enorme esforço que os antifascistas dispenderam na tentativa de convencer os italianos de seu

79 - Citado em "I Brasile infrange i tentativi criminali del fascismo" in LD, V/212, 8/4/1928

patriotismo e o seu resultado⁸⁰ nos revelam o quão importante se revelou o fato do fascismo representar a Itália e parecer ter resgatado o seu orgulho nacional para a difusão do fascismo⁸¹ e para a criação de dificuldades para o antifascismo⁸². Registre-se, a propósito, a opinião de Frola a respeito. Ele vai se referir amargamente a este italiano satisfeito com o resgate do orgulho nacional italiano como o "fascista de boa fé":

"Em geral é um bom homem que a trinta anos não vê a Itália e a recorda como quando a deixou, pobre terra sem recursos, que caminhava lentamente no sulco do progresso.

Este duce, que de um golpe se apoderou do timão do Estado (...) atinge profundamente a fantasia do

80 - É muito difícil ter conclusões definitivas a partir do material que estudamos, sobre os resultados positivos e negativos desse trabalho de propaganda do antifascismo. A continuidade do trabalho por anos e anos e a sua importância dentro do quadro de prioridades do antifascismo nos levam a acreditar, contudo, que o antifascismo falhou na sua tarefa de separar o fascismo da italianidade.

Outro sinal dessa falha aparece no artigo "In margine alla campagna" (*LD*, VI/252, 17/3/1929). Nesse artigo se descreve uma campanha propagandística desencadeada pelo "La Difesa" e as razões pelas quais várias das pessoas que receberam cópias do jornal o devolveram. Vários alegam motivos de ordem patriótica.

82 - Philip Cannistraro (*Op.Cit.*) e Gianfranco Cresciani ("Italian antifascism in Australia 1922-1945" in De Felice, Renzo de. *Op.Cit.*, 143-164) também fazem referência à dificuldade dos antifascistas italianos da Austrália e dos Estados Unidos em se livrarem do estereótipo de "anti-italianos" e os problemas que isso trouxe para a formação de uma base popular antifascista mais ampla, o que revela que esse aspecto do conflito fascismo X antifascismo não foi exclusivo do Brasil.

Ainda nesse sentido, cumpre ressaltar que localizamos, nos jornais das sedes européias da Concentrazione, diversos exemplos desse mesmo esforço. Mais um indício de que grande parte das lutas e estratégias desenvolvidas pelos antifascistas de São Paulo não refletem apenas a situação local, mas também a internacional.

bom homem, que pensa na sua terra distante com um senso infinito de nostalgia.

Ah, agora a Itália não é mais a pequena península, colocada entre os mares, da qual se precisa emigrar em busca de pão. É hoje uma grande senhora, que tem riqueza para seus filhos, e quando o seu líder levanta a voz, todas as potências do mundo se inclinam.

Este é o estado de ânimo que vive no fascista de boa fé. Ele é levado pelas mentiras dos gazeteiros a identificar o fascismo com a Pátria e a acreditar que o fascismo seja o motor, a razão das condições de benessere em que, segundo a propaganda fascista, estaria a nova Itália".**

Esse esforço da propaganda antifascista também nos reconfirma como a ação do fascismo e do antifascismo italiano em São Paulo não podem ser estudados de uma maneira estanque, dado que a existência de um depende da existência do outro: os discursos e as estratégias usadas pelos antifascistas deixam de ser, assim, curiosidades incompreensíveis para se inserirem num todo coerente, de luta para a conquista da alma e da mente dos italianos de São Paulo.

Finalizando esse segundo item, resta responder uma questão aparentemente complexa: tendo em suas visões de

83 - Froia, Francesco. "Il fascista in buona fede" in *LQ*, IV/129, 9/1/1927

mundo e de fascismo, muitas proximidades, mas também muitas discordâncias, como explicar que as táticas e as estratégias usadas por Frola , por Piccarolo e por Mariani para reagir ao fascismo sejam tão semelhantes, conforme o observado nesse capítulo? Poderia parecer uma questão irrespondível, mas ela é, na verdade, de resposta bastante simples: Os antifascistas , não importando suas divergências, estão respondendo a um mesmo inimigo, a um mesmo tipo de argumento e discurso. Não surpreende que suas respostas sejam, malgrado algumas especificidades, tão semelhantes. Podemos perceber, portanto, o que estava em jogo entre fascistas e antifascistas em São Paulo naquele momento e levantar elementos, assim, para a maior compreensão dessa luta.

Capítulo 7 - A Representatividade social

O antifascismo socialista e o operariado

Estivemos trabalhando, até agora, na tarefa de identificar e explicitar o pensamento e o discurso¹ dos antifascistas que se centraram em torno das figuras de Antonio Piccarolo, Francesco Frola e Mario Mariani entre os anos 20 e 30 deste século. Cumprida essa tarefa, surge imediatamente, porém, uma outra questão: Até que ponto os esforços antifascistas para atingir as centenas e centenas de milhares de italianos que viviam em São Paulo foram bem sucedidos? Ou, em outras palavras, até que ponto o discurso desses antifascistas teve repercussão popular?

Em primeiro lugar, deve-se ter claro que os objetivos dos antifascistas no tocante à formação de uma base popular

1 - Cumpre ressaltar desde logo que temos consciência de que pensamento e discurso estão imbrincados, sendo que a divisão de ambos em dois itens que fizemos é meramente didática.

parecem ser dúbios: de um lado, procurava-se salvar do fascismo a colônia italiana como um todo, recolocando-a no estado de concórdia e amizade que havia antes que esse resolvesse conquistá-la². Ao mesmo tempo, porém, são emitidos sinais de preocupação com a causa dos trabalhadores³, sendo dirigidos apelos específicos em direção a eles.

E como teria sido a recepção, no caso dos operários de origem italiana⁴, às propostas desses antifascistas? É praticamente impossível ter conclusões definitivas a partir de fontes tão limitadas, nesse aspecto, como os jornais, mas, se nos restringirmos a eles como fonte informativa, teremos evidências de uma penetração muito escassa da propaganda antifascista no seio do operariado. Para demonstrar isso, vamos examinar o relacionamento de cada um dos grupos antifascistas com o operariado. E isso em dois

2 - Essa visão da colônia como um local de concórdia no período pré fascista é manifesta em diversos momentos nos jornais antifascistas. Vide, por exemplo, "I consoli del fascismo" in Il Risorgimento (IR), II/54, 18/7/1929 e "Colonia italiana e divacchi fascisti" in La Difesa (LD), V/214, 22/4/1928

3 - Vide "Unione Democratica Italiana di San Paolo - manifesto ai lavoratori italiani nel Brasile" in LD, III/96, 2/9/1926 e "Grupo Socialista Giacomo Matteotti" (LD, VII/340, 25/1/1931). Ainda nos anos 30, a LIDU paulistana promoverá uma série de cursos específicos para os operários, ministrados por Piccarolo, Mariani, Cilla e outros. Vide "LIDU - Il programma dei corsi di cultura" (LD, VIII/361, 27/6/1931) e "La ripresa dei corsi di cultura operaia" (L'Italia, VIII/454, 1/5/1932)

4 - Não se esqueça, a propósito, o fato do grosso do operariado paulista ser, ainda nos anos 20, majoritariamente de origem italiana, o que demonstra a amplitude do objetivo a que os jornais antifascistas se propunham.

Veja-se, a propósito, Maram, Sheldon. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 e Hall, Michael. "Italianos em São Paulo" in Anais do Museu Paulista, 29: 201-215, 1979

níveis: na relação com os organismos do movimento operário em São Paulo e com o proletariado propriamente dito.

Iniciemos pelo grupo Piccarolo, no qual identificamos pouco ou nenhum relacionamento com o operariado. De fato, à parte algumas menções a "operários" nas listagens e subscrições dos jornais, há pouquíssimos indícios de qualquer articulação deste grupo de antifascistas com organismos e associações de origem operária em São Paulo. Claro que a adesão dos operários poderia ter-se dado de forma direta, mas o fato é que simplesmente não há sinais de adesão maciça e concentrada de operários em torno dos jornais e organismos desse grupo de antifascistas.

Com o grupo de Frola, a situação, ao menos em parte, se modifica. Frola, coerentemente com sua política de associar todas as forças na luta contra o fascismo, tem um contato muito maior com os organismos operários que Piccarolo. Começam a aparecer no "La Difesa" na gestão Frola, de fato, anúncios de organismos como a União dos Trabalhadores Gráficos, União dos Canteiros e outros e surgem sinais de alguma colaboração entre esses órgãos e o La Difesa⁵. Frola procurou abrir, portanto, a base de apoio dos trabalhadores ao jornal e isso é relevante.

Essa mesma abertura é identificável no grupo Mariani entre 1930 e 1934. Como ressaltado no quinto capítulo,

5 - Ver a participação do "La Difesa" em um comício pró Sacco e Vanzetti em 1927 (Vide "Comizio per Sacco e Vanzetti" in *LQ*, IV/165, 22/5/1927)

Mariani, Cilla e os outros líderes da segunda fase da Concentrazione no Brasil percebem, motivados por acontecimentos locais e internacionais, a necessidade de ampliar os contatos com outras forças políticas e sociais no intuito de combater o fascismo. Isso se transmutou num contato muito maior com os organismos operários de São Paulo⁶. Essa mudança de rota da Concentrazione no Brasil é tão inesperada que os concentracionistas que antes, na fase Piccarolo, mal mencionavam os conflitos operários, agora se envolvem nesses conflitos a tal ponto que são acusados de neles tomar partido⁷.

Vemos, assim, como o antifascismo de Frola e o de Mariani ampliam de forma substancial os contatos com o movimento operário paulistano, o que é relevante. Ainda assim, não há sinais de adesão direta e maciça de operários de origem italiana ao antifascismo desses grupos. Aumentam, sim, as menções a "operários" nas listagens e subscrições do "La Difesa" (o que indica, a nosso ver, um maior sucesso de Frola e Mariani entre os proletários de origem italiana), mas não ao ponto de alterarmos nossa visão anterior: os antifascismos de Frola e Mariani tem menor dificuldade para

6 - Os jornais "La Difesa" e "L'Italia" (versão diária do La Difesa, surgida nos anos 30) passam, de fato, a servir de instrumentos para organismos operários como os sindicatos dos têxteis, dos gráficos e dos padeiros (vide "Unione dei Lavoratori Grafici" in L'Italia, VIII/441, 2/2/1932). Surge também uma "Coluna Operária" no L'Italia e são bem mais frequentes as notícias sobre comícios operários (Vide "Movimento Operaio", L'Italia, VIII/464, 13/1/1933)

7 - Vide "Una rettifica" (L'Italia, VIII/453, 10/3/1932), onde alguns operários acusam o jornal de apoiar a Federação Operária de São Paulo e a resposta do jornal em "Federazione Operária de São Paulo - Una Declaração necessaria" in L'Italia, VIII/464, 13/1/1933.

atingir os operários de origem italiana de São Paulo que o de Piccarolo, mas, ainda assim, não conseguiram estimulá-los suficientemente para que sua participação desse uma maior base de massa ao antifascismo.

Nessa altura, convém esclarecer um ponto. Ao colocarmos que os operários ítalo-brasileiros não parecem se interessar pelo antifascismo professado pelos socialistas italianos de São Paulo, não queremos concluir, a priori, que eles não se interessavam pela questão do fascismo ou do antifascismo em São Paulo ou que eles tenham se fascistizado e, por causa disso, recusado a mensagem do antifascismo. Ainda não temos dados empíricos suficientes para afirmar nada disso. Tudo o que podemos dizer, à luz do material pesquisado, é que os socialistas italianos de São Paulo não conseguiram entusiasmar o suficiente os operários de origem italiana para que estes tivessem uma participação mais ativa no movimento, de forma a transparecer isto nas páginas do jornal.

Posto isso, resta buscar o porquê dessa situação. No caso do grupo Piccarolo, entendemos que duas observações sobre a maneira como o "La Difesa" do período de Piccarolo (1923-1926) e o "Il Risorgimento" abordam as questões relativas aos trabalhadores podem nos esclarecer um pouco sobre o porquê dessa aparente indiferença. Em primeiro lugar, é interessante notar a sua concentração de "críticas de classe" no contexto italiano. De fato, não só as críticas em relação aos conflitos capital X trabalho no Brasil são

praticamente inexistentes (e isso em 1928/1929, anos de forte agitação social) como a situação brasileira é apresentada até como rósea frente à italiana⁸, o que reflete tanto o fato da maioria dos articulistas do jornal estarem no exterior como nos indica uma grande complacência com a burguesia paulista, sobre a qual voltaremos a fazer referência ainda nesse texto.

Já o segundo ponto digno de nota é uma observação sobre o teor do discurso que aparece nos jornais ligados a Piccarolo. Ele parece ser mais um discurso sobre os operários que efetivamente para os operários. É uma posição bastante imbricada com o pensamento e a ação que eles imaginavam dever ter - a "ação educativa" no lugar da ação sindical direta, o "pacifismo" frente ao Brasil, etc - e moderada a tal ponto que parece ter levado ao menos parte dos leitores à irritação, como demonstra a seguinte carta:

"Professor, mas para ensinar materialmente a verdade (...) o bom senso nos encaminha direto ao ponto (...) com retórica e similares tão difíceis para o ignorante nós passamos nele o conto do vigário. Não precisamos das palavras triviais, grossas e inúteis daquele jornal, mas de canhões, bombas, metralhadoras

8 - Vide a coluna "Nel fronte unico" (IR, 11/43, 1/5/1929), onde se escreve que no Brasil as greves são possíveis (dá-se o exemplo dos tipógrafos) e que se uma greve como essa ocorresse na Itália, os grevistas já estariam presos ou apanhando

e fogo para demolir o universo e reconstruí-lo perfeito e igualmente justo. Com isso, queira suspender a assinatura de "Il Risorgimento" ao meu endereço. A.V., Rua 21 de abril, Braz" 7

Entendemos, portanto, que o discurso dos antifascistas ligados a Piccarolo era dissociado da realidade brasileira e excessivamente teórico, de tal forma que não respondia aos anseios e necessidades do proletariado de origem italiana na São Paulo dos anos 20. Isso parece ter conduzido, se não a uma aversão, ao menos à indiferença da maior parte dessa população à sua propaganda.

No caso do grupo Frola, a mesma preocupação de não interferência nos assuntos brasileiros que identificamos no tocante à Piccarolo permanece: Frola também faz pouca ou nenhuma referência às lutas operárias no Brasil¹⁰ e as suas posições políticas, por mais radicais que pudessem parecer perto do socialismo ultra-reformista e do excesso de moderação de Piccarolo, não abandonavam a classificação de socialismo moderado. É nossa hipótese que essa dissociação da realidade brasileira e a defesa de um socialismo moderado

9 - Vide "Urge un'opera educativa" in *JK*, II/56, 1/8/1929. Note-se, aliás, que o italiano utilizado na carta é bastante simples e com erros (o que indica uma origem popular do remetente) e que o leitor vai contra tanto com as infinitas discussões e teorias do "Il Risorgimento" como às grosserias e xingamentos do "La Difesa" no período Frola ("aquele jornal").

10 - A única exceção ("Il fascismo invade le fabbriche di SP" in *LD*, V/202, 29/1/1928) se refere às fábricas italianas de São Paulo submetidas ao fascismo.

num ambiente pouco apto a aceitá-lo¹¹ foram fatais para o esforço do socialismo italiano de São Paulo (seja o de Frola seja o de Piccarolo) em atingir os operários.

A confirmar essa hipótese de que os sucessos e os fracassos do antifascismo em relação ao proletariado estão intimamente relacionados com sua abordagem do problema social nos anos 20 e 30 está o grupo Mariani. Como ressaltado antes, ele e seu grupo abandonam o isolacionismo de Piccarolo e abrem as portas de seus jornais a alguma divulgação das lutas operárias no período¹². Não é por acaso, pois, que seu grupo parece ter uma penetração maior entre o operariado: falando uma linguagem mais próxima e abordando os problemas mais diretamente relacionados a ele, eles conseguiram um maior avanço no seio do operariado que os grupos de Piccarolo e Frola¹³.

11 - É nossa impressão que o predomínio anterior do anarco-sindicalismo no seio do operariado ítalo-paulista deve ter gerado, entre estes, um sentimento difuso antifascista (difícil de avaliar e confirmar devido a ausência de registros) e uma resistência a associações com os socialistas ítalo-brasileiros, o que ajudaria a explicar - caso se confirme a hipótese - o seu isolamento frente aos operários.

Sobre o predomínio do anarco-sindicalismo entre o proletariado paulista no início do século XX, vide Hall, Michael. "Urban Labor" in Conniff, M (org). Modern Brazil: Elites and Masses in Historical Perspective, Lincoln, University of Nebraska Press, 1989, 161-191 e Maram, Sheldon, citado.

12 - Ainda assim, o jornal mantém seu caráter de órgão do antifascismo, criticando especialmente as condições de vida e de trabalho nas fábricas de italianos convertidos ao fascismo como Matarazzo, Crespi, Pirelli, etc. Vide "L'agitazione degli operai tessili" (L'Italia, VIII/432, 19/2/1932); "La pretese della Società fascista Pirelli" (L'Italia, VIII/439, 29/2/1932); "La protezione ai lavoratori minorenni" (LD, VIII/446, 8/3/1932), entre outros.

13 - Registre-se que o fato de Mariani ter uma penetração diferente no seio do operariado talvez reflita não só uma concepção diferente desse líder do antifascismo relativa à questão operária mas também uma diferenciação temporal: as dificuldades aqui apresentadas de Frola e Piccarolo em atingir os operários se referem aos anos 20, enquanto a ação de Mariani se dá nos anos 30, o que pode significar diferenças de contexto relevantes.

Ressalte-se, nesse ponto, que não chegamos a defender o grupo Mariani tenha conseguido uma popularidade maciça entre os operários de origem italiana. Tudo o que podemos afirmar é que a popularidade do grupo Mariani entre os operários parece ter sido um pouco maior, nada que indique, porém, uma base popular operária maciça. Isso coloca o grupo Mariani no mesmo nível dos outros grupos.

Descartada a hipótese de que o operariado fornecesse o núcleo da base popular do antifascismo, resta a questão: Quem, então, eram os leitores desses jornais? É uma pergunta difícil de ser respondida com algum grau de certeza, mas que merece mais alguma atenção de nossa parte.

O antifascismo socialista italiano e a burguesia industrial

Segundo Bruno Tobia¹⁴, nós não podemos fazer associações mecânicas do tipo "financiadores x = escolha política y", mas ele demonstra como as fontes financeiras de um movimento podem nos dizer muito sobre a penetração e eficácia política do mesmo, servindo de sólido indício da

14 - Tobia, Bruno. "Il problema del finanziamento della Concentrazione d'azione antifascista negli anni 1928-1932" in Storia Contemporanea, 9 (3): 425-465, 1978

vitalidade das relações entre esse movimento e os destinatários de sua propaganda, ou seja, aqueles que ele pretende representar.

É nesse sentido - no de conhecer o significado e os limites do antifascismo - que procuramos trabalhar com as duas informações básicas, em termos de origem dos recursos financeiros do movimento, que aparecem nos jornais antifascistas, a saber, os anúncios e as subscrições.

Avançar nas páginas de anunciantes do "La Difesa" e do "Il Risorgimento" a partir de 1928 é, realmente, uma experiência interessante, instrutiva e que pode nos ensinar muito sobre os antifascistas que estamos estudando.

A primeira característica que nos salta aos olhos quando examinamos as páginas de anúncios desses jornais é a ausência de grandes empresas, sejam elas brasileiras ou italianas. De fato, com exceção de algumas presenças esporádicas, não há grandes empresas anunciando em nenhum dos jornais antifascistas. Essa situação apenas nos reconfirma um dado já bastante visível quando trabalhamos com os materiais fascistas: o sólido e maciço apoio da poderosa elite industrial ítalo-paulista à ação do fascismo em São Paulo¹⁵ e a sua total negação do antifascismo¹⁶. Não

15 - Além de inúmeros dados nesse sentido, temos também uma confirmação de uma pessoa que viveu o período. D. Lélia Abramo, em seu depoimento a nós concedido em 17/12/1992, ressaltou, de fato, a íntima ligação da burguesia ítalo-paulista da cidade de São Paulo com o fascismo. A questão parece ser cada vez mais não como os empresários de origem italiana reagiram ao fascismo mas porquê reagiram favoravelmente.

Uma nota. D. Cezira Curty, que participou das atividades do fascio campineiro nos anos 30 e que nos concedeu uma entrevista em 18/5/1992, negou categoricamente a relação fascismo X classe social

se repetirão no "Il Risorgimento" e no "La Difesa", assim, a multiplicidade de anúncios dos grandes grupos empresariais ítalo-brasileiros que povoarão a imprensa fascista nos anos 20 e 30 e mesmo os jornais do próprio Piccarolo do período anterior. Não será entre os Matarazzos e Crespis de São Paulo que os antifascistas encontrarão o seu Torquato di Tella¹⁷....

O fato dos membros da elite ítalo-paulista apoiarem vigorosamente o fascismo levou, como seria de se esperar, a profundas manifestações, por parte dos antifascistas, contra essa elite. Tais manifestações variaram muito, porém, para cada grupo antifascista. Vejamos caso a caso.

O grupo Piccarolo perceberá desde cedo¹⁸, a ligação burguesia industrial de origem italiana/fascismo e se manifestará contra ela. Abra-se um parêntese para ressaltar, porém, que a posição anti-"graúdos" (que é como os antifascistas chamavam os industriais de origem italiana) do

específica em Campinas. Claro que isso era esperado de uma pessoa na sua condição de participante do cerimonial fascista, mas talvez seja um sinal de que a relação dos italianos com o fascismo tenha sofrido recortes diferenciados na cidade de São Paulo e nas pequenas comunidades de imigrantes italianos espalhados pelo interior do Estado.

16 - Aparentemente, a mesma situação de apoio maciço da elite econômica ao fascismo se repetirá nos Estados Unidos. Vide, a respeito, Rossi, Elena Aga e Cannistraro, Philip. "La politica etnica e il dilemma dell'antifascismo italiano negli Stati Uniti: il caso di Generoso Pope" in Storia Contemporanea, ano 17, número 2: 217-243, abril 1986

17 - A alusão faz referência a Torquato di Tella, grande empresário ítalo-argentino que teve papel fundamental no sustento da Concentrazione em Paris no final dos anos 20 e início dos 30. Sobre ele, vide Tobia, Bruno. Op. Cit. e Cochran, Thomas Child. Capitalism in Argentine culture: a study of Torquato di Tella and SIAM, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1962

18 - "Lettera aperta ad alcuni "graúdos" protettori del fascismo" in LD, III/46, 15/11/1925

antifascismo centrado em Antonio Piccarolo não se deveu a incompatibilidades ideológicas intransponíveis. Pelo contrário. Não apenas o "Il Risorgimento" evita associar de forma muito direta a burguesia italiana com o fascismo (considerando-a mais uma inocente útil nas mãos dos fascistas¹⁹) como transfere tal pensamento ao caso brasileiro. De fato, os grandes empresários italo-brasileiros de São Paulo, que ajudaram a sustentar os fascistas, são sim criticados, até por coerência de discurso (como negar ou ignorar um fato tão evidente como o apoio da elite ao fascismo?), mas essa crítica é muito leve, com os empresários sendo considerados também aqui vítimas inocentes do fascismo²⁰, atraídos por indolência e ambição²¹ e extorquidos sem dó²². A impressão que se passa é que o grupo de Piccarolo não consegue compreender o porquê dos "graúdos" não cederem seu apoio a eles, a despeito da moderação que eles já demonstraram ter, sendo seu esforço contínuo para chamá-los à ordem e à racionalidade:

19 - Vide Labriola, Arturo. "Dall'oligarchia all'fascismo" in IR, 1/23, 13/12/1928

20 - Eles seriam obrigados a aceitar os inúteis fascistas em suas empresas e ceder recursos, sob pena de prisão ou boicote. Vide "Chediamo la protezione delle leggi brasiliane contro le insidie del fascismo" in IR, Suplemento Especial, 26/9/1928.

21 - "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia" in IR, Suplemento Especial, 26/9/1928.

22 - Vide "Rubrica del Combattente" in IR, 11/47, 30/5/1929

"Queremos falar das ajudas, dos encorajamentos e subsídios que o fascista encontrou entre a classe rica da colônia italiana; queremos falar daqueles que, aos aventureiros fascistas, mesmo aos que se apresentavam em vestes de assassinos, deram os meios para que se desenvolvessem. São coisas sabidas (...). Nós sempre insistimos sobre esse ponto e dizemos claramente aos maioriais da colônia, àqueles que com seus capitais dão ao fascismo os meios para que este mantenha a sua propaganda: Prestem atenção na responsabilidade que vocês assumem" 23

O artigo "Al signor Graudo" reforça ainda mais em nós a impressão de que o grupo de Piccarolo não entende o porquê dos "graúdos" não aceitarem a mão que eles mantêm estendida. Nesse artigo, se diz que, seja na Itália, seja no Brasil, os "graúdos" estão sempre do lado dos vencedores e que essa política talvez funcione com regimes liberais. Com governos de perseguição e ódio, porém, não darão certo: assim como o Kaiser e Napoleão caíram, o fascismo, pela lei da evolução histórica, cairá. E então nós

23 - Vide "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", citado

(...) recordaremos que você foram instrumento tácito de perseguição. Recordaremos que vocês colaboraram na destruição da paz a tantos trabalhadores pobres, réus de haver um cérebro pensante. Recordaremos o seu servilismo frente quem tinha as mãos manchadas no sangue dos irmãos. Recordaremos que vocês, ricos e independentes, teriam podido frear os abusos e eliminar as injustiças e, ao invés disso, foram desses atos cúmplices. Recordaremos que vocês protegeram desertores e delinquentes. Recordaremos tudo isto e ainda mais"²⁴

Com essa recordação da culpa, as consequências seriam nefastas para todos. O jornal pede, portanto, por atenção e avisa: Ainda há tempo de arrependimento!!!

O grupo de Piccarolo, portanto, não apenas aceita a colaboração com a elite como a deseja²⁵. O fato de ele não conseguí-la é um indicativo mais que precioso do quanto o fascismo teve receptividade entre essa burguesia ítalo-brasileira e de como não bastava um movimento ser moderado e defensor do nacionalismo italiano para ser simpático a ela.

24 - Gavroche. "Il signor Graudo" in IR. 4, 59, 16/2/1928

25 - O que não é espantoso dado o excelente relacionamento que Piccarolo sempre teve com esta elite. Sobre isto, vide seu livro Gli italiani nel Brasile (Dalla scoperta ai nostri giorni), 2 vs, São Paulo, sem editora, 1922/24

A rede de relações que leva os "graúdos" a apoiarem o fascismo parece ser, assim, mais complexa do que se imagina.

No tocante ao grupo Frola, os dados disponíveis indicam uma mudança de atitude com relação aos "graúdos". Os artigos não apenas se tornam mais violentos contra eles²⁶, como também mais diretos:

"Os graúdos, para satisfazer as suas tolas ambições, arrastariam as filhas para as alcovas dos imundos gerarcas do littorio.

Os graúdos são a causa principal da decadência moral e política da colônia. Habitados aos negócios mais indignos, mediante os quais enriqueceram, eles negociaram com o Judas fascista a honra da nossa gente e a entregaram em correntes

As sociedades italianas (...) se tornam igualmente antros de camisas negras.

Culpa dos "graúdos" que com a traição obtiveram as moedas e as coroas" ²⁷

26 - "La caccia al blasone" in LD, VI/246, 3/2/1929; "Martinelli" in LD, VI/247, 10/2/1929 e "Il prossimo crollo della Banca popolare" in LD, VI/249, 24/2/1929, onde se critica violentamente os "graúdos" como usufruidores e sequazes do fascismo.

27 - "L'assalto alla Società Italiana di Beneficienza Umberto I" in LD, VI/256, 14/4/1929. Ver também Battistelli, Libero. "Ancora la Crociera" in LD, VI/270, 21/7/1929

O grupo de Frola continua a relacionar o apoio dos graúdos ao fascismo com a questão da obtenção de títulos honoríficos²⁸ e reproduz o raciocínio do "Il Risorgimento" que explicava o apoio dos "graúdos" ao fascismo pela trilogia "indolência, ambição e medo"²⁹. Ele substitui, porém, "indolência" por "interesse":

"Os graúdos são todos fascistas. Parte por interesse, parte por medo, parte por ambição.

Por interesse aqueles que tem relações com a Itália e submetem-se à extorsão para não serem prejudicados.

Por medo porque muitos tem "rabo de palha" e temem que do passado surjam os fantasmas de suas culpas".

Por ambição aqueles que, como o "Marquês do Guaraná" querem servir-se do fascismo, dos seus agentes, para subir na escala social" ³⁰

Frola tem um pensamento, assim, menos suave no tocante aos "graúdos", identificando certos interesses (E não apenas a "indolência") que os levavam a ser fascistas. É fato que

28 - Ver, por exemplo, matéria intitulada "Telefonate" in JK, II/31, 7/2/1929 e "La Caccia al Blasone", citado

29 - Ver "Le prime responsabilità. Ai maggiori della colonia", citado

30 - Ver "La provocazione fascista. Le responsabilità dei "graúdos" coloniali" (LD, VI/244, 20/1/1929) e "Colonia italiana e bivacchi fascisti", citado

ele não sai de um padrão socialista de análise (Ele não relaciona o apoio ao fascismo da burguesia ítalo-paulista com uma posição de classe, por exemplo), mas parece que ele é um pouco menos tolerante com os "graúdos" que Piccarolo. Razão extra para não merecer o apoio desses homens, que sempre demonstraram, como já dito, suas fortes ligações com o fascismo.

Já a análise da relação dos "graúdos" com o grupo Mariani apenas nos reconfirma a força do apoio "graúdo" ao fascismo. Realmente, é interessante notar como os concentracionistas alteram, na sua segunda fase no Brasil, aquele padrão de tolerância que havia sido sua característica chave no período precedente, de domínio de uma pessoa que sempre havia tido boas relações com os industriais como Piccarolo. Os "graúdos" passam, de fato, a ser atacados diretamente e, pela primeira vez dentro do antifascismo, passam a ser nomeados. Surgem daí acusações diretas sobre Matarazzo, Crespi e outros "graúdos"³¹ que são interessantes, na nossa opinião, por indicarem uma radicalização do pensamento antifascista no Brasil. Ao abandonarem o padrão anterior, os concentracionistas parecem

31 - Vide, por exemplo, "Perrepismo e fascismo" (LD, VII/342, 15/2/1931); "Tirapiedi peggiori dei ladroni" (LD, VIII/370, 5/9/1931).

Um outro artigo interessante é "I sistemi fascisti di Matarazzo e Crespi contro gli operai non dovranno prevalere in Brasile, paese libero e civile" (LD, VIII/366, 1/8/1931), onde se inicia uma crítica feroz contra Matarazzo, solidarizando-se com os têxteis em greve. O artigo é, porém, censurado, o que nos revela os estreitos limites em que os antifascistas trabalhavam quando desejavam entrar nas lutas operárias brasileiras: a censura governamental estava sempre sobre eles.

estar respondendo, de fato, a uma constatação chave: Nem com toda a moderação que eles haviam demonstrado eles haviam conseguido afastar os "graúdos" do fascismo. Sendo assim, nada mais restava a eles que radicalizar e partir para o conflito aberto. E foi o que ocorreu.

Vemos, portanto, que também não é na burguesia industrial que se deve buscar a localização da base popular do antifascismo socialista. Devemos retornar, pois, à questão que trabalhávamos inicialmente: a partir dos anúncios e subscrições, o que podemos apreender a respeito da base social do antifascismo socialista italiano de São Paulo?

As bases populares do grupo

O primeiro aspecto que nos chama a atenção é a presença maciça, dentre os anunciantes dos jornais antifascistas de representantes da pequena burguesia dos serviços de origem italiana: são escritórios de advocacia; pequenas lojas e oficinas mecânicas e elétricas, alfaiatarias, tinturarias, etc. A primeira conclusão que poderíamos tirar, portanto, é que o antifascismo tem uma sólida penetração entre a pequena burguesia do comércio de origem italiana de São Paulo.

Essa constatação esbarra, porém, num exame mais detalhado dos anunciantes. Percebeu-se, após acompanhar os jornais antifascistas por um tempo maior, que a circulação dos anunciantes nesses jornais era mínima, ou seja, são os mesmos anunciantes que se repetem, edição após edição, número após número, o que é revelador.

Claro que esse dado, por si só, pouco significaria. Ao cruzarmos, porém, a lista dos anunciantes com a dos subscritores do jornal e com a de militantes antifascistas houve uma coincidência apreciável e reveladora tanto da dedicação como dos limites desses homens.

A dedicação de indivíduos como os comerciantes Giuseppe Scarrone³², do Rio de Janeiro, Achile Robba (também da Associazione Combattenti Italiani Liberi em 1929), Giuseppe Cerrutti e Giovanni Giacobbe; dos advogados Bertho Condé (contínuo defensor dos antifascistas nos processos na justiça brasileira) e Gudulo Bornacina; dos mecânicos/artesãos Miguel Chiara e Vertua Chiodaroli, dos alfaiates Francisco Rizzaro e Primo Batistoni; dos médicos Gabriel Covelli e Francesco Finocchiaro (membro de várias associações antifascistas) e de tantos outros merece ser recordada e revivida como um tributo a homens que mantiveram

32 - Giuseppe Scarrone é um típico militante que mereceria um estudo biográfico mais sério. Emigrado a anos no Brasil, desenvolveu uma febril atividade antifascista, participando de Congressos e Associações, escrevendo - por conta própria - livretos e opúsculos antifascistas, etc. Também fez uma curiosa experiência cooperativa em sua indústria - "Fábrica Nacional de Vidros" - repartindo o lucro com seus operários e clientes. Mereceria, de fato, uma atenção maior.

Sobre ele, além de contínuas referências exparsas, "Per avere una cittadinanza" in LD, III/71, 8/5/1926

a fé naquilo em que acreditavam, ano após ano, sem esmorecer jamais frente às pressões e problemas.

Nossa admiração pela fidelidade desses antifascistas só cresce quando temos em mente as inúmeras dificuldades e pressões que eles sofriam para manter a sua militância. De fato, não apenas eles viviam sob contínua vigilância do Consulado e da Polícia, mas também eram submetidos a toda uma série de artifícios destinados a tornar a vida difícil: eram-lhes negados postos de trabalho³³ e serviços consulares³⁴, obrigando os antifascistas a lutarem muito para sobreviver³⁵. Suas empresas e micro empresas também sofriam campanhas de boicote promovidas pelo Consulado, o qual tentava negar aos antifascistas os meios de subsistência:

33 - Angelo Trento (Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil), São Paulo, Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, pgs 360 a 363) menciona como Piccarolo, Felice Oriandi e outros professores e jornalistas antifascistas foram afastados, por pressão consular, das escolas e jornais onde trabalhavam. Em "Pax...fascista" (IR, 6, 16/3/1928) também se descrevem os artifícios e manobras destinadas a fazer os antifascistas perderem seus empregos e negócios.

34 - O caso de Felice Campolonghi, irmão do presidente da "Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo" Luigi Campolonghi, a quem foi negado o passaporte para se unir ao irmão na França, mobilizou a imprensa antifascista por um bom tempo entre 1928 e 1929. Não vinha de outra fonte, aliás, a posição do antifascismo de Piccarolo de que o consulado não devia ser fascista, mas italiano, atendendo a todos os conacionais que o procurassem.

35 - Angelo Trento (Op.Cit., pg 361), mostra casos de antifascistas como o de Bixio Picciotti (arquiteto que teve que trabalhar como apontador no porto de Santos), que tiveram de aceitar trabalhos humildes para sobreviverem.

"Sempre pensei que houvesse italianos demais - ou, pelo menos, indivíduos que tem um sobrenome etimologicamente italiano - anunciando no "La Difesa". Ninguém pode impedir tal coisa, é verdade. Mas não seria patrioticamente útil chamar a atenção dos bons compatriotas para que nunca comprem nada das empresas que anunciam no "La Difesa"? Eu poderia transcrever os nomes aqui, mas o senhor não os publicaria. Convide, ao invés disso, como o senhor sabe fazer, seus numerosos assinantes a gastarem, de vez em quando, alguns tostões comprando um exemplar do "La Difesa" a fim de recortarem todos os anúncios, aprenderem-nos de cor e evitarem comprar dos anunciantes" **

Essas perseguições atingiam, às vezes, uma linguagem direta e ameaçadora. Giovanni Giacobbe, militante antifascista, recebeu, por exemplo, a seguinte carta anônima:

"Aviso

36 - Carta citada como exemplo em Il Piccolo, 28/4/1928 em Trento, Angelo. (Op.Cit., pg 362). Os antifascistas, por sua vez, lançarão um contrabalcote em relação aos produtos das empresas fascistas.

Para o seu bem e de sua família

Fique atento em relação a anunciar naquele jornal; é muito perigoso e contra os seus interesses.

amigo da casa" 07

Ser um antifascista era, portanto, um ato que trazia represálias consideráveis, o que ressaltava ainda mais a coragem e o desprendimento desses homens que anunciavam e colaboravam com os jornais antifascistas.

Ao mesmo tempo, porém, que revela homens de tenacidade e convicções admiráveis, a confluência de nossas listas revela os estreitos limites em que a propaganda antifascista girava: eram sempre os mesmos homens que anunciavam no jornal e que trabalhavam por ele. Os indícios dos limites da penetração da propaganda antifascista são, pois, evidentes.

O exame da atuação de Francesco Frola no fim dos anos 20 torna esse quadro um pouco menos negro: Frola consegue um aumento brutal do número de anunciantes e especialmente do de subscrições para o "La Difesa", parecendo conseguir extrapolar os estreitos limites em que a propaganda do jornal se debatia no período Piccarolo.

Essa situação de maior contato do jornal com as massas italianas de São Paulo é um indicativo precioso de que havia

37 - Vide "Le armi dei villi" in LD, III/69, 25/4/1926

um espaço para a atuação do antifascismo em São Paulo, espaço este que a maior atividade de Frola conseguiu, ao menos em parte, preencher. Não devemos, porém, perder o bom senso e superestimar essa situação: É verdade que o número de italianos antifascistas parece crescer bastante com Frola, mas também é verdade que as centenas ou milhares de subscritores que aparecem no "La Difesa" sobre Frola continuam representando pouco frente à massa de dois milhões de italianos ou descendentes³⁸ que viviam em São Paulo no entre guerras.

Como resultado, podemos concluir, ao menos no estágio atual das pesquisas que se desenvolvem sobre o tema, por uma penetração muito limitada do antifascismo tanto em relação aos italianos da pequena burguesia urbana quanto em relação à colônia italiana como um todo. Houve, sim, provas de muita dedicação individual e de sinais de alguma relevância em certos setores da vida colonial. Nada, porém, que justificasse um otimismo como o de Frola e Piccarolo³⁹, para quem o antifascismo era uma força viva e pujante dentro da colônia italiana.

Falamos anteriormente em "relevância em certos setores da vida colonial". Por esse termo traduza-se Maçonaria.

38 - A estimativa vem de Seitenfus, Ricardo. (O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos Blocos - O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial, Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional, 1985, parte II, capítulo 3

39 - Vide "Nel fronte unico" in IR, 7, 1/4/1928, 110-112; "Nella Pattumiera" in LD, V/199, 8/1/1928; "La propaganda in Italia (Istruzioni Pratiche)" in LD, V/203, 5/2/1928 e "La Banca Popolare contro il Brasile" in LD, VI/251, 10/3/1929, entre outros

Esta, de fato, jamais se furtou de apoiar o antifascismo , sendo conveniente examinar esse apoio com um pouco mais de atenção.

A Maçonaria

As relações dos líderes antifascistas com a Maçonaria eram antigas. Piccarolo era um notório maçom desde seus tempos na Itália, tendo liderado os elementos maçônicos italianos de São Paulo, em meados dos anos 10, na formação de um Grande Oriente autônomo , sendo também presença contínua nas atividades e trabalhos desenvolvidos pelas lojas maçônicas de São Paulo no início do século⁴⁰.

Frola também tinha uma boa relação com a Maçonaria. Esta relação parece ser menos intensa que a de Piccarolo , mas ainda assim era - apesar das objeções de Piccarolo⁴¹ -

40 - Algumas das informações a seguir foram extraídas de Trento, Ângelo. (Op.Cit., pg 365/366)

Para obras de Piccarolo defendendo a Maçonaria, vide Livio Zambecari - Apóstolo da liberdade na América e na Europa, São Paulo, Tipografia Rossolillo, 1935 e La massoneria e l'indipendenza Brasileira, São Paulo, 1922

41 - Piccarolo (O fenômeno Frola, São Paulo, sem editor, 1934, pg 73 e seguintes) acusa Frola de não ser um verdadeiro maçom de fato, mas apenas de se passar por tal para usufruir dos recursos da organização.

sólida e duradoura⁴². Apenas Mariani, entre os principais líderes do antifascismo, parece ter uma ligação menos forte com a Maçonaria.

De qualquer forma, é interessante acompanhar a trajetória das lojas maçônicas de São Paulo no tocante ao fascismo e ao antifascismo. Com o advento do fascismo na Itália e com o início da sua campanha anti-maçônica, as lojas maçônicas pertencentes aos italianos de São Paulo primeiro eliminaram os fascistas em seu seio, passando depois a apoiar decisivamente o antifascismo de Piccarolo: foi com subscrições das lojas "Andrea Costa" e "Guglielmo Oberdan" que o "La Difesa" se sustentou entre 1923 e 1925; o "Il Risorgimento" foi mantido principalmente com fundos da loja "Aquila Romana"; a maioria das subscrições aos jornais se origina, ano após ano, das lojas maçônicas; eram os maçons que financiavam as viagens de Frola⁴³, etc.

Essa situação de apoio maçom também é evidente em aspectos além finanças: as reuniões do "Partito Repubblicano Italiano" e da "Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo" aconteciam sempre no templo maçônico da Rua José Bonifácio, onde também estava localizada a redação do "Il Risorgimento"; eram feitas cerimônias conjuntas dos órgãos

42 - Vide seu romance La strage di Firenze (São Paulo, Casa Editrice Libertà, 1926, reedição de uma edição italiana mais antiga), onde Frola condena a violenta campanha do fascismo contra os maçons.

43 - Vide, por exemplo, "Frola recebido pela Maçonaria Brasileira" in LD, III/126, 23/12/1926; "Vargem Grande accoglie trionfalmente l'on. Frola" in LD, V/220, 3/6/1928 e "L'on. Francesco Frola applauditissimo a Jahú ed a Bariry" in LD, V/236, 23/9/1928

antifascistas com as lojas maçônicas⁴⁴, era nas lojas da Maçonaria que Froila discursava quando de suas viagens pelo interior⁴⁵, etc. O relacionamento desse grupo de antifascistas com a Maçonaria é, pois, mais que evidente⁴⁶.

Note-se, aliás, que a imprensa fascista vai se aproveitar desse inegável apoio maçom⁴⁷ aos antifascistas para apresentar o antifascismo como uma maquiavélica conspiração organizada e dirigida pela seita secreta e perigosa que era a Maçonaria⁴⁸. Os antifascistas novamente terão que responder a isso, ressaltando os excelentes

44 -- Vide, por exemplo, os artigos "LIDU" in IR, 11, 1/6/1928 e "Commemorazione Massonica dell'On. Giovanni Amendola" in LI, III/69, 25/4/1926

45 -- Vide, por exemplo, "Dai nostri corrispondenti" in LI, III/122, 9/12/1926; "Le giornate di Rio dell'on. Froila" in LI, III/127, 30/12/1926 e "La nostra propaganda nell'interno - Una magnifica giornata antifascista a Piracicaba" in LI, IV/164, 19/5/1927

46 -- É interessante notar como os indícios de apoio maçônico direto aos jornais antifascistas flutuam conforme o líder que está no comando. No La Difesa, isso é muito claro. Quando da gestão de Froila e Piccarolo, o apoio maçônico é aberto e claro. Na gestão Mariani (que consta não ser maçom), porém, os sinais desse apoio desaparecem, o que é relevante por indicar as dificuldades do antifascismo em formar uma sólida base de apoio em São Paulo.

47 -- Esse apoio, aliás, não é restrito ao caso brasileiro. Franco Andreucci (Il Movimento Operario Italiano - Dizionario Biografico 1853-1943, Roma, Riuniti, 1975) vai nos revelar a substancial presença maçônica no seio da Concentrazione enquanto Maria de Luján Leiva ("Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945" in Bezza, B. Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli, 1983, 549-582) nos indica como, também na Argentina, grande parte dos expoentes de vários partidos e associações antifascistas eram maçons.

48 -- Vide o discurso do cônsul Mazzolini durante a comemoração a fundação do fascio, realizada no teatro dos salesianos de SP em março de 1928, citado in "Nel fronte unico" (IR, 7, 1/4/1928) e, para uma crítica de caráter mais amplo, as insinuações fascistas de que todo o dinheiro da Concentrazione proveria de fontes maçônicas, procurando descaracterizar o seu esforço para atrair recursos e apresentá-los como agentes a serviço de forças secretas anti-italianas. Vide, a respeito, Tobia, Bruno. Op. Cit., pg 425 e seguintes)

serviços prestados pela Maçonaria à Itália⁴⁹ e deixando claro, para todos e especialmente para aqueles maçons que aderiram ao fascismo, a incompatibilidade entre a "horda fascista" e a Maçonaria⁵⁰.

Essa presença apreciável de maçons na luta antifascista em São Paulo não deve, porém, ser superavaliada. Pela sua baixa consistência numérica e pelo seu próprio caráter de associação secreta, a Maçonaria nunca poderia ter fornecido o apoio de massa que o antifascismo necessitava para decolar. Eles forneceram uma base intelectual e material que, a nosso ver, foi de importância fundamental na manutenção de um pensamento e de uma ação antifascista na São Paulo dos anos 20 e 30. Isso não nos autoriza, no entanto, a superestimar essa participação. Mesmo com o apoio maçônico, o antifascismo continuará, ao que tudo indica, com uma base popular restrita e politicamente frágil e isso deve ser destacado.

Ligações dos antifascistas com os políticos brasileiros

49 - Vide, por exemplo, "La nostra italianità e quella di certi signori" in *LR*, 15/16, 1 e 16/8/1928

50 - Vide "Massoneria e fascismo" in *LR*, 11/53, 11/7/1929

As primeiras questões a serem respondidas nesse sub-item são simples e óbvias: Havia ligação dos antifascistas socialistas italianos com políticos brasileiros? Em caso afirmativo, que políticos eram estes e o que essa colaboração significou para o movimento?

A primeira questão é de fácil resposta: Havia, apesar de todo o cuidado dos antifascistas em se mostrarem neutros frente à política nacional, alguns contatos com políticos brasileiros. Apesar disso, não se localizam contatos diretos com partidos políticos locais (à parte algum contato com o "Partido Democrático" de São Paulo⁵¹), mas sim com homens: Evaristo de Moraes, Nicanor do Nascimento, Azevedo Lima, Agripino Nazareth e outros que sempre aparecerão como convidados nas cerimônias dos antifascistas ligados tanto a Frola como a Piccarolo⁵².

51 - Vide a presença de representantes do "Partido Democrático" num funeral antifascista em 1927 ("Funebri" in LD, IV/146, 13/3/1927) e o contínuo relacionamento de um importante antifascista - Bertho Condè - com o Partido Democrático. (Ver Condè, Bertho. Sugestões ao Primeiro Congresso do Partido Democrático em São Paulo, São Paulo, sem editora, 1926).

Note-se, aliás, que não é de se estranhar a existência de algum tipo de relacionamento entre o Partido Democrático e o socialismo italiano de São Paulo: O Partido Democrático defende, em essência, um reformismo social que se aproximava bastante dos ideais reformistas da maioria desses antifascistas.

Sobre o Partido Democrático, vide Chacon, Vamireh. História dos Partidos Políticos, Coleção Temas Brasileiros, vol. 5, Brasília, Editora da UnB, 1981, 101-132 e Prado, Maria Lígia Coelho. A Democracia Ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934), São Paulo, Atica, 1986.

52 - Vide, por exemplo, "Dai nostri corrispondenti" in LD, III/122, 9/12/1926; "Le giornate di Rio dell'Un. Frola" in LD, III/127, 30/12/1926; "La commemorazione del Terzo Anniversario dell'assassinio di Matteotti" in LD, IV/168, 5/6/1927, entre outros.

O apoio desses homens ao antifascismo socialista italiano de São Paulo (o qual parece ter sido mediado, em grande parte, pelas lojas maçônicas⁵³) apresenta variações no decorrer do tempo (1926, por exemplo, é um ano de intensa colaboração entre Froila e Evaristo de Moraes, enquanto em outros anos essa colaboração é menor) mas é inegável⁵⁴. Esta é, de fato, a única ponte⁵⁵ que os socialistas italianos de São Paulo conseguiram fazer na sua luta contra o fascismo (ao menos no período que estamos estudando⁵⁶) e é de interesse, portanto, que estudemos melhor estes personagens, com ênfase no mais relevante deles, Evaristo de Moraes⁵⁷.

Evaristo de Moraes, advogado e maçom, nasceu em 1871 e labutou nas causas abolicionista e republicana na

53 - A mesma situação transpõe-se na Argentina, onde Ronald Newton ("Patria? Cuál Patria? Italo-argentinos y germano argentinos en la era de la renovación nacional fascista, 1922-1945" in Estudios Migratorios Latinoamericanos, 7, 22: 401-424, setembro/1992) demonstra como eram as redes de lojas maçônicas que permitiram aos fuorusciti entrarem em contato com seus pares argentinos.

54 - Ainda no final da década de 1930, por exemplo, estas relações, ao menos no plano intelectual, permanecem: Evaristo de Moraes vai prefaciar os livros A economia espontânea do povo: a cooperação livre e O trabalho e o salário de Froila e Piccarolo vai prefaciar o livro Os judeus de Evaristo de Moraes.

55 - Note-se que tanto o grupo de Piccarolo como o de Froila procuram manter aberta essa ponte com os socialistas reformistas brasileiros. No período Mariani, porém, os sinais de contato desaparecem, o que pode indicar uma percepção diferente no tocante à formação de alianças com forças políticas locais, da parte de Mariani e Cilla.

56 - Conforme o já observado antes nesse texto, Froila tinha maior livre trânsito entre as esquerdas e parece ir se aproximando mais e mais da extrema esquerda no decorrer dos anos 30, o que lhe possibilita ampliar os contatos com forças brasileiras semelhantes.

57 - As informações biográficas sobre Evaristo de Moraes foram extraídas de Moraes, Evaristo de Filho. "Introdução" in Moraes, Evaristo. Reminiscências de um rábula criminalista, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Brighiet, 1989, 7-48.

adolescência. Militou nos frágeis partidos operários e socialistas do fim do século XIX e início do XX, os quais esperavam obter conquistas através da ação política do proletariado e o sufrágio universal e denunciou a exploração e as condições de vida e de trabalho dos operários, pregando a legislação social, direitos trabalhistas e a criação de cooperativas de consumo para resolver a questão social.

No início do século XX, continuou a acumular sucessos na carreira de advogado e a agitar nos meios socialistas reformistas do Rio de Janeiro, defendendo a legislação social para o trabalhador e a mudança social pela propaganda e pelo sufrágio universal. Com tal plataforma, se candidatou a deputado em 1918, pelo Partido Socialista.

Em 1920 funda, ao lado de outros socialistas reformistas como Nicanor do Nascimento, Maurício de Lacerda e Agripino Nazareth, a sessão brasileira do grupo Clartè⁵⁸, criando um grupo fortemente reformista e estatizante. Em 1925, funda um novo Partido Socialista; em 1928 ajuda a criar o "Partido Democrático" e em 1929 entra na Aliança Liberal contra Washington Luís.

Nos anos 30, finalmente, Evaristo de Moraes e seus colegas do Clartè e da luta antifascista encontrarão um meio de implementar suas idéias: o novo governo varguista, preocupado com questão social. Eles se tornarão membros

58 - As informações a seguir foram retiradas de Hall, Michael e Pinheiro, Paulo Sérgio. "O grupo Clartè no Brasil: da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho" in Prado, Arnoni. Libertários no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1986, 251-287.

proeminentes do Ministério do Trabalho (Evaristo de Moraes, por exemplo, ficou no Ministério de 1930 a 1932 e foi responsável por parte da legislação trabalhista. Só rompeu com Vargas por sua tendência autoritária) e assim ficarão por anos.

Essa aliança, segundo Hall e Pinheiro, não é de surpreender: o regime tinha poucos laços com os trabalhadores urbanos e pouca experiência na legislação trabalhista que se pretendia impor. Já os "ex-clartistas" a muito procuravam um regime que oferecesse uma administração "científica" do problema social e reformismo. A aliança foi, pois, natural.

Os antifascistas brasileiros a quem os antifascistas italianos davam tanto crédito e atenção acabaram, portanto, como funcionários de um regime com claros componentes fascistas em sua constituição como o de Vargas. Uma ironia da história, que revela a singularidade da luta antifascista italiana no Brasil.

A colaboração entre esses socialistas reformistas brasileiros e os antifascistas socialistas italianos não surpreende, dado que suas concepções de luta e de transformação social eram semelhantes. Resta, porém, descobrirmos se esta colaboração rendeu ao antifascismo italiano de São Paulo algo mais sólido que simples palavras. Em resumo: a colaboração com estes socialistas reformistas trouxe ao antifascismo o apoio político de que ele tanto necessitava?

A resposta é não. O apoio dos socialistas reformistas brasileiros rendeu poucos dividendos aos antifascistas italianos e isso por uma razão muito simples: sua própria base de apoio era frágil em excesso para que eles pudessem oferecer ajuda a alguém.

Segundo Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro⁵⁹, houve diversos fatores que inviabilizaram o surgimento de verdadeiros partidos reformistas no Brasil da República Velha: a intransigência da burguesia, a repressão, o clima asfixiante da República Velha, etc. Tais fatores serviram para impedir o surgimento de um partido socialista capaz de aglutinar os socialistas reformistas brasileiros. Eles tentaram, é verdade, formar esse partido por todos os anos 20 e seu fracasso demonstra, mais que tudo, a inviabilidade do reformismo no Brasil da Primeira República.

A fragilidade dos socialistas reformistas no Brasil dos anos 20 está, pois, mais que clara. Sendo tão frágeis politicamente, não é difícil entender como seu apoio ao antifascismo pouco significou. Não se repetirá no Brasil a bem sucedida incursão antifascista ao mundo oficial como ocorreu, por exemplo, na Argentina (aprovando leis contra o fascismo no Parlamento) via o apoio das estruturas políticas locais⁶⁰. O antifascismo socialista italiano do Brasil verá mais uma vez negado, portanto, seu sonho de atingir o

59 - Vide nota 54

60 - vide Leiva, Maria de Luján. Op. Cit.

governo brasileiro, com todas as implicações daí decorrentes.

Conclusão

O antifascismo socialista italiano representou um movimento singular na história da luta contra o fascismo na São Paulo dos anos 20 e 30. Ele pretendia uma análise própria do fascismo, mas reproduziu - adaptando-as e reelaborando-as - as tensões e definições do problema oriundas da Europa, local onde estavam suas fontes centrais de preocupações e ansiedades.

Sua batalha contra o fascismo se dava, porém, na terra paulista e eles tiveram de modificar suas teorias e preceitos com vistas a se adaptar ao novo contexto. É nesse sentido que suas inúmeras táticas e estratégias de luta devem ser vistas: como estratégias especificadamente dirigidas ao contexto brasileiro, mas com um relacionamento tão íntimo com uma rede maior de pensamento e ação (rede esta que cobre o mundo ocidental como um todo no período) que é impossível desconhecer.

Também é impossível negar as dificuldades que o antifascismo teve em atingir seus objetivos. detentores de uma visão socialista de mundo num ambiente político pouco apto a aceitá-los, isolados e perseguidos pelo governo brasileiro e incapazes de deter a febril propaganda fascista, eles viram negado o seu sonho de criar uma mentalidade decididamente antifascista no governo brasileiro e na coletividade italiana. Eles conseguiram, porém, quebrar o consenso absoluto pró-fascismo que os fascistas pretendiam implantar em São Paulo e isso é relevante: Os antifascistas mostraram, com sua existência, que a equação "italiano = fascista" não era verdadeira, colaborando, assim, para uma melhor adaptação da colônia italiana aos ventos da guerra que se seguiriam. Eles podem, enfim, não ter cumprido totalmente seus objetivos, mas a eles cabe o mérito de haver tentado.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

1 - Livros de época

1.1 - Livros dos líderes antifascistas

Condè, Bertho. Novos Rumos. Sugestões ao Primeiro Congresso do Partido Democrático em SP, São Paulo, sem editora, 1926

-----. Propugnando um governo isento de personalismo, Rio de Janeiro, Editorial Alba, 1933

Frola, Francesco. Acción Obrera, México, Talleres Graficos de la Nación, 1940

-----. A cooperação livre: a economia espontânea do povo, Rio de Janeiro, Athena, 1937

-----. De Parigi a São Paulo (Storia Documentata d' un fiasco Fascista), São Paulo, 1927

----- . Sangue e Petróleo, Rio de Janeiro, Livraria Prado, 1954

----- . La strage di Firenze, São Paulo, Libertà, 1925

----- . O Trabalho e o salário, Rio de Janeiro, A. Coelho B. Filho, 1937

----- . I tre furfanti (Piccarolo, Mariani e Cilla), São Paulo, sem data

----- . Il Trionfo della Folla, Milano, Vampa, 1914

Mariani, Mário. L'equilibrio degli egoismi, Milano, L'idea, 1924

Piccarolo, Antonio. Cristianesimo, Cattolicismo e democrazia, São Paulo, Il Risorgimento, 1929

----- . Il fenomeno Frola, São Paulo, 1934

----- . A guerra e a paz na História, São Paulo, Athena editora, 1940

----- . Gli italiani nel Brasile (Dalla Scoperta ai nostri giorni), 2 vs, São Paulo, s/e, 1922 e 1924

----- . "História das Doutrinas Políticas" in Revista do Arquivo Municipal, LXXI, Departamento de cultura, 1942, cap. 22

----- . Inicição à Economia social, São Paulo, Livraria Editora Record, 1936

----- . Livio Zambecari: apostolo da liberdade na América e na Itália, São Paulo, Ed. Rossolillo, 1934

----- . La Massoneria e l'indipendenza brasiliana, São Paulo, Ed. Rivista Coloniale, 1922

----- . "Prefácio" in Nitti, Francesco Savério. Problemas Contemporâneos, São Paulo, Livraria José Olympio, 1933

----- . "Um engenheiro italiano na descoberta das minas brasileiras" in Revista Nova, São Paulo, s/e, 1931

----- . Um pioneiro das relações italo brasileiras: Bruno Belli, São Paulo, Athena Editora, 1946

----- Valor histórico e moral de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, São Paulo, Imprensa Oficial, 1944

Salvemini, Gaetano. La dittadura fascista in Italia, New York, Nuevo Mondo, 1929

----- Le origini del fascismo in Italia. Lezioni di Harvard, 3ª Ed., Milano, Feltrinelli, 1975

----- e La Piana, George. ¿Qui hacer con Italia?, México, Fondo di Cultura Economica, 1943

1.2 - Livros e material fascista

Direzione Generale degli Italiani all'estero. Storia e Geografia per la V Classe Elementare, Roma, MIE, 1937

Mazzolini, Serafino. Parole di Fede, São Paulo, A. Tisi, 1929

1.3 - Livros diversos

Alarcon, Elvaldo de. E o sangue brasileiro correrá..., Porto Alegre, Du Barry, 1942

Gattai, Zélia. Anarquistas, graças a Deus, São Paulo, Record, sem data

Pereira, Astrojildo. "Italia" in URSS. Itália e Brasile, São Paulo, Novos Rumos, 1985, (Primeira edição 1934)

2 - Periódicos

2.1 - Periódicos antifascistas

Bolletino del Grupo Socialista Giacomo Matteotti (São Paulo/Capital - 1931). Editor: Francesco Frola.

Il combattente (São Paulo/Capital - 1928).

Cultura (São Paulo/Capital - 1934). Editor: Antonio Piccarolo.

La Difesa (São Paulo/Capital - 1923 a 1934).

L'Italia (São Paulo/Capital - 1931 a 1932) Editor: Mario Mariani. Continuação, como diário, do "La Difesa"

Il Risorgimento - Rivista brasiliana di Sociologia, Politica, Scienze ed Arti. (São Paulo/Capital - 1928). Editor: Antonio Piccarolo.

Il Risorgimento (São Paulo/Capital - 1928 a 1930). Editor: A. Piccarolo

La Rivista Coloniale (Rassegna di Economia, Finanza, Industria, Agricoltura, Commercio, Lettere ed Arti della colonia Italiana de São Paulo (São Paulo/Capital - 1912 a 1924). Editor: Antonio Piccarolo.

Socialismo - Revista de Politica, Economia, Legislação Social, Cooperativismo, Organização Operária, Doutrina livre pensamento e Antifascismo. (São Paulo/Capital - 1933 a 1934) Editor: Francesco Frola.

2.2 - Periódicos com artigos dos antifascistas

Folha da Manhã (São Paulo/Capital - 1926 a 1928).

A Platea (São Paulo/Capital - 1931 a 1932).

3 - Arquivo Antonio Piccarolo/Istituto Italiano di Cultura - São Paulo

4 - Fontes orais

entrevista com Cezira Curty, Campinas, 18/5/1992

entrevista com Lélia Abramo, São Paulo, 17/12/1992

BIBLIOGRAFIA

Abramo, Fúlvio. "Entrevista" in Folhetim - Folha de São Paulo, 7/10/1984

Albonico, A. "Immagine e destino delle comunità italiane in America Latina attraverso la stampa fascista degli anni 30" in Studi Emigrazione, XIX, 65:41-52, 1982

Alvim, Zuleika. Brava Gente - Os italianos em São Paulo 1870-1920, São Paulo, Brasiliense, 1986

Andreucci, Franco (org). Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico 1853-1943, Roma, Riuniti, 1975, 6 v

Arbeloa, V.M. Socialismo y anticlericalismo, Madrid, Taurus, 1973

Arfè, Gaetano. Storia del socialismo italiano, Turim, Einaudi, 1977

Argentieri, M. Fascismo e antifascismo negli anni della repubblica, nº 7 da revista Problemi del Socialismo, 1986

Azevedo, Célia Maria Marinho de. Onda Negra, medo branco. O negro no imaginário das elites, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

Baily, Samuel. "The role of two newspapers in the assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo" in International Migration Review, 12 (3): 321-340, 1978

Bayer, Osvaldo. "L'influenza dell'immigrazione italiana nel movimento anarchico argentino" in Bezza, B (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 531-548

----- Severino di Giovanni - El idealista de la violencia, 2ª edição, Buenos Aires, Legasa, 1988

Bertonha, João Fábio. "Integralismo: um movimento fascista? Uma perspectiva simbólica" in Boletim do Centro de memória da UNICAMP, no prelo

----- "A máquina simbólica do Integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30" in História e Perspectivas, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992

Blinkhorn, Martin. Mussolini e a Itália fascista, Lisboa, Gradiva, 1984

Bray, Paul. "Francesco Fantin: internment and antifascism in Australia" in Studi Emigrazione, XXVI, 94: 221-246, 1989

Cannistraro, Philip. "Fascism and Italians americans" in Felice, Renzo (org). Cenni storici sull'emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia, Milano, Franco Angeli Editore, 1979, 125-141

----- "Fascism and Italian Americans in Detroit" in International Migration Review, 9: 29-40, inv. 1975

----- "La politica etnica e il dilemma dell'antifascismo italiano negli Stati Uniti: il caso di Generoso Pope" in Storia Contemporanea, XVII, 2: 217-243, abril 1986

----- e Rosoli, Gianfausto. "Fascist Emigration Policy in the 1920s: an interpretive framework" in International Migration Review, XIII, 4: 673-692, inverno 1979

Carelli, Mário. Carcamanos e Comendadores - Os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930), São Paulo, Ática, 1986

Carocci, Giampiero. "L'Antifascismo" in Storia d'Italia dall'Unità ad oggi, 7ª ed., Milano, Feltrinelli, 1986, 301-311

----- La politica estera dell'Italia fascista 1925-1928, Bari, Laterza, 1969

Carone, Edgar. Brasil - Anos de crise - 1930-1945, São Paulo, Ática, 1991

Castaldi, Carlo. "O Ajustamento do imigrante à comunidade paulistana: estudo de um grupo de imigrantes italianos e seus descendentes" in Hutchinson, B. Mobilidade e Trabalho: um estudo da cidade de São Paulo, RJ, CEBRAPE, 1960

Castoriadis, Cornelio. A Instituição Imaginária da Sociedade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Cenni, Franco. Italianos no Brasil, São Paulo, EDUSP, 1978

Cervo, Amado Luís. As relações históricas entre o Brasil e a Itália - O papel da diplomacia, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992

Chacon, Vamireh. História dos Partidos Políticos, Coleção Temas Brasileiros 5, Brasília, editora da da UnB, 1981

Childs, Harwood. Relações Públicas, Propaganda e Opinião Pública, Rio de Janeiro, FGV/USAID, 1964

Cochran, Thomas Child. Capitalism in Argentine culture: a study of Torcuato di Tella and SIAM, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1962

Colarizi, Simona. "Il Partito Socialista Italiano in esilio (1926-1933) in Storia Contemporanea, I:47-91, março 1974

Cole, G.D.H. Socialismo y fascismo 1931-1939, Coleção Historia del Pensamiento Economico 7, México, Fondo di Cultura Economica, 1963

Corsetti, Berenice. "A reação do Estado Novo aos movimentos políticos da zona de colonização do RS" in História: ensino e pesquisa, 2(86) 3: 33-54, 1986

Cresciani, Gianfranco. "Italian anti fascism in Australia 1922-1945" in Felice, Renzo de (org). Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in australia, Milano, Franco angeli Editore, 1979

-----, "Italian Fascism in Australia" in Studi Emigrazione, XXV, 90: 237-246, 1982

Dagnino, Evelina. State and Ideology nationalism in Brazil 1930-1945, tese de doutorado, Stanford University, 1985

Delzell, Charles. "The italian Anti-Fascist Resistance in Retrospect: Three Decades of Historiography" in The Journal of Modern History, 47, 1: 66-96, março 1975

-----, "Italian antifascist strategies in the decade after Matteotti's Assassination" in Italian Quarterly, 23 (88):47-59, 1982

Droz, Jacques. Histoire de l'antifascisme en Europe 1923-1939, Paris, Editions La Decouverte, 1985

Fabiano, Domenico. "I fasci italiani all'estero" in Bezza, B (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 221-236

-----, "La Lega italiana per la tutela degli interesse nazionali e le origini dei fasci italiani all'estero (1920-1923)" in Storia Contemporanea, 16 (2): 249, 1985

Fanesi, Pietro. "El antifascismo italiano en Argentina" in Estudios Migratórios latinoamericanos, 4 (12): 319-352, 1989

Fascismo e antifascismo (1918-1948). Lezioni e testimonianze, 5ª edição, Milano, Feltrinelli, 1976

Fausto, Bóris. Historiografia da Imigração para São Paulo, São Paulo, Ed. Sumaré, 1991

Fedele, Santi. "Appunti per uno studio sul PRI negli anni della concentrazione Antifascista" in Storia Contemporanea, 6 (1): 59-84, 1975

Felice, Renzo de. Entrevista sobre o fascismo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988

-----, Explicar o fascismo, Lisboa, ed. 70, 1976

-----, Sindacalismo rivoluzionario e fiumanesimo nel carteggio De Ambris - D'Annunzio (1919-1922), Brescia, Morcelliana, 1966

Franzina, Emilio. La grande emigrazione. L'esodo dei rurali del Veneto durante il secolo XIX, Padova, Marsilio, 1976

Gentile, Emilio. "L'emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nazionalismo e del fascismo 1900-1930" in Storia Contemporanea, XVII, 3: 355-396, 1986

----- e Felice, Renzo de. A Itália de Mussolini e a origem do fascismo, São Paulo, ícone, 1988

Gertz, Renée. O fascismo no Sul do Brasil - Germanismo, Nazismo, Integralismo, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987

Giron, Loraine Slomp. "O fascismo na região colonial italiana no RS" in História: ensino e pesquisa 2 (86): 55-64, 1986

----- Nas sombras do Littorio - O Fascismo na região colonial italiana na Rio Grande do Sul, tese de doutorado, São Paulo, PUC, 1989

Grazia, Victoria de. "La taylorisation des loisirs ouvriers: les institutions sociales de l'industrie dans l'Italie fasciste" in Recherches - Le soldat du travail, 32-33: 209-248, setembro/1978

Gregor, James. Italian Fascism and developmental dictatorship, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1979

Guichonet, Paul. "O Socialismo Italiano" in Droz, Jacques. História Geral do Socialismo, Lisboa, Livros Horizonte, 1977, 202-230

Hajek, Milos. "Il fascismo nell'analisi dell'Internazionale operaia e Socialista" in Collotti, Enzo. L'Internazionale operaia e Socialista, número especial da revista Annali, Milano, Feltrinelli, 1983

Hall, Michael. "Immigration and the early São Paulo working class" in Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas, (12): 393-407, 1975

----- "Italianos em São Paulo" in Anais do Museu Paulista, 29: 201-215, 1979

----- "Trabalhadores imigrantes" in Trabalhadores, 3: 2-16, 1989

----- & Alier, V. Martinez. "Greves de Colonos na Primeira República" in II Seminário de Relações de Trabalho e Movimentos Sociais, (mimeo), SP, CEDEC

----- e Garcia, Marco Aurelio. "Urban Labor" in Conniff, M e McCann (orgs). Modern Brazil: Elites and Masses in Historical Perspective, Lincoln, University of Nebraska Press, 1989, 161-191

----- M. e Pinheiro, Paulo Sérgio. A Classe Operária no Brasil. Documentos (1889-1930), V. 1, São Paulo, Alfa Ômega, 1979

----- e Pinheiro, Paulo Sérgio. "O Grupo Clartè no Brasil: Da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho" in Prado, Arnoni. Libertários no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1986, 251-287

----- e Stolcke, Verena. "A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo" in Revista Brasileira de História, 6: 80-120, 1984

Hecker, Alexandre. Um Socialismo Possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1989

Inghino, John. Edmondo Rossoni: from revolutionary syndicalism to fascism, New York, P. Lang, 1991

Kennedy, Paul. Ascensão e queda das Grandes Potências - Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000, Rio de Janeiro, Campus, 1989

Khoury, Lara. As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária, São Paulo, Cortez e autores Associados, 1981

Killinger, Charles. "Gaetano Salvemini e le autorità americane. Documenti inediti del FBI" in Storia Contemporanea, XII, 3:403-439, 1981

Klein, Herbert. "A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos" in Novos Estudos CEBRAP, 25: 95-118, outubro 1989

Laqueur, Walter. Fascism: a reader's guide, Berkeley and Los angeles, UCLA Press, 1978

Leiva, Maria de Luján. "Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945" in Bezza, B. (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 549-570

Lenharo, Alcir. Sacralização da Política, Campinas, Papirus/UNICAMP, 1986

Liberati, Luigi Bruti. "La comunità italo-canadese tra le due grande guerre" in Bezza, B (org). Gli italiani fuori d'Italia, Milano, Franco Angeli Editore, 1983, 397-418

Maffei, Eduardo. A Batalha da Praça da Sé, Rio de Janeiro, Philobiblion, 1984

-----, "Gigi Damiani e outros" in Temas de Ciências Humanas (5): 93-124, 1979

Mancini, Mario. "L'Internazionale Operaia e Socialista e la questione del fronte unico negli anni trenta" in Colloti, Enzo. L'Internazionale operaia e Socialista, número especial da revista Annali, Milano, Feltrinelli, 1983

Maram, Sheldon. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

Martins, José de Souza. Conde Matarazzo. O empresário e a empresa, São Paulo, Hucitec, 1973

-----, "Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914: o caso de São Paulo in Dados 24 (2): 237-264, 1981

Nichel, Henri. Os Fascismos, Lisboa, Dom Quixote, 1977

Moraes, Evaristo de. Reminiscências de um rãbula criminalista, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Brighiet, 1989

Natoli, Claudio. "L'internazionale operaia e socialista tra le due guerre" in Storia Contemporanea, XVIII, 1: 145-169, fevereiro 1987

Newton, Ronald. "Patria? Cuál Patria? Italo-argentinos y germano argentinos en la era de la renovación nacional fascista, 1922-1945" in Estudios Migratorios Latinoamericanos, VII, 22: 401-424, dezembro/ 1992

Paris, Robert. As origens do fascismo, São Paulo, Perspectiva, 1976

Pereira, Luís Carlos Bresser. "Origens étnicas do empresariado paulista" in Revista de Administração de Empresas, (4): 83-106, 1964

Petrone, Maria Teresa Schorer. O Imigrante e a pequena propriedade, São Paulo, Brasiliense, 1984

Prado, Maria Lígia. A Democracia Ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934), São Paulo, Atica, 1986

Rama, Carlos. la ideologia fascista, Madrid, Jucas, 1979

Rapone, Leonardo. "Il PSI tra Pietro Nenni e Angelo Tasca" in Colloti, Enzo. L'Internazionale operaia e Socialista, número especial da revista Annali, Milano, Feltrinelli, 1983

Ribeiro, Maria Teresinha. Desejado e Temido - Preconceito contra o imigrante italiano em São Paulo na Primeira República, tese de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985

Rios, José Arthur. Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil, São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de SP, 1959

Roberts, David. The syndicalist tradition and Italian fascism, University of North Carolina Press, 1979

Rosoli, Gianfausto. "Santa Sede e propaganda fascista tra i figli degli emigrati" in Storia Contemporanea, 17 (2): 294, 1986

Rumi, ? . Alle Origini della politica estera fascista, Bari, Laterza, 1969

Santarelli, Enzo. Fascismo e Neofascismo, Roma, Riuniti, 1974

Scarano, Julia Maria Leonor. "Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto italiana e os efeitos do 2º Conflito Mundial". Comunicação apresentada em 6/9/67 in Colonização e Migração. Anais do IV Simpósio Nacional dos Profs. universitários de História, Coleção da Revista Brasileira de História 31, São Paulo, 1969

Seitenfuss, Ricardo. O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942 (O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial), São Paulo, Cia Editora Nacional, 1985

----- . "Ideology and Diplomacy: Italian Fascism and Brazil (1935-1938)" in Hispanic American Historical Review 64/3 (1984), 503-534

Sereni, Umberto. Alceste de Ambris - Lettere dall'esilio, Parma, 1989

Spinosa, Antônio. D'Annunzio. Il Poeta Armato, Milano, Mondadori, 1987

Spriano, Paolo. Storia del Partito Comunista Italiano, 5 vols, Turim, 1967-75

Tobia, Bruno. "Pietro Nenni e la politica dell'Internazionale operaia e socialista (1930-1939)" in Colletti, Enzo. L'Internazionale operaia e Socialista, número especial da revista Annali, Milano, Feltrinelli, 1983

----- . "Il problema del finanziamento della Concentrazione d'azione antifascista negli anni 1928-1932" in Storia Contemporanea, 9 (3): 425-464, 1978

Tranfaglia, Nicola. "Gaetano Salvemini - Storico del fascismo" in Studi Storici, XXIX, 4:903-924, 1988

Trento, Angelo. "L'antifascismo italiano in Brasile" in Latinoamerica, 30-31, abril/setembro 1988: 87-98

----- . O fascismo italiano, São paulo, Ática, 1986

----- Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil, São Paulo, Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989

-----, "Relações fascismo-integralismo: o ponto de vista do Ministério das Relações Exteriores italiano" in Ciência e Cultura 34 (12): 1601-1613, dezembro 1982

Trindade, Héglio. Integralismo - o fascismo brasileiro na década de 30, São Paulo, Difel, 1974

Wagner, Reinhard. "Os parceiros de Ibicaba" in Trabalhadores, 3: 30-35, 1989